Espíritos e Ritos Angolanos

Óscar Ribas

ILUNDO

Edição
Comemorativa
do Centenário
do Nascimento
de Óscar
Ribas

70 ANOS Óscar Ribas

Óscar Ribas

ILUNDO

Edição
Comemorativa
do Centenário
do Nascimento
de Óscar
Ribas

FICHA TÉCNICA

Autor: Óscar Ribas

Título: Ilundo

Espíritos e Ritos Angolanos

Edição: Ministério da Cultura - Comissão Organizadora

da Conferência Internacional sobre a Vida e Obra de Óscar Ribas

Coordenação da Edição: Instituto Nacional do Livro e do Disco

Rua Cirilo da Conceição Silva n.º 7, 2.º andar – Cx. Postal 1248

Luanda

E-mail: inaldangola@yahoo.com.br

Capa: Ricardo Andrade

Paginação e Coordenação Editorial: Mercado de Letras Editores

Rua Engº Ferry Borges, n.º 3B, Esc. A, Telheiras — 1600-237 Lisboa

E-mail: editorial@mercadodeletras.pt

Impressão e Acabamento: Rolo & Filhos II, S.A.

Depósito Legal: 4711/2009

A presente obra foi publicada com base na edição de 1989.

DEDICATÓRIA

Em lembrança de minha mulher Maria Cândida, esta manifestação de gratidão, pela tua estupenda colaboração em quase toda a minha obra literária. Mesmo adoentada, estirada na cama, corrigias, sugerias, mais valorizavas temas já publicados. Aqui, no lar, no nosso quarto de alegrias e tristezas, enquanto eu, escutando o que minha auxiliar ditava, atentamente dactilografava de novo tais produções. Então, desde o princípio ao fim, ouviste Alimentação Regional Angolana, Uanga, Ecos da Minha Terra, Temas da Vida Angolana e Suas Incidências e Ilundo, sempre notando o que melhor convinha. Até mesmo no último dia de tua permanência em nossa vivência comum - dia em que baixaste ao hospital - falaste numa passagem de minha obra!

Depois, no longe para onde foste - que desolação! - encontrei-te estirada no sono da morte! E assim, ora um elo, ora outro, totalmente se extinguiu a minha insubstituível cadeia de solidariedade literária. Adeus, até à eternidade!

Óscar Ribas

ESCLARECENDO

Não foi sem grande trabalho e profundas lucubrações que elaborámos esta monografia. Mais do que qualquer outra obra nossa já publicada, e mesmo da trilogia sobre a literatura angolana - "Missosso" - este trabalho é a produção que, dada a transcendência da matéria, mais rigor nos mereceu. Daí, um redobrado esforço, quer mental, quer de investigação.

Para a estruturação deste livro, recorremos não apenas às nossas informantes habituais, mas ainda a diversas ocultistas, tendo-nos estas fornecido a maioria dos elementos dos capítulos "Iniciação de Xinguilador" e "Ritos Diversos". Apesar de termos estado em óptima companhia, que trabalhão não tivemos para obter uma massa substancial, absolutamente necessária ao entendimento. Sim, que trabalhão, pois os informes que nos prestavam, nem sempre vinham completos. Portanto, devidamente claros. E só à custa de muito interrogar, muito repisar na mesma tecla norma que nos tem arrancado de inúmeras incompreensões - e ainda de muito pensar na ligação de esclarecimentos díspares, conseguíamos iluminar as lacunas.

A religião tradicional angolana, embora assente nos mesmos fundamentos, nem sempre, no entanto, apresenta a natural uniformidade, quer na concepção do mesmo mistério, quer na efectuação da mesma liturgia, não apenas de região para região, mas até de ocultista para ocultista. Em face de tamanha complexidade, e mesmo porque não dispomos dos elementos, limitámo-nos simplesmente a arquivar o que se observa na área de Luanda, apontando, quanto possível, as variações cumpridas no interior, a fim de melhor se confrontarem as diversas formas de culto. Se, nalguns passos, não fomos mais elucidativos, tal se deve ao facto de as nossas informantes, mesmo ocultistas, não nos terem sabido responder: é que, por falta de um registo, ora causando a destruição, ora promovendo o sincretismo, ora, enfim, abalando a

essência da verdade remota, a religião africana, pelo menos nestas paragens, mostra-se confusa em muitos pontos. E quanto mais tempo decorrer, mais baralhada ou obliterada ficará a explicação das entidades sobrenaturais e de outras manifestações do culto.

Em virtude de não passarmos de mero colector de costumes e ritos, isto é, de pura tarefa de folclorista, este ensaio restringe-se às generalidades. Penetrar fundo, analisar minuciosamente, constituem atributos demasiadamente transcendentes para a nossa modesta bagagem intelectual. O que pretendemos - e esse objectivo já nos desvanece - foi proporcionar a todo o leitor, qualquer que seja o seu nível cultural, uma ideia clara, sem abstracções, do culto entre os aborígenes.

Só dos aborígenes? Que ninguém nos oiça: e também entre indivíduos de camadas evoluídas. Em resultado da íntima convivência, o espiritualismo africano deu as mãos ao cristianismo, e assim, ambas as religiões, na mentalidade dessa gente, maior poder milagroso passaram a assumir. Daqui, o que Deus não concede, concedem os espíritos. Mas este dualismo entre os segundos, observa-se ocultamente, não vá ninguém rir-se, apodá-los de atrasados!...

Suspendamo-nos em meditação. Num ambiente de milenário mediunismo, como se poderá, na verdade, libertar totalmente dessa forte pressão? Impossível! Tudo deixa vestígio, quer na matéria, quer no espírito. É a lei da Natureza. Se assim não fora, que seria do passado? Nem lembrança!

Quem há que não sinta dentro de si, no recôndito de sua alma, a voz da ancestralidade? Quem, muito caladinho, não teme o sobrenatural? Ninguém, porque essa voz estranha, longínqua de milénios, vive em todos nós.

"Faz parte integrante do homem - diz o insigne historiador e folclorista brasileiro, Walter Spalding, em sua magnifica obra *Tradições e Superstições do Brasil-Sul* - a crença no sobrenatural. Não há, no mundo, quem não tenha

qualquer coisa de extraterreno no seu subconsciente. O mais incrédulo dos homens tem fé, por mínima que seja, em alguma cousa: amuleto, número, dia do mês ou da semana, estrela ou astro, em algum "não presta" ou "não se deve fazer porque atrai malefícios", etc.

Tanto maiores são, no geral, as crenças ou crendices quanto mais inculto for o homem, se bem tenha havido - e existam - verdadeiros sábios que crêem em abusões e apreciam amuletos e fetiches...

Coisas da alma humana sempre propensa às coisas com presumíveis causas misteriosas ligadas, ou mais ou menos ligadas ao sobrenatural.

"Hall escreveu - refere o eminente mestre da sociologia brasileira, Gilberto Freyre, em sua formidável obra *Casa Grande e Senzala* - que todo civilizado guarda em si, da ancestralidade selvagem, a tendência para acreditar em fantasmas, almas do outro mundo, duendes."

Em razão dessa força misteriosa, ambas as religiões ainda coabitarão no mesmo indivíduo por longos anos. Mas este complexo também se verificava no antigo colono, também não desembaraçado inteiramente das crenças do paganismo. E quantos anos não rolaram sobre a sua conversão ao cristianismo? Quantas gerações não se sucederam no martelar da nova religião? Por isso, Leitor, de admirar não é, entre a maioria da Família Angolana, o uso simultâneo dos dois lados da medalha: - o mediunismo e o cristianismo, ou, inversamente, o cristianismo e o mediunismo.

Em face da sincretização religiosa, ocultistas há que, para bom desempenho de seu ministério, vão às igrejas, não só em demanda do natural benefício, mas também do condenável malefício. Sim, porque, em seu entender, Deus não dá apenas o benefício, mas também o malefício. Assim, nas capelas propícias, furtivamente exibem suas trouxinhas à imagem, tendo chegado mesmo, para maior virtude, a depositarem-nas, pelo menos durante uma noite, no escaninho mais conveniente.

Outros ainda, proclamando-se inspirados por Nossa Senhora, de quem receberam o poder para o sacerdócio, com Ela *trabalham* na prática do bem servir. Então, possuem em seus santuários privativos - dilombes - imagens da igreja católica de mistura com objectos do culto tradicional.

O caso mais saliente em que as duas religiões se consorciam, é o do sufrágio da alma, entre as gentes das baixas esferas. Como os festins realizados por morte de alguém visam a minorar o sofrimento dessa mesma alma, produzindo nela o sentimento da conformidade com o seu novo estado, propiciam-lhe tal festim na véspera da missa. Destarte, a alma frui um duplo benefício.

Conforme já dissemos, este ensaio custou-nos muito trabalho. Agora, acrescentamos: e bastante dinheiro na recolha dos elementos prestados pelas ocultistas. Chegámos a pagar a hora a oitenta escudos. E quantas horas, repartidas por sessões, não foram necessárias para a explicação, reexplicação e apontamentos da matéria? Cobravam-se bem porque - alegavam elas - haveríamos de ganhar muito dinheiro com o livro!

Se todos os elementos fornecidos fossem assim remunerados, ou os livros teriam que ser vendidos pelo dobro, ou do produto da venda nada restaria para ocorrer às inúmeras despesas de nossa labuta literária. Porém, o que não podemos regatear, é a riqueza dos dados que, em troca, nos facultaram. Mas - justiça se lhes faça - a par dessa riqueza, tão ciosamente guardada em suas mentes, por isso raro acessível a estranhos à sua intimidade, essas ministras do culto ainda nos favoreceram com uma valiosa demonstração de solidariedade: - a fidelidade.

Já que falámos no valimento das ocultistas em relação a esta obra, de modo nenhum podemos deixar de sublinhar os incansáveis préstimos de nossas habituais informantes. Se aquelas, com o seu saber de profissionais, nos revelaram muitos mistérios, sobretudo o complicado cerimonialismo do desenvolvimento mediúnico, com as consequentes actuações dos espíritos,

agrupados em secções ou *pedras*, as ditas informantes, com a sua experiência, não menor contribuição nos prestaram. Na qualidade de familiares, como, aliás, já declarámos em *Uanga*, a sua acção foi amoravelmente desinteressada, apenas desejando serem-nos úteis na nossa missão de exumação das coisas angolanas. Ao contrário das ocultistas, elas compreenderam perfeitamente a tarefa que nos impusemos: - arquivar, para a posteridade, as páginas esparsas da vida negra, por ora impelidas pelas lufadas da tradição, mas, um dia, extintas pelas labaredas da civilização.

Para documentação da verdade expendida, ilustrámos a presente obra com várias fotografias. Para o efeito, organizámos expressamente uma dissaquela, ou, portuguesmente, um ritual de evocação de espíritos. A função durou três horas e meia. Começou às dezassete e terminou às vinte horas e meia - razão por que o firmamento ora se apresenta claro, ora escuro. Fixaram-se setenta e cinco aspectos, dos quais se apuraram cinquenta e dois. Apesar do maior cuidado posto na reportagem, ocorreu um incidente que muito nos penalizou: a captação da fase em que duas médiuns absorvem o sangue do leitão sacrificado. É que, justamente nesse momento, houve necessidade de se substituir o rolo na máquina. Mesmo assim, um flagrante da imolação ainda traduz o acto. Conforme as gravuras, o leitão foi abatido à machadada, ao passo que a galinha o foi por torcedura do pescoço, sucessivamente efectuada por ambas. Pela razão apontada, também não foi possível a sua captação.

Na glorificação aos gémeos, igualmente apresentamos alguns quadros dos mais típicos. O cerimonialismo foi interpretado pelas mesmas figurantes, antes da realização da sessão mediúnica.

Transcritas as palavras da primeira edição, cumpre-nos agora acrescentar que esta reedição foi bastante valorizada, quer no aspecto terminológico, quer na explanação em si.

Relativamente à parte vocabular, substituímos os termos: *espiritismo* por *espiritualismo* e *mediunismo; deus* e *divindade* por *espírito, entidade espiritual* ou *ser espiritual:* e *místico* por *ritual, sobrenatural* ou outro equivalente. Embora obedecendo a reparos formulados com dignidade construtiva, nem por isso os acatámos imediatamente: só depois de ponderados e escutado o parecer de outros abalizados intelectuais, nos decidimos a aceitar a observação. Mas, para o termo *espiritismo,* lemos diversas obras especializadas, algumas delas, em testemunho de solidária camaradagem, espontaneamente fornecidas por esses mesmos confrades.

A esta série de alterações, devemos ainda juntar a substituição de *médio* por *médium*. Inicialmente perfilhando o preceituado pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,* elaborado pela Academia das Ciências de Lisboa, acabámos por adoptar a forma observada pelos estudiosos brasileiros, por se nos afigurar, tal como a eles, de maior elevação linguística. "*Médio* - havia-nos dito um desses intelectuais - lembra o jogador de futebol. Só o macumbeiro emprega esse termo." De modo que actualmente, melhor interpretando o real sentido de ambos os vocábulos, ou seja, convenientemente demarcando acepções diametralmente opostas - funções materiais e funções espirituais - decididamente optámos pela palavra latina *médium*. No tocante ao contexto, não só corrigimos deficiências, mas ainda introduzimos novos elementos - uns de episódios ilustrativos, outros de pormenorização e outros de cerimoniais de interesse. Para tal, recorremos a mais dois ocultistas. Desta vez, varões.

Mesmo o Elucidário, que mais não é do que um extracto parcial ou total de nosso Dicionário de Regionalismos, também se apresenta profundamente remodelado, de acordo com as constantes correcções que essa obra exige, para uma eficiente consulta. Por tudo isso, maior mérito alcançou o presente trabalho.

Significa isto, porventura, que desapareceram as inexactidões? De modo nenhum! Por muito que nos empenhemos em apresentar uma produção satisfatória, pelo menos, neste sector, nunca deixará de passar algo de deficiente. Para tanto, basta uma interpretação errada do pesquisador ou uma explicação obscura do informante. Se tal aconteceu - o que não negamos - a reiteração de nossas desculpas. No entanto, não hesitamos em repetir os votos expressos na edição anterior: que esta obra mereça algum préstimo aos estudiosos, é o que sinceramente desejamos.

Verdadeiramente, foi esta obra valorizada em sua profundidade, conforme já referimos na 2.ª edição. Nesta 3.ª - apenas correcções superficiais introduzimos.

Além da grafia dos nomes dos espíritos, agora escritos em sua forma regulamentar - como *Nvunji*, em vez de *Vúnji; Kiteri*, em vez de *Quitéri; Dinyânga*, em vez de *Dinhanga* - mais uma série de pequenos melhoramentos como diversa interpretação de vocábulos quimbundos - nos foi sugerida pela experiência e pelo entendimento dos factos.

Não obstante a superficialidade das modificações e acréscimos, ganhou a obra mais importância, quer no aspecto ortográfico, quer na realidade etnográfica. Mesmo assim, ainda nos socorremos de nossa única informante - nossa mulher, lamentavelmente falecida a 8 de Dezembro de 1986. E a despeito de tudo isso, a meditação não deixou de nos iluminar a obscuridade das hesitações.

De todas as nossas obras, é esta que, incontestavelmente, mais material de investigação exigiu de nós, não apenas entre as nossas já extintas informantes habituais, mas também - e de forma poderosa - de ocultistas, ou, mais especificamente, quimbandas. Graças a eles - a sua sabedoria aliada à abertura de revelação - pudemos obter os mistérios de sua religião tradicional.

A fim de o Leitor formar uma ideia do trabalho despendido, vamos relatar como se processaram as investigações:

Foi no ano de 1957. Durante alguns sábados, no período da tarde, eu, minha mulher, meu irmão Joaquim e sua mulher, deslocávamo-nos à casa de uma célebre quimbanda, a quem já nos referimos.

Ela, por sua vez, já se achava acompanhada de mais outras duas quimbandas que a auxiliavam em determinadas funções. As explicações, depois de analisadas e compreendidas, eram por mim ditadas a meu irmão, que as escrevia. Duravam as sessões umas quatro horas, regadas a cerveja.

Por efeito de esclarecimentos em dúvida, recorremos particularmente a essas duas adjuntas. E diversas vezes também, tivemos de ouvir uma xinguiladora - médium - para nos inteirarmos de fenómenos da mediunidade. E também as nossas informantes habituais nos forneceram boa carga de elementos.

Anos volvidos, tivemos a ventura de recorrer a um quimbanda nonagenário. Conquanto a colecta não fosse abundante, não deixou de ser preciosa, nomeadamente na interpretação da simbologia dos caracterizadores rituais e complementação de outras matérias. E quanto à remuneração, nada explorador! Morava ele próximo de nossa casa. Então, dispôs-se a ir até lá. Além de quimbanda, tinha ele fama de feiticeiro. Mas tudo decorreu normalmente. Nas pausas da explicação, petiscava peixe frito, queijo, pão e gasosa (mas da marca de sua preferência). Não bebia vinho. Ao contrário da quimbanda inicial, ele era calmo, não se contrariando com "porras".

Mais tarde, outro quimbanda ouvimos. Mas por dúvida de uma prática. Apenas por meia hora. Mas este, para que a voz não se lhe secasse, esvaziava garrafas pequenas de cerveja quase de seguida.

Hoje, na derradeira valorização desta obra, é com um misto de orgulho e enternecimento que reconhecemos a excelência desse tempo.

Dado que a escrita angolana assenta no sistema sónico, cada letra possuindo um único valor, consequentemente um som exclusivo, com a particularidade de as consoantes *m* e *n*, precedendo sílaba iniciada por outras consoantes (como *d, g, j, z,* e outras mais), apenas nasalarem essas mesmas consoantes, portanto sem modulação específica, apresentamos, no final do capítulo "Iniciação de Xinguilador", a leitura das entidades espirituais. O dígrafo *ny* corresponde a *nh*.

INTRODUÇÃO

A religião negra, embora tenha Deus por fulcro, assenta na comunicação com os espíritos. Em resultado, dever-se-ia chamar ***Espiritualismo****, ou, em precisão de sentido,* ***Espiritualismo Negro****, e não extensivamente* ***Feiticismo****. Mesmo* ***Fetichismo****, como pretendem alguns eminentes investigadores, o termo, em nosso modesto pensar, igualmente seria impróprio, pois não constitui senão um arremedo de* ***feiticismo****.*

"Foi De Brosses - esclarece o renomado folclorólogo brasileiro, Arthur Ramos, na sua notável monografia ***O Negro Brasileiro****, págs. 28 e 29, ed. de 1934 - quem pela primeira vez empregou a expressão* ***fetichismo*** *para designar aquela forma de religião que consiste na adoração de objectos materiais* ***gris-gris*** *ou* ***fetiches*** *pelos Negros da África.* ***Fetiche*** *é, aliás, a tradução francesa que os comerciantes do Senegal fizeram da palavra portuguesa* ***feitiço****. Em etnografia religiosa porém, costuma-se empregar, como aliás o fez Nina Rodrigues,* ***fetiche****,* ***fetichismo****, para evitar a confusão com o significado de* ***feitiço****,* ***feitiçaria****.*

Alguns autores fazem derivar a palavra ***fetiche*** *do latim* ***factitius****, no sentido de encanto mágico, para designarem os* ***gris-gris****. De Brosses a considera no sentido de coisa feita (chose fée, enchantée...), fazendo derivar da raiz latina (atum, fanum, fari). Esses* ***fetiches*** *ou* ***gris-gris*** *são objectos materiais, quaisquer árvores, montes, o mar, fragmentos de madeira, seixos, conchas, etc., preparados e consagrados pelos sacerdotes, tornando-se, pois, coisas feitas e objectos de culto."*

A esta erudita explicação, respeitosamente contrapomos que a base da religião se firma, não em ***coisas feitas****, mas tão-somente nos espíritos. "Torna-se evidente - reconhece o insigne mestre na pág. 178 - que, nas proto-religiões selvagens, o essencial do culto é o contacto com as divindades, que o primitivo provoca em várias práticas de sua liturgia simbólica". Sim, porque o espírito é o agente, a força, a fonte das energias maravilhosas. E a* ***coisa feita****, apenas é o efeito, o instrumento impregnado*

de privilégio. Ora, sem intervenção dos espíritos, esses objectos não terão virtude. Como o comum das coisas, assim se tornariam eles.

"Embora o feiticismo esteja muito desenvolvido entre os negros, a adoração dos feitiços não constitui toda a sua religião. A crença nos espíritos, o culto dos antepassados e dos fenómenos da natureza encontram-se muito frequentemente; divinizam o Céu, o Sol, a Lua, sobretudo, as montanhas, os rios. Aqui e além vê-se aparecer a crença num Deus superior, criador do mundo, mas este Deus não é adorado: em geral os negros dispensam mais atenções às suas divindades maléficas e temíveis do que às boas." - comenta Chantepie de la Saussaye na sua ***História das Religiões****, pág. 31, ed. portuguesa de 1940.*

O espiritualismo, dentro da concepção geral, envolve, pelo menos, quatro modalidades, segundo menciona Deolindo Amorim em ***O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas****, pág. 18, ed. da Federação Espírita do Paraná: "1.ª - a concepção comum, isto é, a que admite a existência de um princípio espiritual, ainda impreciso ou vago, sem filiação a qualquer sistema doutrinário ou filosófico; 2.ª - a concepção teológica, que aceita a imortalidade da alma e a vida futura após a morte, em razão de dogmas e "pontos de fé", sem demonstração experimental; 3.ª - a concepção reencarnacionista das diversas escolas espiritualistas (****Teosofia, Rosacruz, Exoterismo****, etc.), cada qual com a sua organização, sua sistemática, seu corpo de ensinos; 4.ª - finalmente, a concepção* ***espírita*** *de espiritualismo, partindo de uma base experimental - o fenómeno - formando um corpo de doutrina, que, embora seja também reencarnacionista, apresenta particularidades diferentes das outras doutrinas do mesmo ramo."*

Por sua vez, o feiticismo, como o próprio termo indica, assenta na prática de feitiços. Consequentemente, o adúltero ***fetichismo****. Ora feitiço é um malefício. Portanto, feitiço envolve mau sentido, como verdadeiramente deve ser considerado, e não exprimindo indiferentemente o bem e o mal, como lamentavelmente o uso consagrou.*

***Umbanda** e **uanga**, na liturgia dos Quimbundos, representam os dois pólos: o primeiro designando **ciência de quimbanda, arte de curar, cerimónia ou prática ritual** (efectuadas por quimbanda); e o segundo, **ciência de feiticeiro, malefício, veneno ou droga nociva** (propinados por ocultista). Desta ausência de critério, ou, antes, desta unidade de expressão, resulta a obscuridade lançada pelo termo **feitiço**. Daí, para muitos, a falsa concepção de que a religião negra se funda exclusivamente no mal. Nada disso. Como as outras religiões, a sua função primordial é atrair o bem, impedir o mal pelo temor.*

*Analisada, embora fugidiamente, a plenitude lograda pelo vocábulo **feitiço**, devemos ainda esclarecer que os Negros não adoram o Céu, o Sol, a Lua, o mar, os rios, os montes, as árvores, as pedras e outros seres. Quanto aos astros, simplesmente os temem, não por os considerarem divindades, mas tão-somente pelas forças fluídicas que deles derivam - forças que os ocultistas trabalham para o bem ou o mal de alguém. Neste particular, também salientamos o vento, especialmente a primeira lufada depois do meio-dia. E quanto ao mar, rios, montes, etc., igualmente o que adoram são os seres sobrenaturais que neles habitam - sereias e diferentes categorias de espíritos, respectivamente designados por **quiandas** e **quitutas**. Logo, cultuando essas entidades, forçosamente terão que reverenciar os lugares de sua permanência.*

Na religião negra, nada se opera sem a influência dos espíritos: através dos seus instrumentos de mediunidade, eles agem para todas as circunstâncias, quer para o bem, quer para o mal. São os espíritos que revelam as causas das enfermidades, azares, tudo, enfim, o que se pretende saber. São os espíritos que receitam por intermédio dos seus sacerdotes, quer no momento da actuação, quer em sonho também. E são os espíritos ainda que tomam à sua guarda quem a eles recorre, ou, inversamente, também são eles que matam, quando a isso os induzem, ou, em livre actuação, em vingança de um crime praticado por um antepassado.

Em todos os povos, qualquer que seja o seu nível cultural, o bem e o mal andam sempre a par. Rigorosamente, ninguém é bom: dentro de si, cada qual

alberga os sentimentos primários da ferocidade. A conduta depende do momento.

Com o Negro, idêntica psicologia se verifica. É bom em atmosfera normal, e mau, em conflito de interesses. E é neste caso que usa o feitiço, para maleficiar quem o hostiliza. Mas valendo-se igualmente dos espíritos.

A abonar a nossa modesta interpretação, invocamos os termos ***ilundo*** *e* ***mahamba****, os quais exprimem todas as manifestações espíritas. Conforme o sacerdócio, assim variam as designações dos seus ministérios. Em suma: todos os actos da vida giram em torno dos espíritos.*

A secundar o nosso parecer, invoquemos agora a filosofia do povo. Ouçamos, pois, o seguinte conto tradicional, narrado por uma nonagenária [1] *do Cacuaco - povoação próxima de Luanda:*

O senhor "Suceda o que suceder, no mundo nada há que me prejudique" nunca pretendeu uma mulher. Mas quando alguma estivesse para casar, portanto já satisfeito o alembamento, ele, no dia aprazado para o consórcio, apresentava-se a buscá-la.

- Lá venho buscar a minha mulher... - Declarava com naturalidade.

Os pais acediam, a noiva o acompanhava. Ninguém dava pelo embuste. Daí a pouco tempo, aparecia o noivo verdadeiro.

- Já venho buscar a minha mulher...

- Que mulher queres mais? Não a levaste já?

O ludibriado noivo retirava-se furioso. Para se vingar, procurava um quimbanda, pelo feitiço o queria matar. Mas o feitiço não surtia efeito.

O senhor "Suceda o que suceder, no mundo nada há que me prejudique", sempre assim procedendo, arranjou cinquenta e quatro mulheres, todas a casar com indivíduos diferentes. E sempre invulnerável a bruxedos.

Ao quinquagésimo quinto logro, o noivo obteve do ocultista a seguinte elucidação:

[1] Chamou-se Ndasala - Serafina - havendo colaborado em *Missosso I* com mais outro conto - *Kimalauezu* - e alguns provérbios.

- Nada podes com ele, o seu feitiço é poderoso. Se queres realmente que ele morra, primeiro enfeitiço a ti, para que a tua alma, depois, o venha buscar. De contrário, nada consegues.

O homem concordou. Sim, morreria, mas vingar-se-ia daquele patife! Vai a Luanda, adquire um caixão. No regresso, coloca-o no seu quarto. E no dia em que devia morrer, mete-se nele, todo limpo, penteado e vestido com a sua melhor roupa. Antes, fechara a porta, apenas deixando a janela aberta.

Como ninguém o tornasse a ver, os vizinhos chegaram-se à casa. Pela já nela, atiraram o olho. Com surpresa, descobrem o ataúde.

- Hela! Um caixão!... - Gritam.

Arrombam a porta. Morto, em sua apresentação esmerada, assim o vêem. Comenta-se o caso, faz-se-lhe o enterro.

No dia imediato, o senhor "Suceda o que suceder, no mundo nada há que me prejudique" sente-se incomodado. Ainda se agarra ao seu poder mágico. Mas vem-lhe um ataque, nele se fica.

- O senhor "Suceda o que suceder, no mundo nada há que me prejudique" morreu?! Como foi isso? - Murmurava o povo.

- Com certeza foi o outro, em vingança da patifaria que lhe fez! Não estão a ver? Ele ser enterrado ontem, e este morrer hoje? - Ponderavam outros. No Além, o vingador desfecha-lhe:

- Morri antes de ter chegado o meu dia! Mas preferi assim! Como, no mundo, ninguém podia contigo, deixei-me matar para te matar também! E tuas mulheres também virão para cá!

E uma por uma, a começar pela sua antiga noiva, forçou-o a arrebatar todas elas.

Dado o constante recurso aos espíritos, por quê não se qualificar a religião negra de Espiritismo, como inicialmente havíamos proposto [1]? Escutemos, mais uma vez, a argumentação de Deolindo Amorim, expendida na pág. 83 da citada obra:

"O Espiritismo tem, indiscutivelmente, consequências religiosas, e muito profundas, mas a sua esquematização, a sua índole e a sua conceituação básica não comportam qualquer forma de culto material, nem sacerdotes nem chefes carismáticos. Religião constituída prevê culto material, ritos, formalidades, etc. etc., e é neste ponto, ainda mais, que o Espiritismo assume uma posição que não permite confusão com a ***Umbanda*** *ou qualquer outro culto religioso, por mais antigas que sejam as suas tradições, por mais importante que seja a sua função social."*

No tocante a formalismos, especifica o dito autor nas págs. 73 e 74:

"O Espiritismo NÃO tem culto material. O Espiritismo NÃO tem ritual. O Espiritismo NÃO prescreve qualquer forma de paramento nem comporta o formalismo de funções sacerdotais. O Espiritismo NÃO admite o uso de imagens, seja de ***santos****, seja de quaisquer divindades, como não permite o emprego de qualquer sacrifício em razão de crença. O Espiritismo NÃO tem sinais cabalísticos nem símbolos. O Espiritismo tem a SUA nomenclatura, segundo a Codificação da doutrina, em cujo vocabulário não se encontram as designações usuais no culto umbandista, quer em relação aos médiuns, quer em relação aos espíritos."*

Dada a transcendência do assunto, vamos transcrever o parecer que, a respeito, Armando Cavalcanti Bandeira - um outro intelectual brasileiro, igualmente estudioso do fenómeno religioso - nos fornece em carta com que mui amavelmente se dignou responder a uma consulta nossa, feita em 1970:

"Recebi a sua carta de 2 de abril, tendo muita satisfação em saber que está reeditando seus livros.

Os seus livros realçam o historiador emérito, com fortes traços de pesquisas do etnólogo incansável em demonstrar os valores ético-religiosos que dormem escondidos nas almas africanas de tradições milenares.

É a grande afirmação do conhecedor aliada ao espírito indómito português na busca incessante da verdade.

(1) Ver 1.ª edição (1958).

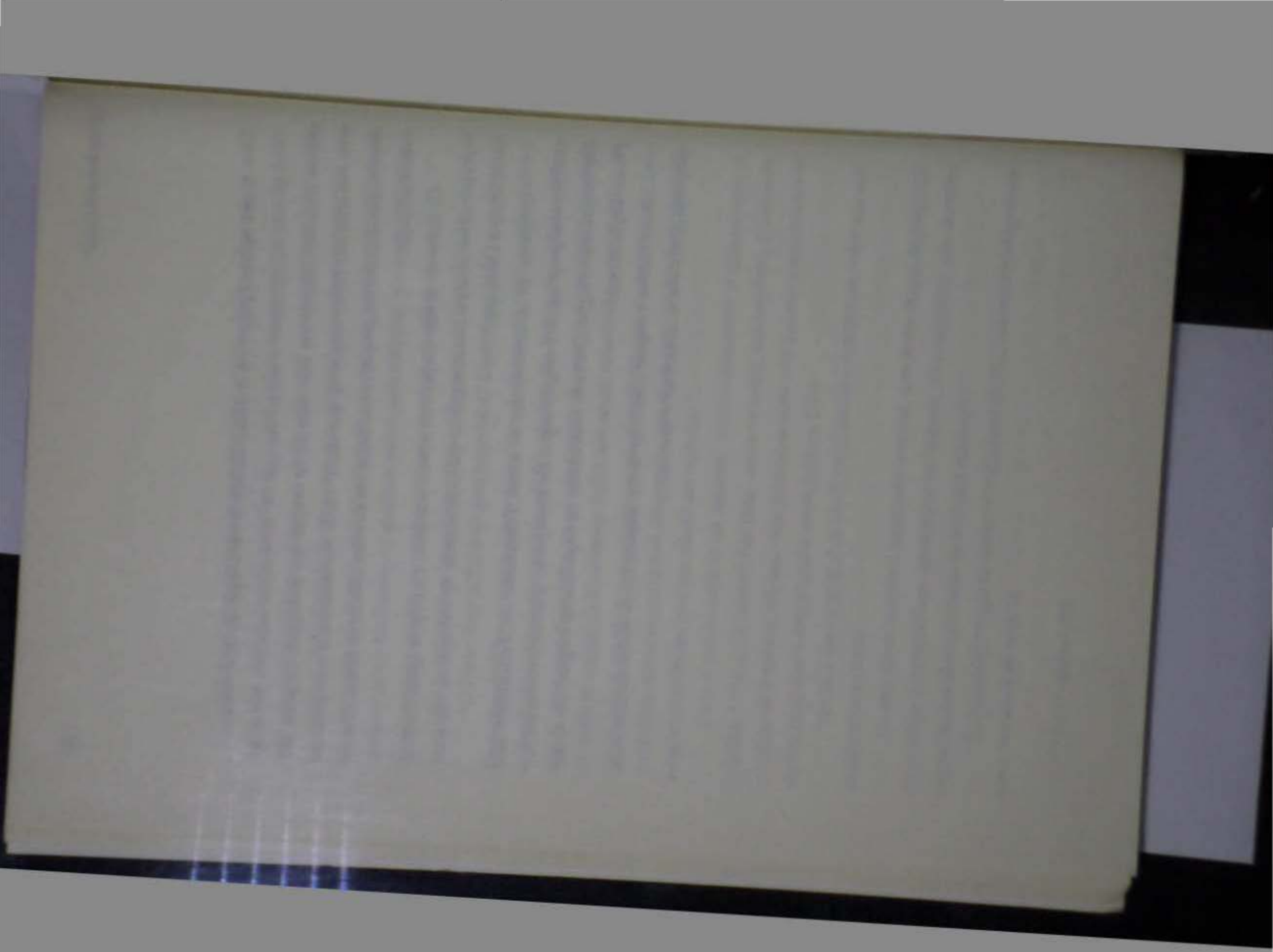
Terei o máximo prazer em relê-los, mas ainda não chegaram até o momento.

Já está ultrapassado o tempo em que os Kardecistas achavam serem os únicos espíritas. Mando-lhe três recortes de artigos que publiquei, os quais são bem elucidativos. Neles verificará, que desde 1953, renunciaram a esse pretenso direito, após decisões em conclaves realizados em diversas cidades do Brasil. O mais é desatualização.

De outro modo não compreende o povo brasileiro, e a própria Igreja Católica já propõe como válida a conceituação de um Cristianismo Afro-Brasileiro, não mais combatendo a Umbanda."

Conforme já demonstrámos, o termo ***Feiticismo*** *ou* ***Fetichismo*** *não qualifica com propriedade a religião negra. De nossa parte, optámos actualmente por* ***Espiritualismo Negro****. Contudo, inquirimos: ou* ***Espiritismo Negro****? Ou ainda:* ***Proto-Espiritismo****?*

Aos eruditos compete decidir se desta, daquela ou de outra maneira mais adequada. Em Ciência, contribuir é iluminar.



ENTES SOBRENATURAIS

Os entes sobrenaturais dividem-se em: soberanos e intermediários. E os intermediários em: superiores, auxiliares e serviçais.

Os soberanos são: Nzâmbi e Kalungangombe. E os intermediários classificam-se em: miondonas, calundus, malungas, quitutas e quiandas. *Nzâmbi* é Deus, o Criador, o Autor da existência e de suas características dominantes - o bem e o mal.

Conquanto seja o Ente Supremo, não rege directamente os destinos do Universo. No tocante ao nosso planeta, serve-se de intermediários - os demais entes sobrenaturais.

Em face das atribuições de que se revestem, assumem o carácter de semideuses. Por efeito desse privilégio, é a eles, pois, a quem os crentes se dirigem em suas emergências. Decorrentemente, a quem lhes prestam culto. Enquanto esses mesmos entes permanecem nas profundezas do globo, Nzâmbi paira em toda a parte, sem lugar determinado. Pelo alheamento a que votou os problemas mundanos, só é invocado em última instância. Tal como noutros povos, também existem sinónimos para o designar: Kalunga, Lumbi lua Suku, Suku, etc.

Kalungangombe - o juiz dos mortos - tem o poder de suprimir a existência. Mas, se Nzâmbi não concordar com sua decisão, o mortal continuará subsistindo. Portanto, intervém quando necessário.

- Deus está nas alturas, Deus está em baixo. - Proferem os quimbandas em determinados ritos.

- Se tenho o coração grande (perverso), é porque Deus assim mo fez. Se colho plantas más, é porque Deus as plantou. - Defendem-se os feiticeiros. *Kalungangombe* é o ente espiritual que, nas profundezas do globo - o Além-Túmulo dos aborígenes - suprime a vida, julga e pune os mortos.

- Uns colho eu, outros a mim vêm ter. - Objecta ele às acusações originadas pela mortalidade.

Os que lhe vão parar às mãos, são os que sucumbem forçadamente, como os suicidas e os enfeitiçados.

Após a morte, a alma liberta-se, não para o infinito, mas para debaixo da terra. Entretanto, não abandona o lugar em que o corpo foi sepultado. Tal como na vida terrena, as almas mantêm seus antigos sentimentos e hábitos, ainda gostando de comer, beber, fumar, copular, divertir-se. Nos momentos de folia - declara o povo - suas canções e instrumental soam aos viventes, na solidão da noite, em deliciosas emanações, ora se aproximando, ora se afastando, como que impelidas por suaves lufadas de vento.

Quando vítimas de terrível bruxedo - a maiombola - trabalham em lavouras humanas, durante alguns anos, como que cumprindo um contrato. Mas permanecendo amarradas a cordas pela cintura, para não se evadirem desse forçado cativeiro. Por isso, em determinadas possessões, surgem lamentosas, declarando que trabalham mais do que os viventes.

- Aiuê, a minha vida! Aiuê, a minha vida! Aiuê, a minha vida! - Pranteia a alma nessas ocasiões. Depois, serenando, já enxutos os olhos com a ponta do pano [1] - Boa tarde! Como têm passado? Têm comido e bebido bem?

- O comer e o beber é isto: são os desgostos e os trabalhos da vida! - Lamenta-se a criatura que desejou a sua incorporação.

- Trabalhos? O Além é horrível: vai gente, mas não sai gente [2]. Debaixo da terra é horrível! - Objecta-lhe a alma.

A alma não reencarna [3]. "Quem vai para o Além, não volta

[1] Em possessão, o médium representa a entidade actuante. Portanto, quem opera é esta.

[2] Ku'Alunga, ku akola: ku ia mutu, ku tundê mutu.

[3] Acerca da reencarnação, todas as pessoas que interrogámos, aliás de absoluta idoneidade, negaram a existência de sua crença entre os naturais. Mas, através de um conto inserto em *Missosso I*, verificámos o fenómeno da transmigração: dois irmãos que, após se introduzirem na terra por incesto involuntário, reapareceram em gravidez de outra mulher.

mais [1], "Dogmatiza a filosofia popular. Mas, contrariamente a esse processo de evolução através de sucessivas existências, a alma prossegue no seu mundo a sua marcha evolutiva, quer concentrando-se, quer robustecendo-se. Por isso, refinando o senso, ampliando o poderio, até se tornar em espírito superior, intermediário de Deus. "O calundu foi pessoa, a pessoa será calundu [2]." - Proclama essa mesma sabedoria. Ora é justamente o estado de calundu a fase máxima da evolução espiritual.

A alma, após a morte, acompanha o corpo, e com ele se fixa no seio da terra. Entretanto, dá fé do que fazemos, e quando lhe apetece, vem à superfície, preferentemente de noite, pois a luz a incomoda. E quando anda, seus pés não pisam o chão: caminham no ar, a uns cinquenta centímetros de altura, mas deixando ouvir o ruído de seus passos arrastados.

Segundo uma informante, no antigo Congo Belga - actual República do Zaire - observa-se que a alma, quando o corpo vai a ser enterrado, jaz sentada sobre o ataúde, de costas voltadas para o acompanhamento, as pernas estiradas, os braços repousando nelas, a cabeça movendo-se lentamente para os lados. Para se notar tal imagem, o curioso deve estar munido de um espelho, onde ela se gravará. O observador postar-se-á discretamente à frente. De contrário, se for surpreendido pela alma, ela o arrebatará nesse mesmo instante.

Dois factos correntes que atestam ser o mundo subterrâneo a mansão da alma, consequentemente das entidades espirituais dominadoras, são o *levantamento da alma* por ocultista, e as pragas rogadas solenemente. O *levantamento da alma,* efectuado na própria campa com o auxílio de nove agulhas e folhas verdes de zunzo, constitui prática de que os sortílegos se servem, quando, por seu intermédio, pretendem averiguar o verdadeiro

[1] Uai ku' Alunga, kavutuké.

[2] Kilundu, mutu: mutu, kilundu.

autor de um mal, ou, inversamente, maleficiar alguém. A este respeito, narraram-nos que certo quimbanda, tendo ido, de noite, a um cemitério, falar com uma alma, a fim de lhe perguntar a causa de uma doença por ela provocada, notara que, em cada sepultura, permanecia sentada a alma respectiva. Mal viram o intruso, sumiram-se rapidamente para debaixo da terra, produzindo, na submersão, um barulho semelhante ao do chocalhar de latas. Só não fugiu a alma interessada.

Nas pragas, quando se deseja dar o cunho solene, batem-se as mãos no solo, invocando a justiça de Kitedi kia Muene-Kongo e de Muene-Kongo.

Devemos confessar que não foi sem grande dificuldade que concluímos que o Além-Túmulo dos aborígenes é o mundo subterrâneo. E para chegarmos à confirmação, recorremos a aturadas inquirições. E sabem os Leitores qual a resposta que obtínhamos de entrada? "Quando morremos, vamos para o Céu." Mas, depois, à custa de exemplos aplicados a certos rituais, conseguíamos finalmente a triunfal confirmação.

O conto *Mbangu a Musungu,* enfeixado no livro *Ecos da Minha Terra,* representa um testemunho da concepção dos naturais - concepção já em decadência pela acção do Catolicismo e Protestantismo. O episódio descrito, hoje considerado lenda, não foi ímpar, antes constituiu uma prática normal.

Pelo menos, conforme nos elucida Cavazzi, vários Jingas assim procederam, não para reinarem debaixo da terra, como Mbangu a Musungu, mas para fruírem as delícias da Eternidade. Isto, a uma distância de três séculos - época em que viveu o capuchinho citado.

Analisemos agora os entes sobrenaturais intermediários:

Muondonas são espíritos tutelares. Nascem connosco e transmitem-se pela via paterna. Contudo, outras há que, vivendo fora de nós, também interferem na nossa gestação e bem-estar.

Possui cada um de nós a sua muondona. Tal como a alma, que se fixa no

corpo, também o mesmo sucede à muondona. Mas por desprendimento de uma partícula da muondona do pai. Portanto, alma e muondona coexistem num mesmo indivíduo.

Constitui a muondona o nosso anjo-da-guarda. Por isso, jamais desampara a alma, sempre a assistindo com a sua vigilância e ardor. Nas digressões que a alma efectua em sonho, a muondona não deixa de a acompanhar. Defende-nos do mal, chegando mesmo a lutar com almas ofensivamente movidas por feiticeiro, por ela recusar suas aliciantes ofertas de alimentos. Em vista desse risco, quando sentimos pertinaz desejo de comer qualquer iguaria, devemos satisfazer o apetite, pois é a muondona que no-la pede, em consequência do assédio do feiticeiro com suas tentações. E a voz íntima que, por vezes, ouvimos dentro de nós, mais não é que um aviso seu, ordinariamente nos inquietando contra a prática de determinado desejo.

Dada a sua natureza espiritual, a muondona, após a morte, liberta-se da matéria, logo a seguir à alma.

Calundus são espíritos de elevada hierarquia e evolução. Representam almas de pessoas que viveram em época remota, numa distância de séculos.

- A pessoa será calundu, o calundu foi pessoa [1]. - Argumenta a sabedoria popular.

Podem ser: medicantes, justiceiros e protectores. E consoante a longa idade que atingiram, distinguem-se: o *diculo,* que é ancião: e o *diculundundo,* que é ancião de mais avançada idade.

Transmitem-se por herança, principalmente pelo lado materno. Mas só através de rito evocatório, constituindo a renitência de uma enfermidade a manifestação de seu desejo de posse mediúnica. Portanto, actuam nos viventes, deles fazendo seu instrumento de actividade, quer falando, quer agindo. Formam uma família espiritual em relação ao seu paciente.

[1] Mutu, kilundu; kilundu, mutu.

Ao contrário do canzumbi, que é perverso, vingativamente perseguindo com molestações várias, o calundu é complacente.

- Diz: "Ó meu calundu!" Não digas: "Ó meu canzumbi!"(1) - Sentencia o povo.

Expressando por outras palavras: antes acometido por um calundu, e não por um canzumbi.

Em vésperas do falecimento de um médium, ou mesmo horas antes, os calundus incorporam momentaneamente em despedida, apenas se manifestando com menor excitação.

Malungas são espíritos simpatizantes. Foram indivíduos das raças branca e negra, sendo as malungas daquela procedência, por influência do Catolicismo, especialmente denominadas *santos*, ou mais precisamente, *santos de malunga*. Podem ser do sexo masculino ou feminino.

Ao contrário das muondonas e calundus, não actuam em cabeça. Gostam de se revelar isoladamente, em ambiente apropriado. Para tal, deve a criatura favorecida com a sua simpatia possuir um santuário, ou, regionalmente, *dilombe*. Falam fanhosamente, "com voz como que saída de cabaça", como popularmente se diz. Podem ser consultadas em adivinhação. Protegem os seus favoritos, beneficiando-os até com alimentos, tecidos e dinheiro. Mas suas observações devem ser acatadas. De contrário, acontecem azares.

Quitutas são seres espirituais terrestres. Vivem em toda a parte, como: matas, rios, cacimbas, montes, rochas.

Encarnam, ou por simpatia, ou por reabilitação, e podem provir da via paterna ou materna: da paterna, quando o pai, em suas deambulações, trouxe consigo um desses seres; e da materna, quando um antepassado assassinou uma mulher grávida em cujo ventre se formava um indivíduo dessa espécie, ou, ainda, se a vítima era assim. No primeiro caso, denominam-

(1) Uamba: "Kilundu kiâmi-é!" Kuambé: "Nzûmbi iâmi-é!"

-se de simpatia; e no segundo, de *geração*. Qualquer que seja a procedência, tais filhos inspiram idolatria aos pais.

Em virtude de sua delicada sensibilidade, carecem de cuidados especiais, não apenas domésticos, mas também espirituais.

São as quitutas, pois, entes temíveis. De entre eles, ressaltam os gémeos, os que têm longa gestação (que vai para dois e mais anos), os que nascem com dois dentes na maxila superior, os que nascem raquíticos ou se raquitizam pouco tempo depois do nascimento, os que nascem com uma depressão no alto da cabeça, ou com os pés recurvados, ou com as mãos sem acção, sendo estes três últimos casos as características de quem, depois de consagrado, exercerá o ministério de quilamba, ou seja, o sacerdote do culto das sereias.

Quiandas são as sereias. Vivem na água, quer no mar, quer em rio, quer em lagoa, mesmo em qualquer sítio onde haja pequena porção de água permanente, podendo mostrar-se sob qualquer aspecto - pessoa, peixe, coisa. Em forma humana, podem apresentar-se como indivíduos do sexo masculino ou feminino, em diversificação das raças existentes.

Segundo um pescador centenário da ilha de Luanda - homem ainda isento de influências estranhas - a quianda revela-se, não sob a figura de semigente e semipeixe, conforme a tradição europeia - concepção já penetrada na mentalidade dos naturais de camadas mais adiantadas mas revela-se em toda a plenitude humana, apenas com farta cabeleira e pelugem, sob as quais, por vezes, se fecha. Pode dirigir-se-nos ou solicitar-nos qualquer coisa, e quando mal nos precatamos, desaparece misteriosamente.

Acerca do seu poder de atracção, referiu-nos o aludido ilhéus [1] que, já há umas boas décadas de anos, navegando ele de canoa, juntamente com um escravo seu e mais companheiros, subitamente, como que impulsionado por

[1] Esta informação foi prestada em 1954.

uma mão, o serviçal foi arrebatado para a água, permanecendo no fundo uns longos minutos. Em grita, todos deitaram a suplicar à sereia que o libertasse. Sob o impulso da mesma mão, o homem foi reposto na embarcação. Mas logo a seguir, como que em arrependimento da entidade, novamente foi arrancado para o mar. Os rogos tornaram a irromper. E o pobre escravo, como anteriormente, outra vez foi colocado na canoa. E facto curioso: durante a permanência na água, não experimentou nenhuma perturbação, antes uma doce calma o invadira!

Tanto esse como outros informantes, ainda nos contaram que, em certos lugares do mar, rio ou lagoa, se notam, durante a noite, várias luzes. E mesmo em quarto fechado, a candeia apagada, semelhante fenómeno, por vezes, igualmente se verifica.

As aparições das quiandas representam bom ou mau indício. Por efeito de simpatia, influem na gestação, originando indivíduos anormais, como os deformados fisicamente.

Neste caso, enquadra-se o próprio Autor. A manifestação da sereia operou-se-lhe no sentido da visão, destruindo-o com a ausência da luz. Em compensação, dotou-o com o amor às pesquisas folclóricas e religiosas.

A entidade morou no local denominado Padrão, onde hoje se levanta a ponte que liga Luanda à sua ilha. Foi em resultado da demolição das pedras lá existentes que mudou de poiso - causa da ruína incessante da dita ilha.

Isto - Leitores - narramo-lo à conta de subsídio psicológico. E quem no--lo revelou, foi o espírito Mavítia Mbongo - revelação essa proferida através de uma informante que exercia o ministério de quimbanda, então sob sua possessão. E já agora, acrescentaremos que foi o aludido Mavítia Mbongo que nos prestou vários elementos deste ensaio, mormente nos capítulos "Iniciação de Xinguilador" e "Ritos Diversos".

A influência da quianda, entretanto, também pode ser exercida após

o nascimento, pelo que motiva perturbações na saúde da criança. O mal, verificado por adivinhação, sana-se com uma oblata à sereia, realizando-se o festim, não em qualquer sítio, mas no local previsto divinatoriamente.

Em complemento a este estudo, vamos agora apresentar as definições das entidades que, pela sua reduzida actuação, formam diferente categoria: *Ndele* ou *Nzûmbi* é alma de pessoa falecida numa época não secular. Corresponde a alma do outro mundo, duende, fantasma.

O primeiro termo é mais usado em Luanda, e o segundo, no interior.

Quilulo é alma-penada, ou seja, alma que, por expiação de culpas, vagueia pelo mundo.

Muculo é alma que espontaneamente se manifesta em possessão. A sua actuação pode efectuar-se, ou logo que se liberte da matéria, ou após um curto espaço de tempo. Mesmo um ou dois anos.

Ao contrário das demais entidades espirituais, não precisa de ser convocado em dissaquela. Vem espontaneamente, movido por um desejo: ou para revelar um segredo; ou para legar o seu saber e a sua corte de espíritos, tratando-se de quimbanda, e somente a corte de espíritos, tratando-se de xinguilador; ou, ainda, a sua acção, tratando-se de uma criatura vulgar.

Xi-ni-mavu é a designação genérica das entidades espirituais e sobrenaturais existentes nas profundezas do globo.

Segundo a crença tradicional, é lá que se acha o Além-Túmulo e a mansão de tais seres. Em vista disso, o solo, quando tomado como lugar sagrado, inspirá profunda veneração. Deste modo, para que muitos rituais surtam efeito, o celebrante homenageia os ditos seres, vertendo no chão uma porçãozinha de uma bebida ou uma mistura delas. Mas este testemunho de reverência não se estende apenas aos ocultistas: outras criaturas, em acção de graças de um notável acontecimento, procedem identicamente.

Para se rogar justiça, basta bater com as mãos no chão, invocando o

nome da entidade justiceira. O simples toque do dedo no solo, efectuado por pessoa qualificada, depois aplicado em assinalamento no interessado, transmite o prodígio de suas virtudes. E com a lama resultante do derramamento do vinho, igualmente aplicada em assinalamento no corpo, em quantos e quantos tratamentos a não empregam!

Literalmente, significa: *região-e-solo*. Por efeito de simplificação, omitiu-se o termo *entidades* ou outro equivalente. Portanto, a designação seria: *entidades da região e do solo*.

Que acontece no Brasil? Talvez sem a noção do significado primitivo, tal a influência obliterante da distância e do tempo, veja-se agora este testemunho de reverência, relatado por E. Carneiro [1]:

"Antes de transpor a porta do candomblé, os homens com funções na casa devem tomar nas mãos uma quartinha com água dos ôrixás e, depois de beber um pouco, jogar o resto no chão, em direcção à frente, à direita e à esquerda. É uma cerimónia de purificação, que já se vai tornando rara. Assim os homens entram *limpos* no candomblé.

A filha deve simplesmente benzer-se à porta, mas, dentro de casa, diante do *pêji*, deve rojar-se no chão ou, pelo menos, levar um pouco de terra à testa - uma outra maneira de fazer o mesmo gesto."

Mas serão apenas os povos incultos que crêem numa eternidade subterrânea? Não! Recuando no tempo, penetrando noutras culturas, surpreendemos análoga crença. Outro procedimento mais expressivo, manifestamente revelador de que os povos mantiveram a mesma identidade cultural, narra Érlon Dutra [2]:

"Cidade da Palestina nas proximidades de Cafarnaum e mar

[1] V. *Candomblés da Bahia*, 3.ª ed., pág. 70, Rio de Janeiro.

[2] V. *Dicionário de Umbanda e Outros Assuntos*, ed. 1957, pág. 30, São Paulo.

da Galileia onde Jesus efectuou diversas curas, inclusive a de misturar saliva com terra e, do barro resultante, passar nos olhos de um cego que imediatamente recuperou a visão. Essa cura merece profunda meditação por parte dos Umbandistas e, principalmente, por parte dos que combatem certos trabalhos realizados em terreiros."

A oblata, também consagrada por quilamba e soba, compõe-se de variadas iguarias e bebidas, quer europeias, quer africanas. As iguarias ficam servidas em pratos e as bebidas permanecem nas próprias garrafas, pequenas mas cheias. E em toalha estendida numa esteira, se dispõem os utensílios. Mas tudo novo, em cima de uma laje. Este festim - *Kubokela* - tem por objectivo firmar a aliança com a sereia.

Nesta ocasião, o paciente estreará um uniforme, obrigatoriamente usado em actos semelhantes, e facultativamente, em funerais. Consta de um pano de zuarte com duas cruzes de fita encarnada - uma à frente e outra atrás - o qual envergará em jeito de saia, atando-o à cintura; para o tronco, de uma blusa com idênticos símbolos; e para a cabeça, de um gorro de mabela - a quijinga - com uma barra preta.

Se, por revelação de sonho, tiver que exercer o sacerdócio, servirá um desses ministros. E à semelhança do que acontece ao quimbanda, muita coisa lhe é também inspirada nesse estado.

Acerca de semelhantes predestinados, referiram-nos os seguintes episódios:

1 - Banhava-se num rio um indivíduo assim. Atraído pela sereia, viveu comodamente no fundo da água, durante um mês. Ao cabo desse tempo, surgiu sentado num calhau, já fortalecido com os poderes sobrenaturais. Como cobrasse honorários pelas práticas divinatórias, foi advertido pela sereia de que não deveria levar dinheiro por tal serviço. Involuntariamente, comete uma transgressão. Então, sentiu-se invisivelmente chicoteado perante os consulentes.

2 - Um outro, ainda criança, em consequência de não haver sido sujeito ao ritual obrigatório, provocou a ira da sereia, repentinamente excitando as águas da barra do Cuanza, que então atravessava com a família.

3 - Um outro ainda, igualmente criança, possuía tamanho dom de

inspiração que, todas as vezes que lhe apetecia comer, mandava sua avó buscar a comida ao rio, a qual aparecia misteriosamente servida em pratos, flutuando à beira da margem.

O seu primeiro casamento obedece a uma formalidade particular: em sítio recôndito e em presença comum, a mulher é primeiramente possuída por um colega; depois, pelo soba; por último, pelo noivo. Esta intervenção impõe sigilo e serve para preservar o ocultista de invalidez. Por efeito de tal rito, ordinariamente não se escolhe donzela para o primeiro matrimónio.

Segundo um depoimento fidedigno, uma mulher que ignorava tal preceito, tentou enforcar-se após a surpresa. Foi na Quissama que ocorreu o drama. Como essa, quantas mais não teriam explodido de indignação?

MULÔJI

O mulôji é o ocultista que só se dedica à prática do mal. Portanto, o feiticeiro, o bruxo, no mau sentido da palavra.

Sua ciência denomina-se *uanga*. Pode ser adquirida de livre vontade ou por coacção.

De livre vontade, o quimbanda dá-lhe uns pauzinhos especiais. Com a serradura, obtida por friccionamento numa pedra molhada, marcará, todas as noites, ao canto do primeiro galo, a linha dos sobrolhos e fontes. *Mucasso* intitula-se a caracterização.

Na iniciação, para aguçamento do sortilégio, terá que enfeitiçar um parente íntimo, como pai, mãe, o primeiro filho, qualificando-se a vítima de *pito*. "O feiticeiro começa em sua própria casa." - Diz um adágio angolano. Ou, segundo outra sentença popular: "A galinha bebe no seu próprio ovo." Quer dizer: o patife começa pelos seus.

Quanto à incidência do pito, vamos relatar o seguinte episódio, ocor-

rido há já muitos anos, num lugarejo próximo do Bom Jesus - vila situada a cerca de sessenta quilómetros de Luanda:

Era um casal. Cada qual, no entanto, além dos filhos comuns, possuía outros à parte. Não obstante o homem proceder como os demais varões, a companheira não fazia senão censurá-lo:

- És um parvo! Tu não és homem nem nada! O que os outros homens fazem, não fazes tu! Não prestas mesmo para nada!

- Mas não sou homem por quê? Que fazem os outros homens, que eu não faça? Se eles vão ao rio pescar com a canoa, eu também vou! Se eles lançam a muzua, eu também a lanço! Se eles cultivam, eu também cultivo! Como eles, crio porcos, crio galinhas! Vender, vendo também! Na cama, dormimos os dois! Engravidar comigo, engravidas! Ter filhos, tens! Que têm então os outros homens, que eu não tenha? - Retorquia-lhe o consorte.

- Auã! És mesmo um parvo!

Tantas vezes ele ouviu essa injusta verberação, que, um dia, decidiu consultar a assembleia da árvore da pela - a árvore próxima da residência do soba, indistintamente funcionando de parlamento como de recreio.

Como normalmente, lá estava o soba, os macotas, muitos súbditos - uns trabalhando em diversos misteres, outros em simples ociosidade, mas todos envolvidos na delícia da cavaqueira.

- Vós, macotas, anciãos e novos; vós, uns que são altos, outros baixos, uns gordos, outros magros; vós que, pelo aspecto, tanto podeis ser meus mais velhos ou meus mais novos, vim por uma conversa. Posso falar à minha vontade? - Solicitou ele.

Algumas vozes superiores autorizaram:

- Fala à vontade...

- Vou falar então. Se uma pessoa disser constantemente a outra: "Tu

não és homem! Tu não prestas para nada! O que os outros fazem, não fazes tu!" Essa conversa, senhores meus, como vem a dar?

- Esta conversa é para nós todos. Posso responder? - Adiantou-se um da sua idade.

Alguns senhores graves assentiram:

- Podes falar à vontade!

- Essa conversa é entre dois homens, entre duas mulheres ou entre homem e mulher?

- É entre homem e mulher.

- E quem é esse homem e essa mulher?

- Esse homem, sou eu. E a mulher, a minha própria mulher.

- Hela! Isso é conversa para os mais velhos!

- Vamos! Põe a conversa no chão! - Convidou um dos conselheiros do soba.

- Era mesmo isso que eu queria, meu senhor. - E pormenorizou: - Pois, macotas, anciãos e novos, altos e baixos, gordos e magros, essa mulher está sempre a dizer-me: "Tu não és homem! Tu não prestas para nada! O que os outros homens fazem, não fazes tu!" Mas eu vou ao rio pescar com a canoa como os outros homens. Pescar com a muzua, também pesco. Cultivar, também cultivo. Criar porcos, galinhas, também crio. Vender, também vendo. Se me saio bem ou mal, isso é coisa que acontece a qualquer homem. Quando me amiguei com ela, eu já tinha filhos, assim como ela também. Na cama, dormimos os dois. Engravidar comigo, engravida. Ter filhos, tem. Tudo o que fazem os outros homens, eu também faço. Por que sou eu parvo então? Que fazem os outros homens, que eu não faça também?

- Ouve bem! - Sentenciou o macota. - O que a tua mulher quer, é que recebas uanga, para ela também receber! - E perscrutando o soba, sempre atento à exposição: - Cuco, falei bem ou não falei bem?

- É assim mesmo que dá a conversa. Vai receber o uanga, que é o que a tua mulher quer. - Aprovou o régulo.

O homem seguiu o conselho. Em casa, preveniu a companheira de que ia fazer uma grande jornada. Por isso, lhe preparasse um bom farnel. E abalou em demanda de um quimbanda que possuísse poderes para conferir semelhante malefício.

- O uanga que queres, é de família, de vontade ou porque te obrigaram a recebê-lo? Conforme o caso, assim te indico o pito. - Indagou o ocultista.

O homem repetiu a história: "Tu não és homem! Não prestas para nada! O que os outros homens fazem, não fazes tu!" E explicou-lhe o que fazia: pescava com a canoa e a muzua, cultivava, fazia filhos...

- Está bem, vou dar-te o uanga. Mas o pito não é o teu filho nascido de outra mulher, nem o filho tido com ela: o pito será a primeira filha dela ou o seu primeiro neto. É para ela saber a dor do uanga.

Concedida a magia, o homem regressou. Mas não revelou nada à consorte.

Dias depois, estando o netinho mais velho a comer cajus com outras crianças, uma casca prendeu-se-lhe à garganta. Em consequência, adoeceu e morreu.

No tradicionalismo da usança, a família tratou de averiguar a causa da morte. E ficou a sabê-la: o enfeitiçamento do avô por afinidade, através da casquinha do caju.

Reúnem-se os parentes em assembleia. O caso é discutido por todos: por familiares da mãe e por familiares do pai. Mas com a presença do avô, que não nega o delito, antes refere quanto sucedera.

- Tem razão! Tem razão! A avó é quem o provocou! - Declaram unanimemente.

O assunto, em si, ficou arrumado. Mas o homem, como não tivesse

MINISTROS DO CULTO

São quatro as entidades que constituem os ministros do culto: quimbanda, quilamba, mulôji e mùkua-mbamba.

QUIMBANDA

O quimbanda é o adivinho-curandeiro, o necromante, o exorcista. Trata as enfermidades, diagnosticando por adivinhação; debela os azares; restabelece a harmonia conjugal ou provoca a inimizade; concede poderes para o domínio no amor ou para a anulação de demandas. Embora não seja esse o seu verdadeiro mister, também pode causar a morte.

- O quimbanda também é feiticeiro. - Vitupera o povo em sua revolta.

Nas matas ou campos, aonde vai em busca de plantas medicinais, oferenda, antes da colheita, à região e ao solo, isto é, aos seres sobrenaturais que habitam esses lugares, ou uma moeda, ou vinho, ou quitoto-e-maluvo, dizendo: "Antepassados, tributei-vos, vim desvendar remédios."

Se não reverenciar essas entidades, ou não vê o que procura, ainda que abertamente exposto, ou o produto se lhe torna ineficaz.

Quando tratando alguém ou dirigindo um ritual, assume a qualificação de *pai ou mãe-de-umbanda*. Representa um tratamento afectivo. Quer dizer: na subordinação do acto, o paciente contrai um laço moral para com o seu mentor. Portanto, quimbanda é o indivíduo físico, estranho a qualquer influência psíquica.

No caso particular de viuvez, portanto em celebração de um rito dessa natureza, essa qualificação, analogamente caracterizando o acto, é de *pai ou mãe-de-viuvez*. Nesta função, não só se aplicando a quimbanda, mas também a qualquer viúvo com os poderes sobrenaturais convenientes.

O ministério de quimbanda pode ser exercido por três processos: por espontaneidade, por transmissão de alma e por inspiração dos guias tutelares.

Por espontaneidade, os conhecimentos são adquiridos em aprendizagem, servindo como ajudante um quimbanda. Em linguagem quimbundo é ele designado por *cabanda*. O poder espiritual é-lhe conferido durante

o ensino. Para a conquista desse dom, chega a ingerir, juntamente com a comida ou bebida, a saliva que o mestre expele para o recipiente.

- Bebe o íntimo! - Aconselha-o.

Já formado quimbanda, o mestre acompanha-o nos primeiros tratamentos. Como recompensa de seu ensino, o antigo discípulo oferece-lhe os respectivos honorários.

Por transmissão de alma, acontecem dois casos: efectuação em sonho ou em possessão.

A ciência de quimbanda, ou seja, a umbanda, transmite-se em sonho quando houve um parente que professou esse ministério. O predestinado sonha com o mato - o grande reservatório medicinal - e então vê as plantas curativas, os lugares para determinadas funções, as encruzilhadas imprescindíveis a certos ritos. E com esta umbanda, designada de *muíji*, isto é, de família, o indivíduo torna-se quimbanda. E bom. Quando trabalha, tudo lhe ocorre sobrenaturalmente. Segredos que egoisticamente os mestres ocultam aos aprendizes, tudo, neste caso, lhe é revelado.

- Não esgotes as conversas no coração. - Diz uma sentença popular.

Os guias tutelares também se manifestam em sonho. A visão e o efeito não diferem da revelação anterior. A umbanda assim alcançada chama-se de *miondona*, ou, portuguesmente, de guias tutelares.

A doação por possessão dá-se por morte de um quimbanda. Mal acaba de falecer, ou mesmo um breve tempo depois, a sua alma actua sobre quem mais lhe agradou em vida - parente ou não. Toda a sabedoria e corte de espíritos são-lhe legados inteiramente. É o caso do muculo, já referido no capítulo anterior.

No momento da indução, um quimbanda presente (isto se ocorrer em casa do extinto, pois esses passamentos são sempre assistidos por vários confrades) bate devagarinho na cabeça do possesso, que só geme e se

contorce, deita sobre ele uma pinga de água e pede à alma que se manifeste em ocasião oportuna. Se o fenómeno suceder posteriormente, o quimbanda que se chamar, procederá identicamente.

Na data conveniente, realiza-se o cerimonial. No meio de um quintal, sobre uma esteira, coloca-se um banco, previamente assinalado com uma cruz a pemba e ucusso. O quimbanda, ou, antes, pai-de-umbanda, depois de obrigar a paciente (as mulheres é que geralmente são mais afectadas) a levantar-se e a baixar-se nove vezes, pelo que a segura pelos ombros, senta-a no banquinho.

Para atrair a alma, o pai-de-umbanda prepara o prato-das-almas: num prato novo, feita a obrigatória cruz a pemba e ucusso, mas cada linha seguida de uma outra a ulombo de folhas-das-almas, verte nove doses de quitoto-e--maluvo, outras tantas de vinho e uma porção de água. Com ele à frente da paciente, vai remexendo o conteúdo com uma faquinha nova apropriada - a faca-da-ximinha.

A paciente tem os olhos fitos no prato. O pai-de-umbanda, no entanto, aconselha-lhe concentração e verdade no interrogatório.

Em redor, em palmas suaves, a assistência entoa o cântico das almas. Quando a paciente começa a lagrimejar, gemer e mover a cabeça, todos se calam. O pai-de-umbanda passa-lhe então pela língua, nove vezes cada operação, a dita faquinha, uma agulha e uma acha em fogo, tudo constituindo o pelo. Se gritar, a indução é falsa.

Verificada a mediunidade, o pai-de-umbanda interroga a alma. Ela diz quem é, revela a causa de sua morte e declara que deseja legar à paciente a sua ciência e corte de espíritos. Nas adivinhações, falará ela, a alma.

Complementarmente ao estudo deste ocultista, apresentamos em *Sepultamentos Diversos*, enfeixados em "Ritos Diversos", o cerimonial de seu falecimento.

QUILAMBA

O quilamba é o intérprete das sereias, ou seja, o sacerdote do culto de tais entidades.

Procedente de quituta, nasce fadado a comunicar-se com semelhantes seres. Possui o privilégio de tratar todos os males ocasionados por eles, como: doenças, cóleras do mar, estiagens, infestações de feras. Em caso de cólera, obtém a calmaria; de estiagem, a chuva; de infestação, a expulsão.

A predestinação caracteriza-se por uma anomalia: ou uma depressão no alto da cabeça, ou o recurvamento dos pés, ou a inacção das mãos. O que, no entanto, não apresenta nenhuma dessas características, revela-se através de renitente enfermidade. Por adivinhação de quimbanda, aclara-se então o mistério.

O tratamento consta de uma prática litúrgica, executada por quilamba e soba de eleição tradicional. Entretanto o quimbanda, como paliativo, receita-lhe uma fomentação de azeite de palma com pós de folhas específicas.

Para o aludido rito, o paciente fica deitado no chão, de barriga para cima, junto da porta de entrada. Sobre o peito, o quilamba assenta-lhe o pé di reito, e sobre ele, o soba também assenta o seu. Cada qual, munido de um recipiente de metade de coco com água, vai recitando uma invocação, mas em observância da respectiva ordem. Findas as súplicas, derramam a água na sobreposição dos pés. Com a pasta formada pela terra molhada, ambos, já com os pés livres, besuntam-lhe o corpo. Esta solenidade - *kukambelela* destina-se a apaziguar a sereia.

Mais tarde, antes de se matrimoniar, oferece-se um festim à sereia que provocou a manifestação - testemunho de amizade pelo afectado. Consoante o local em que o ente sobrenatural residir, assim a cerimónia se realiza à beira de uma lagoa, de um rio ou do mar.

participado ao seu Nzûmbi ia Ngana - entidade espiritual a quem devia obediência - a decisão de receber o feitiço, pouco tempo volvido, morreu por punição dessa mesma alma.

- Morri sem ter chegado ainda o meu dia. Como foi por causa dela que recebi o uanga, ela também não fica, também me seguirá! - Pensou ele no Além. E a mulher, arrebatada pela sua alma, para o outro mundo se foi sem tardança.

Reatando a explanação:

O malefício do feiticeiro reside no pensamento. Fechado no seu quarto e agitando uma vareta de ramo da palmeira, ele vai desejando o mal. Mas, por altura do meio-dia, quando as almas se prestam melhor. E o mal é remetido através da primeira rajada de vento.

Para o fortalecimento espiritual, treina-se de noite, em exercício chamado *bungulamento*. Consiste num saracoteio estranho, ora roçando as nádegas na parede da casa onde está a pessoa a embruxar, ora roçando-as no chão perto da mesma, emitindo uns rouquidos de bode espremendo-se. Pendente da testa, em jeito de máscara, traz um galho de árvore, e da cintura, outros quatro: um, à frente; outro, atrás; e os outros dois, nas ilhargas. Para distinguir as almas, pinta o rosto, sobretudo na linha dos sobrolhos. Acompanha-se de um pinto ou gatinho, e na marcha, faz soar um tambor. "Ando de noite: sou parvo? Ando de noite: sou parvo? Ando de noite: sou parvo?" - Vai proferindo.

Quando mata alguém, para que a alma não o persiga, nongona o cadáver, isto é, despoja-lhe um bocado de cabelo e de unha, que queima e reduz a pó, para as suas bruxarias. Se isto não puder ser feito na ocasião do óbito, desenterra magicamente o morto.

- Sobe, cadáver! - Determina.

Para revigoramento do poder espiritual, o malfeitor e outros colegas

transportam, por vezes, o corpo para um esconderijo - ganda ou luando - onde o assam e comem, bungulando de quando em quando. Em resultado, ser o feiticeiro um apreciador de carne humana.

- A tua planta do pé, em acompanhamento de bombó, que delícia! – Havia malevolamente gracejado um velho que tinha fama de bruxo.

O alvejado, um moço baixo e robusto, apenas se limitou a sorrir. Mas a parentela feminina, furiosa com a galhofa, frequentemente o ameaçava:

- Se ele morre só, a tua casa vai-se fechar [9]!

O jovem pereçeu em breve tempo. E a sua campa [10] foi realmente violada. Por certo - afirmava o vulgo - para o satânico banquete dos mulôjis!

Outro drama de feitiçaria:

Um homem que também passava por sortílego, pretendeu uma mulher. Ao invés de outras que acedem por temor, ela rejeitou sua proposta.

Ora, nas localidades ribeirinhas, é nos rios ou lagoas aonde as mulheres vão buscar água. Como as demais, ia ela também com a sua cabaça prover-se de água. Dessa feita, mal mergulhou a vasilha, logo um jacaré a arrebatou.

Prontamente acudiu gente. Canoas sulcaram a superfície líquida, xinguiladores xinguilaram Mutakalombo - ser espiritual que do jacaré faz seu cão.

Recuperou-se o corpo. Com surpresa geral, verificou-se que o réptil só lhe havia tragado as partes genitais!

Relativamente ao covil onde os feiticeiros assam e comem os cadáveres, é ele preservado por um sortilégio que impede a aproximação das feras. Compõe-se de pós, enterrados à entrada, dispondo-se o capim em volta, mas espaçadamente, em feixes de algumas hastes, torcidas em nós nas extremidades. *Honda* é o nome do dito sortilégio.

[9] Alusão ao falecimento de toda a família.

[10] Entre as populações rurais, os enterramentos são efectuados no campo. Por vezes em lugares reservados.

À excepção dos três outros oculistas - quimbanda, quilamba e múkua-mbamba - o mulôji não exerce publicamente o seu ministério. Nem mesmo se declara como tal: só por suspeita - e quantas vezes injustamente - se lhe atribui semelhante função. Por isso, ninguém pode recorrer aos seus préstimos na arte de matar. Só ao quimbanda se pode pedir o enfeitiçamento.

Para o feiticeiro, usa-se um ardil: gabar constantemente a vida de quem se quer prejudicar. E o feiticeiro, invejoso por natureza, acaba por o maleficiar. "O coração do feiticeiro é inflexível como Kalungangombe." - Conceituou o povo num adágio.

Por coacção, consideram-se duas particularidades: ou se recebe o sortilégio por efeito de contínuas enfermidades ou morte de filhos, sobrenaturalmente em sonho. Em qualquer dos casos, o mal resulta de antepassado que exerceu o feiticismo.

No primeiro caso, advinhada a causa, o quimbanda declara que, para a extinção da doença ou mortalidade, a solução é aceitar o legado. A iniciação não diverge da seguida por espontaneidade.

Em sonho, também a alma de um parente que praticara o feiticismo, entrega ao eleito os aludidos pauzinhos, recomendando-lhe que os friccione numa pedra, para, com a serradura, ao sinal nocturno do primeiro galo, esfregar a região do crânio já referida. Igualmente lhe recomenda que arranje um pinto e um gatinho recém-nascidos, os quais, reduzidos a cinza, servirão de resguardo e clarividência.

Conforme as circunstâncias - saída, dormida, etc. - assim se caracteriza a linha da nuca, sobrolhos, cabelo. O uanga, assim transmitido, chama-se *huto*, ou seja, de família, de hereditariedade.

Quem, por morte do seu progenitor, não quiser o legado do uanga adquirido de livre vontade, pode repudiá-lo através de um quimbanda. Mas com o legado do uanga de huto, um dos descendentes, mesmo contrariado, será

forçado a aceitá-lo. Inversamente, azares de toda a espécie o atormentarão

Como a prática do feiticismo é secreta, inclusivamente para com a própria família, o feiticeiro, por sua morte, denuncia-se por meio de extravagantes: gatos miando sinistramente ou copulando à vista das pessoas, aparições sobrenaturais, sonhos horrendos, doenças permanentes. À estranheza, sucede a suspeita. Não teria o finado deixado uanga? Com a advinhação do quimbanda, então tudo se esclarece.

Das quatro categorias de ocultistas, é o mulôji o que inspira terror. Embora se dando com ele, prudentemente as pessoas se acautelam.

MÚKUA-MBAMBA

O múkua-mbamba, portuguesmente qualificado de *homem-do-chicote*, é o fiscal dos feiticeiros, que persegue e pune. Seu poderio, consequentemente, suplanta o destes.

O ministério é desempenhado identicamente como nos outros sacerdócios, ou por voluntariedade, ou por revelação, quer em sonho, quer por doença. Portanto, o poder é-lhe conferido, conforme as circunstâncias, por quimbanda ou por alma de antepassado que tivesse exercido esse sacerdócio. A virtude sobrenatural reside num bastão e em duas bolinhas com pós - apetrechos que usa quando em missão de sua ronda.

O bastão - bamba - mede cerca de um metro e é polido com uma mistura de azeite de palma com serradura de tacula e revestido com tiras de pano, mas em alternação de espaços livres. A cada tira, estão pregadas três jimbambas dispostas em triângulo, contendo os cantos uma bolinha com pós de plantas sepulcrais.

Quando, de noite, vai à cata dos feiticeiros, ou de livre vontade, ou a mandado de alguém, sai munido do seu bastão. À saída de casa, posta-se à porta, de braços estendidos, durante uns momentos. Depois, introduz debaixo da língua uma bolinha - o banze - e sai finalmente, sem olhar para trás, levando na mão esquerda a outra bolinha, e na direita, o bastão.

Quando desconfia de feiticeiro, faz, com a bolinha da mão, um risco na região dos sobrolhos. Se for, descobre-o logo. E esse indivíduo, como que hipnotizado, estaca.

Para o homem-do-chicote o obrigar a denunciar-se, toca-lhe com o bastão [1]. Se ele se metamorfosear em pedra, água, bicho, etc., o homem-do-chicote faz sempre a tal risca na testa, mas sempre lhe tocando com o bastão. E isto até o feiticeiro readquirir a forma humana e se declarar vencido, apresentando as mãos em súplica.

Para o homem-do-chicote o não acusar ao povo, o feiticeiro, sempre por sinais, compromete-se a pagar-lhe dinheiro ou um animal, como cabra, porco e até boi, conforme as suas posses. E então diz quem é e quem pretende maleficiar.

Para evitar suspeitas, a paga é remetida em nome de um compadre. Mas só o homem-do-chicote a poderá utilizar em seu proveito. E guardará sigilo.

Se o homem-do-chicote for exigente na punição, o feiticeiro faz-lhe o sinal de morte. O homem-do-chicote também pode não aceitar nada, caso queira que o povo o veja. Então, não lhe levanta a suspensão e o feiticeiro permanecerá no mesmo sítio. Mas não pode repetir a proeza três vezes, senão os feiticeiros se coligam, e com o poder de todos, matam-no.

Com a continuidade, o homem-do-chicote acaba em feiticeiro. Então, o povo comenta: "F. já não está a bater."

[1] Segundo um outro informante, o homem-do-chicote não toca com o bastão, mas bate com um chicote de cavalo-marinho.

SINTETIZANDO

Destes quatro sacerdotes, o mais poderoso é o quimbanda. Suas atribuições não se limitam a adivinhar e curar: também se alargam ao domínio de conferir privilégios. Em resultado, ser uma personalidade altamente considerada. No entanto, também temida pela amplitude de suas atribuições. "O quimbanda também é feiticeiro." - Diz a crítica popular.

Mesmo assim, não se deve confundir, como geralmente acontece entre a gente europeia, quimbanda com feiticeiro. O quimbanda - note-se bem - é o médico tradicional, o homem que essencialmente tem por objectivo a promoção do bem, ao passo que o feiticeiro, em repelente natureza de seu carácter, exclusivamente se consagra à destruição da felicidade alheia. Demais, nem todo o quimbanda aceita a incumbência de matar, sobretudo injustamente. Não acontece, porventura, o mesmo com o médico de culturas superiores? Conquanto se entregue à salvação da vida do próximo, não existem casos de envenenamento propositado? Com este argumento, assim o nativo define a posição do quimbanda.

INICIAÇÃO DO XINGUILADOR

ELEMENTOS GERAIS

1 - O ritual de evocação de espíritos denomina-se *dissaquela*. Destina-se a vários fins: ou à adopção dos espíritos, ou à sua aliança, ou à sua propiciação. A sua efectuação, manifestada através de rebelde enfermidade, pode ser motivada: pelos guias tutelares - dissaquela de *Kazola* ou da Afeição; por alma de parente que fora médium, ou por alma de Vítima de Crime, originalmente designada por Múkua-Kituxi - dissaquela de *Muíji* ou da Geração; e por alma de parente que se dedicara à compra e venda de escravos, ou, simplesmente, ao negócio com o gentio - dissaquela de *Ngênji* ou de Forasteiro.

2 - *Dicanga-dos-calundus* é o terreiro onde se efectua a dissaquela.

3 - O médium possui vários designativos: *dumbe, mulher-de-calundu, mulher-de-escravidão* e *xinguilador*. Os três primeiros empregam-se indistintamente a qualquer dos sexos. Mas o último é o mais usual em linguagem portuguesa.

4 - Pelo é o reagente da possessão, e nalguns casos, prova da mediunidade. Varia conforme a entidade actuante.

5 - Para as actividades do culto, dispõem os sacerdotes de uma camarinha - o *dilombe*. Pode ser consagrado a calundus ou a malungas.

Respeitando a calundus, é lá que o xinguilador arrecada os seus apetrechos, bem como onde xinguila. Portanto, onde o quimbanda realiza as práticas divinatórias e consequentes tratamentos aos pacientes. A sua posse resulta, ou de tradição de família, ou de solicitação das respectivas entidades. Assim, nem todos os xinguiladores o possuem. Mukita a Suku é a sua padroeira, pois é o espírito que lá pernoita.

Respeitando a malungas, nada de malcheiroso pode lá permanecer. A sua existência provém de desejo manifestado por elas. No dia seguinte ao

da construção, posta uma mesa com comidas e bebidas, comparecem doze santos a banquetear-se.

A construção de qualquer dos dilombes executa-se num só dia, podendo os acabamentos ficar para depois. Constitui uma divisão à parte. Neles, além dos utensílios peculiares ao culto, guardam os sacerdotes o negócio relativo às mesmas entidades, cujos proventos se aplicam de harmonia com as instruções por elas determinadas: ou para auxílio do cultuante, ou para aquisição de artigos privativos ao ministério.

De quando em quando, devem eles lá dormir, mas sem a consorte, ou vice-versa. E quando vindos de longe, também os consulentes. Finalmente, pela lua-nova, cumpre aromatizá-los com incenso ou qualquer outra erva de cheiro.

6 - Para que um rito decorra sem perturbações de ordem sobrenatural, é ele iniciado com uma benzedura, caracterizando-se com uma cruz o local de sua execução. São quatro os caracterizadores principais: pemba, ucusso, undo e ulombo.

A pemba é um calcário margoso, espécie de gesso. Com ela se traça a linha vertical da cruz, e por vezes, a própria cruz. Serve para atrair a graça divina.

O ucusso é um ocre vermelho. Com ele se traça a linha horizontal do referido símbolo. Serve para atrair a graça dos espíritos.

O undo é também um ocre, mas vermelho-escuro. Igualmente se destina a atrair a graça dos seres espirituais.

E o ulombo é pó preto, resultante da carbonização de determinadas folhas vegetais. Sua função é idêntica à dos dois últimos caracterizadores.

De entre os demais, a pemba é o purificador por excelência. Além de entrar na formação da cruz, ainda desobstrui o ambiente de cargas fluídicas nocivas, soprando-se uma pitada para o ar ou para alguém. Na sua falta, pode ser substituída pela cinza. Nesta circunstância de emprego ritual, seu nome assume então o qualificativo de *pemba-de-ngola kiluanji-kia-samba*. Sua virtude

resulta do contacto que a planta teve com o solo, dele recebendo os fluidos dos seres espirituais e sobrenaturais existentes em suas profundezas.

Relativamente ao ucusso, pode ele ser suprido pelo undo. Mas com o ulombo, nada disso acontece: em vez de substituir, reforça os outros elementos, pela aplicação em adjacência a ambos os traços. Seu uso, porém, é mais restrito.

A cruz, pois, constitui um símbolo imprescindível em todas as práticas religiosas. Por efeito de sua composição, faz *abrir os caminhos*, conforme expressão dos ministros do culto. Quer dizer: destruir qualquer malefício. Mas, na sua feitura, ordinariamente se proferindo um exorcismo.

7 - A mediunidade adquire-se: ou por eleição de alma simpatizante - o muculo - ou por imposição de alma de família ou de vítima de crime, ou, ainda, por influição das miondonas.

Para xinguilar, existem, pois, duas espécies de iniciação: a motivada por eleição de muculo e a motivada pelas outras entidades. No primeiro caso, qualifica-se de *abrir a cabeça (kujukula o mutue);* e no segundo, de *quebrar o calundu (kubula o kilundu).*

Tratando-se de muculo, a liturgia é simples, idêntica à da revelação de quimbandismo, já referida no capítulo anterior.

Nas outras três circunstâncias - coacção de alma de família, de alma de vítima de crime e dos guias tutelares - o ritual é complicado. Determinado, por adivinhação, o desejo de as entidades quererem *vir* ou *subir à cabeça*, o pai-de-umbanda [1] prepara o penhor da efectivação da dissaquela, pois, em virtude do seu elevado dispêndio, que podia atingir a cifra de cinco a dez contos [2], conforme a quantidade dos pacientes, os interessados terão que

[1] As mulheres também podem dirigir estes rituais. Mas evitam trabalhar com homens, pois eles, muitas vezes, para as inferiorizarem, prejudicam a sessão com um sortilégio.

[2] Estas quantias respeitam a um tempo anterior a 1975 - data da edição.

amealhar os fundos necessários. Esse penhor é representado pelos mazacos - os mealheiros sagrados.

Para a sua feitura, a família apanha um pouco de lixo nas proximidades de um estabelecimento de grande movimento comercial e nas de um mercado, e noutro lugar qualquer, uma rodilha de carregador. Entregue o achado ao ocultista, ele, depois de reservar uma parte para a preparação de paramentos que só executará no final da iniciação - as zembas - carboniza o restante e soca-o num pilão, juntamente com pepes, sobongos, cabela e tacula manipulada *(hul'a-ngênji)*.

Peneirada a composição, deita-a num balaio novo já assinalado com a cruz a pemba e ucusso, sobrepondo-lhe depois os pelos - os reagentes da possessão. Assim recheada, a vasilha é exposta ao sol, durante um dia. O pó é repartido em oito retalhos de pano-cru, em cada um dos quais também deposita uma moeda.

Atados isoladamente, são defumados com alecrim, incenso e pastilha - aromática, mas dentro do balaio, agora com quatro cópos, cada qual contendo uma pitada de pemba, um crucifixo e uma moeda. Os copos, consagrados a Kazola - espírito tutelar - assumem a designação do mesmo ser: copos de Kazola. Destinam-se, como se verá em "Cerimonialismo do Xinguilador", a atrair a sua graça.

Em dia aprazado, o pai-de-umbanda, ao som de chocalhada de dicanza no seu dilombe - a camarinha do culto - impõe, ao pescoço de cada familiar, uma missanga branca - insígnia de Ngombo ia Kazola. Então, entrega ao mais velho, investido na autoridade de cabeça do cerimonial, o obrigatório penhor para com as entidades espirituais - o balaio com os atados e copos, ou seja, os mazacos. E é nesses atados e copos, quais cofres sagrados, que se arrecadam as economias.

Obtida a quantia precisa para a dissaquela - *honorários*, uns 2500$00;

aprestos, uns 800$00; *mesa permanente para todos os participantes e assistentes*, um montante superior a 2000$00, conforme o número de pessoas [1] - marca-se a data de sua efectuação, adquirindo-se, a tempo, os utensílios, ingredientes e alimentos básicos.

Como preparativos da actuação - acto designado por *atear a geração*, ou, vernaculamente, *kuuikila o muiji* - o pai-de-umbanda aprontará, em casa dos interessados, os xicos, a panela-dos-calundus *(imbia-ia-ilundo)*, a fogueira-dos-calundus *(musonga-ua-ilundo)* e os poisos das pacientes *(ndandu)*. Além de outras finalidades, tudo isso visa a proporcionar uma melhor atracção dos espíritos.

Os xicos - instrumentos rituais de segurança - são dois: um, à entrada da porta, para destruir qualquer mau-olhado; e o outro, no meio do terreiro, para assegurar o êxito da sessão, anulando qualquer malefício que, porventura, se faça, e por vezes, até contra a vida do próprio oficiante.

Para o xico da entrada, o pai-de-umbanda traça no chão uma cruz a pemba e ucusso. No lugar assinalado, abre um buraco, e vertendo-lhe nove doses[2] de quitoto-e-maluvo, invoca:

Assim, com quatro - uana - diz-se: "Nganga jauane!" (Os ocultistas que dividam!) Quer dizer: separem a doença para um lado: a saúde para o outro.

Com cinco - tanu - profere-se: "Ngatana!" (Estou agradecido!)

Com nove - vuá - invoca-se: "Ng'ivile, ngana Ngânji!" (Ouça-me, senhor Fulano!)

Das três contagens simples, a de nove é que se usa em actos mais melindrosos. E as três conjuntamente, nos de maior importância ainda.

[1] Observação idêntica à da nota [1] da página anterior.

[2] As operações rituais são geralmente iniciadas com uma contagem oral. Conforme a gravidade do acto, assim é o número de vezes: quatro, cinco, nove, ou, mesmo, as três contagens em repetição inicial. Cada uma delas, no entanto, finaliza-se com uma frase específica, em ritmo de consonância.

- Ocultistas do Além, ajudai-me! Se recebi de verdade a umbanda, o serviço saia certo! Mas se a não recebi com o meu dinheiro, a doença me condene! - E disparatando os seus mestres, mesmo falecidos [1]: - Ide para o pai que vos fez, ide para a mãe que vos fez [2]! Se vos disparatei, foi pelo ofício e não pela confiança! Portanto, ajudai-me também!

Depois, deita na cova um fragmento de pena de andua e de garça, de crina de elefante, de sebo de caça, de dibo, um grão de dixima e outro de dixímane e uma escama de pangolim. Sobre esses fragmentos, acondiciona nove rodilhas de mussêquenha, assentando verticalmente um burgau na última camada. Por fim, despeja mel, quitoto-e-maluvo e um ou dois litros de vinho comum [3], tapando o cabanda a escavação.

Para o xico do terreiro, disposto no meio, procede semelhantemente, mas com o primeiro ovo de uma galinha.

Para a panela-dos-calundus, destinada a *levantar os calundus debaixo da terra,* mas com a interferência dos oito bisavós - quatro paternos e quatro maternos - deita numa panela de barro, depois de circundada com um cordão de retalhos de baeta encarnada, baeta azul e pano-cru, um pedaço de pena de andua e de garça, de sebo de caça, de crina de elefante, de sacussaco, uma escama de pangolim, galhos entrelaçados por si próprios [4], laços de mateba, uma moquinha, quitoto-e-maluvo, vinho-abafado e tinto, rogando no preliminar assinalamento da cruz, a pemba e ucusso no interior da vasilha:

[1] A invocação aos extintos e aos mestres, designada por *pembele,* é usada no começo de qualquer serviço ou negócio, com o fim de se sair bem dele.

Sobre invocações de negócio, vamos apresentar a seguinte, proferida por uma peixeira: "Ó entes do Além, assisti-me: o que foi com dinheiro, venha com dinheiro!"

Uma companheira dirigiu assim o seu rogo: "Ó entes do cemitério!"

[2] Kaxina ka tãt'enu, kaxina ka mãm'enu!

[3] Antigamente, também se deitava vinho-abafado e do Porto.

[4] Estes galhos, bem como a moquinha, ficam verticalmente.

- Vós, antepassados, vinde, hoje é o dia da vossa chamada! Está aqui a vossa dicanga! - E injuria os seus mestres.

Espetando no chão um pau trifurcado, assenta nele a panela. Em seguida, dependura uma machadinha na parte exterior da borda. As garrafas das bebidas permanecerão ao lado.

Para a fogueira-dos-calundus, onde as iniciandas, em arremesso de determinadas entidades, se movimentarão indemnemente - testemunho de autenticidade da possessão - e também de onde sairá a acha para o pelo das almas, o sacerdote ou o cabanda, caso o possuam [1], num lugar central, também marcado com a referida cruz, junta lenha, em disposição tripartida [2] para trempe.

Para os poisos, efectuada no chão a obrigatória cruz, o pai-de-umbanda mastiga um pouco de tacula manipulada e de dicudila. Com a saliva, esparge, pelo avesso, os cantos e centro dos luandos e esteiras em que se sentarão as pacientes [3] - umas do ramo paterno e outras do materno [4]. Cada esteira fica sobreposta a um luando, unindo-se os assentos uns aos outros. *Dando* [5] se denomina especificamente esse conjunto.

[1] Nestas sessões, o ocultista, se não possuir aprendiz, arranja alguém que o auxilie, geralmente um afilhado seu, ou seja, quem já se serviu dos seus préstimos espirituais, quer em tratamento, quer em ritual.

[2] No interior de Luanda, a lenha é sobreposta uniformemente.

[3] Como já ficou dito, as mulheres é que são mais induzidas. Segundo algumas informantes, a causa reside em a sua crença ser maior; e segundo outras, em recair sobre elas o encargo da maternidade, com todo o peso da herança espiritual.

[4] Outros ocultistas, principalmente no interior de Luanda, só sujeitam à iniciação os indivíduos do ramo de onde procedeu a manifestação. Mais tarde, se, por *despeito* das entidades do outro ramo, surgirem novas doenças, outra dissaquela se realiza com os indivíduos desse ramo. Embora leigo no assunto, achamos mais razoável o processo da simultaneidade dos dois ramos: numa única operação, solucionam-se dois problemas.

[5] *Ndandu* significa *familia, parente*. Este poiso é assim designado por se sentarem nele apenas indivíduos da mesma família.

Ao começar a dissaquela, o pai-de-umbanda, para eliminar qualquer bruxaria, lava as noviças com o líquido contido na panela. Para tal, passa-lhes pelo corpo, nove vezes de alto a baixo, mesmo sobre as vestes, as mãos molhadas do preparado ritual. Em seguida, caracteriza-as: primeiro, esfrega-lhes com pemba a testa e faces: depois, com ucusso, traça-lhes três riscos - um da raiz do nariz ao cabelo, e de cada ângulo do olho à orelha, mais um. Esta operação é efectuada, não parcialmente, mas completamente em cada paciente.

Terminada a caracterização, fá-las sentar no dando, uma de cada vez: segurando a paciente pela mão, manda-a tornear à volta de si, contando ele oralmente os nove giros executados, e segurando-a pelos ombros, para baixo e para cima também nove vezes em contagem sonora, a obriga a baixar-se e a levantar-se, até que, à nona flexão, a pousa definitivamente.

- Ouvi-me, ocultistas do Além, vós é que estais a fazer este serviço, e não eu! Portanto, ajudai-me! - E injuria com palavrões os seus mestres. Mas logo se desculpa: - Se vos disparatei, foi pelo ofício e não pela confiança! Portanto, ajudai-me também! - Irradia no final do assentamento da primeira paciente.

De um atado guardado n a sua samba, extrai um defumadouro composto de alecrim, incenso, capim de nove encruzilhadas em serventia e capim de outras tantas abandonadas pelo trânsito, qualificadas de *encruzilhadas mortas*, tudo já reduzido a pó. Lançando uma pitada numas brasas depositadas numa latinha, que coloca em frente das iniciandas, promove, com a defumação, a atracção das entidades. Tratando-se de almas, o defumadouro também conterá alfazema.

Também à frente delas, jazerá o dicosso-dos-calundus - composição de água, vinho, quitoto-e-maluvo e folhas fragmentadas de diololo e de ditúmbate. Fica contido num prato novo, previamente assinalado com a cruz a pemba e ucusso. Em possessão de Ngombo, ainda se lhe adiciona moedura de folhas de guba-iáfua e laços de mateba.

Este preparado serve para aplacar as incorporações, sobretudo das entidades bravas. Para o efeito, o auxiliar, à medida que cada espírito for subindo à cabeça, sorve um pouco de líquido, e num bochecho, esparge-o para o rosto da possessa - operação que repete no oficiante, a fim de evitar que ele também caia em indução. Além dessa utilidade, o dicossodos calundus igualmente serve para as pacientes beberem após a aplicação do pelo, ou seja, o reagente da possessão.

Para eficácia da actuação, impõe-se, durante o noviciado, comer e beber sobriamente. Os alimentos devem ser secos, sem molho ou caldo, como peixe assado, mandioca, batata-doce, jinguba. E mais que essas restrições, deve-se guardar absoluta continência.

Para a recuperação da liberdade sexual, só permitida no final da série de formalidades, o ex-penitente - homem ou mulher - terá que solicitar ao celebrante o quipapo - a primeira acha de lenha posta na fogueira-dos-calundus. Para que não se carbonize totalmente, é a sua consumição vigiada, ou pelo cabanda, ou por criatura idónea. Após se retirar, é depositada em lugar reservado.

Encerrados no quarto, a paciente e o consorte defumam-se com o quipapo, que se acende na ocasião. Com a cinza aderente, caracterizam o contorno das articulações do pescoço, cotovelos, pulsos, cintura, joelhos, tor nozelos e a região dos sobrolhos, de uma fonte à outra. Só na primeira noite se cumpre este preceito.

Quem não observar a continência e a formalidade de seu rompimento, os espiritos, por *despeito*, abandonam-no e perseguem-no com novas enfermidades e azares. A este abandono, diz-se: *deitar fora os calundus*. Então, deverá fazer nova chamada noutro ritual, embora sem a longuidão anterior.

Se a noviça ainda for donzela, também cumprirá, antes de se matrimoniar, a norma da quebra. E no caso de o marido, em consequência de

pertencer a uma outra esfera, não se sujeitar à defumação, basta o carácter assinalado na dormida.

A assistência, acomodada em luandos encostados uns aos outros, ao som de um instrumental [1] - goma e dicanza, ou goma e chocalho de cabaça em possessão de Ngombo - colocado na retaguarda das pacientes, entoa o cântico apropriado à entidade, o qual, segundo o seu gosto ocasional, pode ser mudado para outros, em duas ou mais variações.

No caso de não comparecer nenhuma entidade, o celebrante, para desobstruir o embaraço sobrenatural, extrai da panela-dos-calundus tantos galhos entrelaçados quantas as pacientes. Comum deles, circunda a cabeça de uma, o qual, depois de desenrolar, atira para o chão. Mas os filamentos, na sucessão da operação, alternadamente são dirigidos, ora para a direita, ora para a esquerda. Reacendendo o defumadouro, passeia com ele em volta do grupo.

Quando a entidade vem e vai como que em hesitação, o oficiante, para a fixar, tira da citada panela um dos referidos galhos e um laço de mateba. Com eles, torneia a cabeça da paciente, e concluído o volteio, desenlaça a mateba, que lança para o chão, repondo o galho na panela. Utilizando o defumadouro, procede como no lance anterior.

Se uma espectadora que nunca xinguilou, for acometida, o pai-de-umbanda, a fim de recambiar o espírito, sorve um pouco de dicosso, borrifa-lho para a cabeça, e dando-lhe uma palmadinha também na cabeça, irradia:

[1] Segundo o Prof. René Ribeiro em *Cultos Afro-Brasileiros do Recife*, os instrumentos utilizados nas liturgias não podem, no Brasil, ser emprestados para fins diferentes, nem mesmo a outra casa congénere. Aqui, não se observa esse rigor. No entanto, as sacerdotisas a quem também recorremos para a pesquisa de elementos para esta obra, igualmente os não emprestam, no receio de qualquer malefício por parte da criatura obsequiada. De qualquer modo, só o chocalho de cabaça exige restrição.

Sobre o emprego dos instrumentos, no interior de Luanda, para efeito de indução de almas, só se emprega o chocalho de cabaça.

- Volta, espera pela tua dicanga.

E a actuada retira-se da sessão [1].

8 - As miondonas e calundus constituem-se em *pedras*, ou seja, grupos. Mas é só na iniciação de xinguilador que assim se apresentam.

Independentemente do respectivo agrupamento, cada entidade, exceptuando um número reduzido que o é singularmente, ainda se organiza numa série numerosa de entidades afins, todas intituladas com a mesma designação, mas cada qual possuindo seu nome particular. Do mesmo modo que, dentro do título de *governador*, cabem muitos governantes - isto, segundo a comparação de uma informante nossa - assim acontece com os seres espirituais. Exemplificando: Kapita não representa um único ser, mas uma multidão desses mesmos seres. Portanto, de muitíssimos outros Kapitas.

Acerca da unitariedade, existem divergências. Segundo a entidade Mavitia Mbongo, então em actuação na informante destes esclarecimentos, aliás ocultista renomada, Mutakalombo, por exemplo, é um espírito único. Outras informantes, porém, refutaram tal concepção, alegando que, no interior de Luanda, quando um jacaré arrebata alguém, para que ele abandone a presa, a família recorre à intervenção dessa entidade, pois o jacaré é um "cão" seu. Então, Mutakalombo - entidade que superintende na fauna aquática - acometerá não só uma xinguiladora, mas várias simultaneamente. Basta haver, na ocasião, esse número de sacerdotisas. Esse facto, pois, constitui um evidente testemunho de sua pluralidade.

Os espíritos podem provir de uma das três vias: *Kazola* ou Afeição, *Muiji* ou Geração e *Kituxi* [2] ou Crime. São de *Kazola* ou da Afeição, quando se

[1] No interior de Luanda, depois de acordo entre a família da actuada e o celebrante, é a mesma *apanhada*. Quer dizer: submetida ao ritual. Mas senta-se em lugar à parte, igualmente beneficiando das incorporações. Só posteriormente, em cerimonial já promovido expressamente, concluirá o noviciado.

[2] Abrev. de Múkua-Kituxi (Vítima de Crime).

manifestam em nossa gestação; de *Muiji* ou da Geração, quando figuraram na corte espiritual que actuou nos nossos avós; e de *Kituxi* ou do Crime, quando um antepassado assassinou alguém que xinguilava essa entidade. Assim, só se sofre a indução das entidades pertencentes a uma das citadas vias.

Em dissaquela, as entidades sobem metodicamente, sempre na mesma sucessão. E para que se mantenha a ordem, o sacerdote, para desviar um espírito que se antecipa, procede como no caso de possessão inoportuna, pedindo ao dito espírito que espere a sua vez. Entretanto, fora da iniciação, qualquer entidade pode actuar indeterminadamente.

PEDRAS
Sua Enumeração

Pedra de Kalombo (relativa à nossa procriação, formada pelas miondonas): Lemba, Ngonga, Ndembu ou Mufulame.

Lemba é um espírito feminino que promove a procriação.

Pode ser de Kalombo e de Hanyi ou Ngima. No princípio da incorporação, geme, vertendo abundantes lágrimas e arrasta-se sobre as nádegas. Em nascimento de criança, a Lemba de Kalombo pode revelar-se de vários modos: em ambos os sexos - por um encaroçamento nos mamilos, mas com produção de leite, ou por um semicerramento dos órgãos sexuais; só em raparigas - por um corrimento, por um prurido nos órgãos genitais, por uma excrescência linguiforme na parte póstero-inferior da natureza, daí se dizendo que "nasceu parte homem, parte mulher", ou, ainda, por uma redução da bacia.

Para combater o mal, propicia-se a entidade com um festim, primeiro na infância, depois em vésperas de matrimónio, respeitando a segunda oblata só à mulher. Então o noivo, em doação de alembamento ao espírito, adquire

um metro de pano-cru, denominado *lençol*, que ela usará nesse cerimonial, conforme já episodiámos em *Uanga*. Quem assim não fizer, não procriará.

A Lemba dia Hanyi ou Ngima manifesta-se por uma insuficiência no crescimento: sendo mulher, não lhe aparece o cataménio nem os seios lhe despontam; e sendo homem, não se lhe caracterizam os fenómenos peculiares à adolescência. E rapaz e rapariga desenvolver-se-ão esguiamente, numa aversão pelo indivíduo do sexo oposto.

Sob a influência dessa entidade, também não se procria, se não se cumprir o ritual anterior. Mas, em qualquer dos casos, observa-se um tratamento medicinal, descrito no capítulo "Ritos Diversos".

Ngonga é um espírito feminino que propicia a felicidade. Manifesta-se com os punhos cerrados, mantendo os braços dobrados junto ao peito, com o dorso das mãos para baixo.

Em gestação de criança, ou mesmo sobrevindo ao nascimento, revela-se através de uma das seguintes anormalidades: pés assentando sobre o reverso, um seio grande, seis dedos ou dois bastante unidos, um quisto, malhas brancas, cabelos brancos. No caso da congenitidade, o mal é incurável. E no segundo, o tratamento efectua-se perante um quimbanda.

Ndembu ou *Mufulame* é um espírito feminino que, sob a dependência de Lemba, a auxilia em sua missão. Em gestação de criança, manifesta-se através de uma depressão no alto da cabeça.

Pedra de Kazola ou da *Afeição:*

Santo de Kazola, Cangundo, Engenheiro, Escrivão, Meirinho, Hernioso, Porteiro, Ladrão, Cega, Bêbeda, Muda, senhora do Santo, Francisco, Kafula, Mbangela, Ngonga europeia, Sereia, Ndembu do Congo, Mutanjinji, Kulumanus.

Os cinco primeiros são espíritos que pertenceram a indivíduos da raça branca, e os restantes, à negra.

O *Santo de Kazola é* um espírito tutelar. É de requintado trato. Fala em português, dependendo a correcção do grau de civilização da xinguiladora. Só gosta de charuto ou cigarro fino, excelente bebida, gemada e perfume.

Para a sua incorporação, coloca-se uma mesa com toalha branca, onde se dispõem os produtos de sua predilecção. O ambiente é aromatizado com incenso e a xinguiladora traja-se de branco. Só se senta em cadeira [1].

Em consequência desse requinte, quando alguém sente um cheiro oloroso, mas não vê ninguém, diz que "o senhor Santo passou".

O *Cangundo* é um espírito de branco ordinário. Em actuação, passeia de um lado para o outro, mostrando escrever com o dedo na palma da mão.

O *Engenheiro,* depois de pedir uma corda, que segura numa ponta, e um assistente na outra, vai medindo o chão, dizendo a metragem.

O *Escrivão* passeia gingando, de mãos nas algibeiras. Depois, senta-se à mesa, também mostrando escrever.

O *Meirinho* anda de um lado para outro, com um papel na mão.

O *Hernioso* surge a lamentar-se de seu estado, mostrando segurar o sexo: "Aiuê, o meu búmbi".

Se a incorporação incidir numa mulher, ela, para figurar homem, arregaça as vestes, entalando-as por entre as pernas, e executa o mesmo gesto.

O *Porteiro* posta-se a uma porta [2].

O *Ladrão,* sempre de olho alerta, não faz senão roubar o que se lhe depara, ocultando os objectos na roupa.

A *Cega* (referimo-nos à de nome Luzia) é malcriada. Muxoxa por tudo e por nada e insulta quem a interpela. De quando em quando, grita pela guia, de nome Kalumba. Como não lhe aparece, vomita injúrias, alegando

[1] O possesso representa a entidade. Portanto, é através dele que se executam os seus actos.

[2] No interior de Luanda, os designativos dos executores de cargos europeus são genericamente qualificados de *balambalas-auxiliares.*

que ela fora para a vadiagem. Na fúria, tacteia o chão à procura do bordão, para lhe bater.

Quando se acalma, canta bonitas canções, mas sem as completar. Então se saracoteia, lembrando-se de seus ditosos tempos.

A *Bêbeda* só pede vinho, cambaleando no peditório

A *Muda* apresenta-se com a sua mímica.

A *senhora do Santo* (referimo-nos à Mariquinhas) pertenceu à raça negra e gaba-se de sua beleza e de sua condição de mulher de um senhor.

O *Francisco*, na sua qualidade de criado, pede os utensílios para pôr a mesa.

A *Kafula*, por haver sido uma mulher nojenta, só quer comer porcaria, como fezes, escarros, ranho - imundícies que pede lamentosamente e a coçar-se.

O *Mbangela*, de moca na mão e machadinha à cintura, ao mesmo tempo que canta, pula e dança.

A *Ngonga europeia* também se manifesta como a Ngonga africana da pedra de Kalombo.

A *Sereia* não fala. Fica sentada, ostentando na cabeça um lenço com quatro jimbambas na testa, dispostas em cruz.

Ndembu do Congo foi uma mulher respeitável. Também se conserva sentada.

Mutanjinji é um espírito feminino que superintende na esfera dos animais terrestres. É uma das mulheres de *Mutakalombo* e única com esse nome.

Os *Kulumanus* foram marinheiros da Serra Leoa. São serviçais do Santo de Kazola. Pedem ovo, que chupam, e cerveja. Falam em inglês, dando socos no seu próprio peito: "Kamon, yes! Kamon, yes!"

Pedra de Ngombo (subordinada a Santo de Kazola):

Ngombo, Dikulu dia Ngombo, Ngênji ia Ngombo, Huhi, Dinyânga,

Mbangela dia Ngombo, Mbangu, D. Manuel dia Ngombo.

Ngombo é o espirito revelador da verdade. É único e oriundo do antigo Congo Belga.

Para actuar, a xinguiladora caracteriza-se de riscas brancas, pretas e encarnadas. E ao pescoço, ostenta um cordão de missangas, variando as cores e tamanho consoante a procedência da entidade. (V. capítulo "Cerimonialismo do Xinguilador") .

Dikulu dia Ngombo foi antigo ancião - homem ou mulher - que sofreu a incorporação dessa entidade.

Ngênji ia Ngombo foi antigo negociante-viajante ou vendedor de escravos. Em possessão, move-se de um lado para outro, ou com uma muhamba - artefacto gentílico para condução de carga - que traz ao ombro, ou, na falta, de uma vara, gritando: "Sou forasteiro de respeito: o andarilho anda por muitos caminhos e o forasteiro come da sua muhamba!"

Huhi é o espírito propiciador da simpatia, êxito e bem-estar.

Entre os caçadores, é esta entidade bastante cultuada, para favorecimento de sua graça. Em face de semelhante culto, ela proporciona-lhes muitas peças de caça, e por vezes, em sua incorporação na mata, leva-os a abater o seu semelhante. Então, o matador aproveita o coração de sua vítima, que, depois de seco, vende clandestinamente para emprego ritual.

Em vingança do crime, a alma da vítima vem perturbar a paz da família de seu malfeitor, quer induzindo-os ao roubo, quer arrastando-os à devassidão, exterminando-os depois um a um. Para cessação do desagravo, decorrentemente dos danos, efectuam-se ritos propiciatórios. É o caso do *Mũkua-Kituxi* - designação de semelhante vítima - como se verá mais adiante.

Dimyânga é espírito de caçador. Em actuação, dá grandes pulos, trepa às árvores, saracoteia-se sobre fogueiras. Por isso, prefere homem para seu veículo de mediunidade.

Para bom desempenho de sua função, os caçadores cultuam Huhi, conforme já ficou referido. Mas esta entidade não age indiferentemente em qualquer caçador, mas no chefe de família. Só por sua morte, se transmite ao filho.

Assim, quando saem a caçar, não se apresentam vulgarmente, mas paramentam-se ritualmente: com um torrão de ocre vermelho-escuro, especificamente denominado *undo*, caracterizam com uma risca a região dos sobrolhos, de uma fonte à outra, e com outra vertical, do cabelo à raiz do nariz - pintura que, sem excepção de circunstâncias, se destina a imunizar o portador contra um eventual ataque de uma alma enfurecida: e na cabeça, colocam o muhengue - a usual coroa de médium.

No favorecimento de seu protector espiritual, as reses surgem-lhes fartamente. Mas, outras vezes, agindo directamente em sua cabeça, pelo que lhes perturba a razão, impele-os a matar o seu próprio semelhante. Quando tal ocorre, sua arma é ritualmente lavada pelo quimbanda, e o caçador, em remissão de culpa, nove dias permanece recluso em casa.

Para que a alma da vítima não persiga o seu matador, ele comporta-se do seguinte modo: se a criatura abatida for mulher, possui-a antes ou depois de a liquidar; e se for homem, amputa-lhe o pénis após a consumação e entala-lho no nariz. Anulada a possibilidade de sua vingança, extrai-lhe então o coração, para certo emprego em umbanda. Por isso, vendido clandestinamente sob epítetos de disfarce.

Dada a singularidade de tal arte, o falecimento de caçador reveste-se de formalidades extraordinárias. No capítulo apropriado "Ritos Diversos" - mencionamos sua pormenorização.

Em possessão, o espírito do caçador apresenta-se turbulento, ameaçador, brandindo uma machadinha que arranca da cintura, tentando, em suas arremetidas, agredir os assistentes.

- Outrora, fui homem! Mas ainda sou verdadeiro homem! Sou caçador de respeito, dizimador de bemba! Como a carne abatida pelo caçador, mas também ponho as mãos em cima do caçador! - Brada ele em sua fúria [1].

Em sua identificação, declina, de entre outros apelidos, estoutros usados outrora: *Mesene Solomona* (Mestre Apressamento), *Huinyi ja Mubanga* (Lenha de Mubanga), *Tuba Dimoxi* (Um Testículo), *Kisalanganda* (Esgaravatador), *Uikila mbondo, huinyi ji-ku-bua* (Ateia o embondeiro, que a lenha se te acaba).

Mbangela dia Ngombo é o espírito que, sob a dependência de Ngombo, esclarece o que ele revela em adivinhação.

Mbangu é um espírito de antigo natural da Quissama. Em possessão, declara: "Sou sábio do Ocultismo! Sou bom porque rio, mas sou amargo!"

D. Manuel de Ngombo foi antigo fidalgo do Congo.

Pedra de Mutakalombo (pertencente à geração):

Mutakalombo, Kaiongo, Dinyânga dia Kituxi, Huhi ia Ngongo, Huhetu Xoioio, Suku, Muxima, Samba Nzundu.

Mutakalombo é o espírito que superintende na esfera dos animais aquáticos.

Foi cónego. Saiu de Portugal e andou por muitas localidades angolanas. Morreu velho - razão por que assim é invocado nos seus cânticos. Finou-se num montículo de salalé, num musseque das imediações de Luanda.

É único com esse nome, passado a adoptar nas actuações. Seu cão é o jacaré, de que se serve para punir uma falta grave.

Quando evocado para fazer justiça, a xinguiladora, envolvida pelas costas com uma baeta encarnada, na cabeça ostentando o muhengue, e no colo, mantendo a machadinha ritual, permanece sentada num banquinho,

[1] Kulu, home! Ngi diiala-home! Ngi mukongo ua tumba, nyanga dia mbemba! Xitu ia mukongo ngi-i-dia, muene o mukongo ngi-mulanda o maku!

não assente directamente no chão, mas sobre uma esteira. À sua frente, posta-se de joelhos o suplicante.

Em dissaquela, Mutakalombo, que pertence ao ramo paterno, actua juntamente com Kaiongo, que pertence ao ramo materno, cada qual influindo em cabeça diferente. Então, as duas entidades, em postura quadrupedante, tentam a união sexual. Mas o celebrante e assistentes exercem repressão, particularmente no caso de os instrumentos mediúnicos serem de sexos opostos.

Em face da oposição, ambos os espíritos (mas Mutakalombo ainda cavalgando em Kaiongo), lançam-se para a fogueira-dos-calundus, onde se movimentam por uns momentos. Durante a indução, Mutakalombo vai interjeccionando: "Hupu!" E Kaiongo: "Aaah!"

Kaiongo é um espírito feminino que constitui uma das mulheres de Mutakalombo.

Dinyânga dia Kituxi foi caçador dizimado. Em vida, foi assassinado por um antepassado da xinguiladora, igualmente caçador: é que os grandes caçadores, ordinariamente profissionais por tradição, são favorecidos por Huhi, o qual, conforme esclarecimento anterior, não só lhes proporciona muita caça, mas também os induz a abater gente.

Em vingança, foi provocando, em sucessivas gerações, o exterminio de alguns parentes seus, sobretudo filhos, quer antes, quer depois do nascimento. Para se obstar a mais mortandade, cuja causa é investigada por adivinhação, é a entidade chamada a actuar, a fim de se reparar o mal - circunstância esta, como já referimos no início deste capítulo, que pode determinar a efectuação de uma dissaquela.

Tal como essa entidade, ainda há a considerar o Múkua-Kituxi - Vítima de Crime - e o Nzûmbi ia Ngana - Alma de Senhor. Ambas as entidades, mas com a exclusão do exercício da caça (portanto, indivíduos que

professaram outras actividades), foram liquidadas, ou por assassínio, ou por enfeitiçamento, também por um avoengo.

Entre o Múkua-Kituxi e o Nzûmbi ia Ngana, a diferença que existe, é o tempo decorrido após o crime: uma época mais distante, o Múkua-Kituxi; e mais recentemente, o Nzûmbi ia Ngana. Afora essa particularidade, acresce outra, de natureza terminológica: a designação de Múkua-Kituxi ser mais usual em Luanda, e a de Nzûmbi ia Ngana no interior, principalmente na região do Cuanza.

Em possessão, qualquer deles surge dorido, patenteando o modo como morreram - coxos, mancos, com tosse, etc. Mais que o Múkua-Kituxi, o Dinyânga dia Kituxi e o Nzûmbi ia Ngana mostram-se depois terríveis, ameaçadores.

O Nzûmbi ia Ngana, talvez pelo curto período de tempo (portanto, ainda bastante ressentido do agravo), chega a fazer de assento um familiar da xinguiladora, e ainda pior, a cuspir na boca de outro, sempre impassível às súplicas dos presentes. E no seu asco, se o oficiante não agir convenientemente, mais vítimas poderá deixar no lugar, pois acontece morrerem, após a sua desactuação, as criaturas em que exercer o seu desprezo.

Com o Dinyânga dia Kituxi, quando a alma do criminoso também sobe a uma cabeça, aquele, na sua excitação, desafia o criminoso, agora humilde. Então, expõe-se-lhe numa total entrega, quer que este o mate como no dia do crime. E urra, e pula, e todo se oferece ao seu antigo algoz. Nesse espectáculo, cada qual brandindo sua machadinha, que diabolismo!

Para acalmarem essas vítimas, todos lhes dão razão, lhes suplicam o seu perdão. E eles cedem, agora só exigindo a indemnização dos seus danos, isto é, de quanto levavam na ocasião: vestuário, amuletos, mercadoria. Já integrados na família, passarão a assumir a sua tutela, participando-lhes depois os tutelados, para efeito de sua permissão, os actos mais importantes da vida.

Acerca destas entidades, narraram-nos que, em certa localidade do interior de Luanda, numa época distante de umas quatro ou cinco gerações, um homem, induzido pela inveja, havia enfeitiçado de morte um outro. Como a alma da vítima, em vingança, tivesse causado a morte a um filho seu, o maleficiador, para lhe evitar mais represálias, conseguiu que um quimbanda a encarcerasse numa garrafa.

Fechada a vasilha, não só com qualquer coisa servindo de rolha, mas ainda lacrada com boa resina, depositou-a em funda lura de um embondeiro recôndito - lura essa existente na parte mais eminente. E a alma, prisioneira (portanto, reduzida à inacção), não tornou a vingar-se em mais ninguém.

Decorreram anos, sucederam-se gerações. Com a morte do criminoso, dos filhos, morrera a lembrança de tal enfeitiçamento. Mas o tempo, que não morre, na sua acção infatigável foi corroendo as raízes da gigantesca árvore, para o chão a prostrou um dia.

Mas a tarefa do tempo não ficou por aí: pela continuidade das chuvas, o caule foi apodrecendo, a garrafa se desprendeu, ao rio Cuanza foi parar. Ao sabor da corrente, flutuava a garrafa. Passa um grupo de mulheres. Uma delas, dada a escassez de tais recipientes, recolhe o precioso achado.

- Para que queres isso? Não vês que está tapada? Ainda se estivesse aberta... - Observa-lhe uma das companheiras.

- Auã! Que tem isso?

- Que tem isso?! Às vezes, são coisas de feitiçarias!... - Tornou a outra. A do achado não se importou, desrolhou a garrafa, aí mesmo a lavou. Entretanto a alma liberta-se, com ela seguiu para casa.

Daí em diante, estabeleceu-se lá, com a mulher passou a andar. Mas, um dia, ouvindo uma outra mulher perguntar a esta a morada de um dos descendentes do seu maleficiador, abandonou a primeira, logo a segunda perseguiu.

- Se falaste nessa família, é porque a conheces... - Pensou a alma.

Uma vez em casa dos seus inimigos por hereditariedade, a alma começou de novo a exercer a sua vingança: hoje um, amanhã outro, depois outro, os foi liquidando.

A família inquietou-se. Que seria? Tanta morte junta, uns atrás dos outros, sem peste nem nada?

Consultam um quimbanda. E pela adivinhação, ficam sabendo a causa - o episódio narrado.

Para aplacarem a fúria da alma, chamam-na em dissaquela. Mas ela, na inclemência da cólera, não se fixa em cabeça, antes pousava, ora numa árvore próxima, ora na cobertura da casa, sempre explodindo o seu furor. Por fim, cedeu à ciência do quimbanda: actuou em alguém, perdoou o agravo desse parente distante.

Huhi ia Ngongo é o espírito que protege o caçador vitimado. Como cada caçador, após a herança espiritual de seu progenitor, fica a possuir o seu protector, a dita entidade, por morte do seu tutelar, também comparece em dissaquela.

Huhetu Xoioio é o espírito de antigo serviçal da Serra Leoa.

Suku é o espírito de antiga mulher nova da Quissama. Caracteriza-se por uma tontura em quem deseja fazer seu instrumento de mediunidade, ficando a paciente a abanar a cabeça. Seu nome completo é *Mukita a Suku*.

Muxima é igualmente o espírito de antiga mulher nova da Quissama.

Samba Nzundu é um espírito feminino que constitui uma das mulheres de Mutakalombo. É oriunda da Quissama.

Pedra de Kibala Muiji (pertencente à geração):

Kibala Muiji, Diculo, Diculundundo, Ngênji.

Kibala Muiji é o espírito gerador de cada família. Dada a sua função procriadora, tanto pode ser masculino como feminino.

Diculo é o espírito que, na vida terrena, atingiu avançada idade. Em possessão, surge inchado [1], choroso, exclamando depois, contando e recontando pelos dedos: "Alilu... alúlu... alúlu... alululululu!..." (Meus bisnetos... bisnetos... bisnetos... trinecetos!...)

Esta entidade pode ser masculina ou feminina.

Diculundundo é o espírito de ancião de avançadíssima idade, havendo ultrapassado o período existencial do diculo. Em possessão, a xinguiladora fica como que morta, exalando um cheiro a cadáver. Envolvem-na então num lençol, e estirada numa esteira sobreposta a um luando, é conduzida à mão a uma encruzilhada.

Para vir a si, dá-se-lhe uma defumação de capim, lixo, incenso, alfazema, alecrim, pepes, sobongos e tacula manipulada. O capim e o lixo são colhidos nessa encruzilhada e proximidades de um estabelecimento comercial de grande movimento e também de um mercado.

Ministrado o pelo, que é osso de palanca, rompe a chorar. Numa consequência de sua falta de dentes na vida mundana, vai depois balbuciando em escorrimento de baba: "Buá... buá... buá... buá!..."

À semelhança do diculo, esta entidade também pode ser masculina ou feminina.

Ngênji foi antigo negociante-viajante ou vendedor de escravos. Nesta incorporação, exibe, sobre as vestes, uma tanga formada de duas peles - uma à frente, outra atrás - e ao ombro, transporta uma muhamba contendo vários produtos gentílicos, gritando: "Eu sou forasteiro! Sou forasteiro de longe! O andarilho passa por muitos lugares e o forasteiro come do seu negócio!"

Pedra de Muene-Kongo (pertencente à geração):

Muene-Kongo, Mbangala Mbota, Kiteri kia Muene-Kongo, Kiiala kia

[1] Mais uma vez notamos que o xinguilador em transe representa a entidade espiritual. Em resultado, quanto diz, quanto executa, nada mais é do que uma reprodução do aludido ser.

Ngangela, Kasutu, Musunda Nganga, D.ª Pinji do Luango, D. Pedro Mazárti, D. Manuel Iaiá, Turiri Mulêle Pengula.

Muene-Kongo é um espírito feminino que, por infundamento ou quebra volúvel de protestos, administra a justiça.

Foi rainha do Congo e tia do espírito Hônji. Chama-se D. Maria Kumeketa kua Mâji ma Ngûba (D. Maria Reluzente de Óleo de Jinguba). É única e actua pelo ramo materno.

Em possessão, sobretudo no começo da mediunidade e nos momentos de engano na quebra de protestos, a xinguiladora fica hírta, como que em estado tetânico, e em manifestação de punição, o prevaricador também se retesa. Neste segundo caso, é ele primeiramente acometido de febres altas, depois intermitentemente com o inteiriçamento do corpo, expelindo finalmente, horas antes da morte, sangue pelo nariz. O acesso do mal, por dificilmente se penetrabilizar à adivinhação - daí resultando o progresso da enfermidade - raro se debela.

A função de Muene-Kongo, pois, exerce-se na consolidação de protestos e na aplicação da devida justiça, e em caso de perdão, também na sua anulação. Para se atrair a cólera de Muene-Kongo contra outrem, ou mesmo contra si próprio, basta um resmungamento constante, uma praga, um juramento de renúncia. E para maior eficácia do protesto, decorrentemente da punição, apenas se batem as mãos no chão [1], pungentemente se entregando à entidade.

Para a sua quebra, impõe-se a presença de uma sacerdotisa dessa entidade, e conforme a gravidade do protesto, assim se realiza a função.

Se o assunto for simples, como resmungamento, renúncia, a intérprete prepara o prato-de-muene-kongo - prato lustral que, depois de assinalado com a cruz a pemba e ucusso, contém água, vinho, quitoto-e-maluvo e laços

[1] Este facto corrobora a concepção, já obliterada pelo Catolicismo, de o Após-Morte banto ser o mundo subterrâneo.

de mateba. De cara limpa, isto é, sem o domínio da actuação, a xinguiladora, perante o prato ritual, convida a protestadora a retratar-se. Protestadora porque, ordinariamente, são as mulheres que se envolvem nesse género de conflitos.

Em confissão, a suplicante vai reproduzindo quanto proferira, rogando a espaços:

- Muene-Kongo e Deus, Deus e Além [1], Muene-Kongo do atalho obrigatório [2] - o atalho obrigatório que promove [3]! Muene-Kongo e Deus, Deus e Além: fui eu quem arrancou a trave da casa [4], mas tornei a espetá-la [5]: o sossego vem da paz, e a paz vem do mulembuíji [6]! Fora, fique o estar; no quarto, fique o dormir: um ancião põe os ouvidos na mata, não põe os ouvidos em casa [7]: em casa, há bisnetos e netos! Venha saúde e força [8]!

No final, a rogante tira do prato um laço de mateba, torneia-o em volta da cabeça nove vezes e atira-o para o chão após o desatar. Mas, na repetição do acto, nunca o lança para o mesmo sítio, antes para os quatro lados principais: ora para a frente, ora para trás, ora para a direita, ora para

[1] Alusão a todos os seres espirituais.

[2] Alusão ao local em que, para eficiente resultado, se deve exercer o resmungamento ou praguejamento.

[3] Alusão ao efeito tetânico da punição.

[4] Alusão ao praguejamento, por efeito da desavença.

[5] Alusão à reconciliação.

[6] Alusão à virtude dessa planta, em relação ao benefício espiritual que proporciona. Constitui uma das plantas sagradas, empregues em rituais de pacificação da alma.

[7] Isto é: um espírito venerável vela pela segurança da vida, não cuida das mesquinharias do coração.

[8] A súplica em vernáculo:

Muene-Kongo ni Nzãmbi, Nzãmbi ni Kalunga, Muene-Kongo ua muene paka - muene paka u oleka! Muene-Kongo ni Nzãmbi, Nzãmbi ni Kalunga: muangu ua nzo nga-u-fomuene, nga-u-fomeka: ta-aia, zai; zai, o mulembuiji! Bu kanga, bu kãla o kunanga; mo nzo, mu kãla o kuzéka: muadiakimi uta mãtui mu mbole, katiê mãtui ku bata: ku bata ku ãla alúlu ni alaula! Sauidi ni nguzu!

a esquerda. Sorvendo finalmente um pouco de dicosso, borrifa-o para o ar, primeiro para o nascente, depois para o poente, esguichando, por último, para o seu próprio peito.

A fim de se lembrar de mais algum pormenor, pode encetar uma conversa sobre qualquer outro assunto. Mas logo que ele ocorra, expõe-no em confissão. Então, novamente recita a oração, novamente observa a formalidade do laço, caso ainda não tenha esgotado a sua quantidade.

Se a desavença já decorreu há uns poucos de anos, o cerimonial reveste-se de maior solenidade. Neste caso, Muene-Kongo actuará.

Para a possessão, a sacerdotisa repousa num banquinho, mais alto que o vulgar, mas assente sobre uma esteira. Paramenta-se com um pano branco - a dibeca de Muene-Kongo. Em frente, instaladas em esteiras, permanecem as contendoras, agora na companhia das respectivas familiares. E entre oficiante e fiéis medeia um prato e uma panela: naquele, em vez do dicosso, figuram fragmentos de mandioca, quicuanga, cana-doce, banana, grãos de jinguba, dendês, tudo cru; e na panela, a dita composição com os complementares laços de mateba, mas acrescida de um galho de mulemba.

- Bembu! (Perdoadas!) - Vai absolvendo Muene-Kongo em voz cavernosa, agitando o manto para o corpo das circunstantes, sobretudo as desavindas, agora todas de joelhos e de cara pendida.

- Mâtui! (Somos todas ouvidos!) - Agradecem elas em coro.

Para certificação da inteireza dos factos, a entidade interroga:

- Não se lembram de mais nada?

Se houver um lapso, Muene-Kongo, zangada, inteiriça-se mais. Mas lança a absolvição, embora com voz mais soturna:

- Bembu! (Perdoadas!)

- Mâtui! (Somos todas ouvidos!)

Muene-Kongo desactua, age D. Pedro Mazârti, ou, vulgarmente, Petelu.

Desparamentando a dibeca de Muene-Kongo, que dobra e entrega a uma assistente para guardar, retira do chão o prato e a panela e encaminha-se para fora, seguido de todas.

Aí, sempre com as vasilhas na mão, apodera-se do galho e esparge cada uma das fiéis. Para banqueteamento das entidades de sua pedra, arremessa uma porção dos ditos alimentos para todas as direcções da casa, distribuindo em seguida, a todas as interessadas, um sortido desses produtos, logo comidos pelas contempladas.

Por fim, acomoda-se numa esteira que se estende na ocasião, e cobra-lhes uma moeda de cinquenta centavos, atando-lhes, em troca, ao tornozelo e braço de membros contrários, um entrançado de mabela. Erguendo-se, calca a panela, deixada de borco, e liberta-se.

Se, por pragas, sobretudo na presença de sacerdotisa dessa entidade, ou, ainda, em local onde já existiu moradia de idêntica cultuante, o efeito já tiver causado mortes, a função redobra de solenidade, intervindo não apenas uma xinguiladora, mas várias: duas, para servirem de veículo das entidades; e as outras, das criaturas falecidas por esse motivo.

Para o cerimonial, *veste-se* um pilão - o pilão-dos-protestos ou pilão-de-muene-kongo: com pemba, ucusso e ulombo de folhas de Nvunji [1], traçam-se alternadamente nove círculos em torno da vasilha; na borda superior, envolve-se uma tira de pano cru de uns dois centímetros de largura; a essa tira prendem-se, mas descaindo em franja e também em sucessiva intercalação, outras tiras - umas também de pano-cru, outras de pano encarnado e outras de pano azul - todas com o comprimento de um decímetro; nos intervalos, viradas para cima, aplicam-se folhas de mandioqueira, de mamoeiro ou de outras plantas, como ainda galhos de trepadeira e de flores silvestres.

[1] Ou seja: folhas empregues em tratamento ou ritual que respeitam a Nvunji. Em umbanda, consoante a denominação da entidade espiritual, assim se classifica a folhagem ou a planta específica: folhas de Hitu, folhas de Kalombo, folhas de Ngombo, etc.

Com o pau de moer - o muisso - procede-se analogamente, quer no traçado, quer na guarnição. Só não se empregam as peças vegetais.

Após essa vestimentação, faz-se, no interior do pilão, a preliminar cruz a pemba e ucusso, mas cada risca marginada de ulombo, e então o preenchem com os aludidos alimentos - mandioca, quicuanga, cana-doce, dendê, jinguba, milho - nove bocados de cada produto, excepto o dendê e os grãos, que são inteiros, vertendo-se, no final, primeiro em nove reduzidas porções, depois sem medida, uma mistura de quitoto-e-maluvo, vinho e água.

Dentro do recheio, espeta-se o pau moedor, de modo a não cair: se tal acontecer, advirão azares para as promotoras do ritual.

Com idênticas riscas, mas sem os restantes apetrechos, também se espeta uma haste de dois galhos entrelaçados de uma determinada planta, medindo uns vinte e cinco centímetros de comprimento. E ainda verticalmente, fincados no dito conteúdo, um pedaço do extremo superior de cana-doce, ou, facultativamente, de cana-brava, e diversos laços de mateba ou de palmeira.

Numa panela de barro, executadas as citadas caracterizações e franja, introduz-se igual recheio, colocando-se depois a mesma junto do pilão, mas assente sobre três pedras. E espetados, um guico, uma colher de pau, uma vassoura (tudo já sem préstimo), e mais um galho de mulemba e os referidos laços.

Num prato de ferro esmaltado, prepara-se finalmente o dicosso, também contendo, como nos casos anteriores, os ditos laços. Tal como a panela, igualmente permanece ao lado do pilão, outrossim acontecendo à garrafaria, contendo aguardente, vinho-abafado e comum, mel e óleo de rícino.

Em tantas médiuns quantas as vítimas, evocam-se as almas das mesmas. Dolorosas pelo trágico fim, manifestam-se chorando. E sempre tristes, falam de seu arrependimento ou inocência.

A esse tempo, Muene-Kongo e Nvunji já se acham em indução em duas xinguiladoras - as principais personagens da função. Então Muene-Kongo,

ouvidas vivas e mortas, repreende-as severamente, lançando-lhes depois a absolvição, agitando sobre elas o seu manto. E Nvunji, por seu turno, após as haver verberado igualmente, igualmente lhes perdoa o delito.

Para o efeito, retira do pilão a haste dos galhos entrelaçados, torneia-a em volta da cabeça de cada familiar, incluindo a própria alma ou almas, bate-lhe levemente com ela nas costas, e molhando-a no pilão, dá-lha a chupar.

Em seguida, retira duas folhas, que também mergulha no pilão, e com uma em cada mão, e cada mão empunhando simultaneamente uma galinha, saco de folhas e aves para o grupo, girando depois tudo em redor da cabeça de cada familiar.

Por fim, retira, quer do pilão, quer da panela, quer do prato, vários laços, repetindo com um deles a operação do volteio, findo o qual o desenlaça e o atira para o chão, mas cada laço para sua cabeça. Só não deita fora a haste dos galhos entrelaçados e as folhas, que logo torna a prender na cinta a que se achavam ligadas.

Cortando um bocado de orelha a um porco, o que também pode ser executado por Muene-Kongo, com ele caracteriza, apenas com um toque, a testa, fontes e dorso das mãos e pés de todas. Simbolizando o protesto e respectiva anulação, ata, por trás das costas, mas logo desatando, as mãos das almas. Concluída a sua missão, sorve uma mistura de mel com óleo de rícino - a sua ambrósia particular - que uma assistente prepara.

Nvunji vai-se, vem Luangu. Também ralha e perdoa.

Para o perdão, igualmente retira duas folhas do pilão, que também molha no líquido respectivo, bem como os apetrechos da panela - muísso, colher, vassoura e galho - e com a munição repartida em ambas as mãos, esparge o grupo, repondo tudo nos seus lugares. Chupa um ovo e bebe uma pinga de aguardente, tudo fornecido por uma fiel.

Muene-Kongo recebe também o seu brinde. Primeiro, oferecem-lhe

um pires com jindungo-do-congo e cola aos bocadinhos. Ela come um pouco. Depois, apresentam-lhe uma garrafa com aguardente, vedada com uma moeda e um lenço sobreposto em cobertura.

Como não pode beber, apenas aspira fortemente, perdendo a força natural. Assim mimoseada, Muene-Kongo, por sua vez, oferece às circunstantes o manjar contido no pires. Todas se servem.

Muene-Kongo e Luangu desactuam, em seus lugares sobem os Petelus, ou, portuguesmente, os espíritos denominados D. Pedro Mazârti. Abeirando-se do pilão, apoderam-se da mão de gral e põem-se a pilar energicamente. Para que o vaso não caia, pois, como já ficou dito, o seu derrubamento provoca a morte a todas as implicadas no protesto, várias assistentes amparam-no vigorosamente. É uma luta que se estabelece.

Por fim, os espíritos abandonam a tarefa, e as familiares, triunfantes, transportam ocultamente o pilão para um canto do terreiro, pelo que se diz *roubar*. De igual modo, procedem com a panela e o prato. Em limpeza psíquica, se lavam então com os líquidos contidos, bastando passar pelo corpo, de alto a baixo, as mãos molhadas em qualquer dos recipientes.

Os espíritos, entretanto, abatem à paulada o porco já referido, amarrado pelas pernas. Algumas fiéis limpam depois a rês. Nesse espaço de tempo, os espíritos banqueteiam-se com bocados de quicuanga, mandioca, banana, cana-doce, dendês, milho, jinguba, tudo cru e depositado num balaio.

Satisfeito o apetite, distribuem o acepipe pelas presentes. Esquartejando o animal, contemplam novamente todas com uma parte, só cozinhada em casa de cada uma. Nesse instante, apenas se assa uma lasca para as almas, ainda em possessão e sempre sentadas ao lado das parentas.

Um dos espíritos vai-se, vem Musunda Nganga. Estirando-se no chão, de barriga para baixo, geme e contorce-se. Uma fiel derrama à sua beira uma porção de água. O espírito esfrega as mãos na lama formada, e com ela

caracteriza os pés da assistência, a fim de lhes dar saúde e paz. Quando se ergue, liberta-se, e novamente incorpora D. Pedro Mazârti.

Agora, uma familiar enoda com dois nós um filamento de mabela, tantos quantas as implicadas, besunta-os com uma mistura de tacula manipulada com azeite de palma, e metendo-os numa panelinha, submete-os a fogo brando, remexendo a fritura com um pauzinho. Feito isto, apresenta o recipiente a um dos espíritos, o qual ata ao tornozelo de cada uma das interessadas um desses filamentos, pelo que lhe cobra uma certa quantia (anteriormente, cinquenta centavos) [1].

Findo o encargo, os espíritos evolam-se. E o protesto ficou anulado.

Quanto ao recheio e guarnição do pilão, bem como a panela com o seu conteúdo, tudo isso é lançado numa barroca para onde correm as águas da chuva. Antigamente, era com o próprio pilão, tal como nalgumas áreas do interior de Luanda, só com a diferença de que lá se arremessa para um rio, longe da margem. Esta função, ordinariamente iniciada por volta das dez horas da noite e concluída lá para de madrugada, importava nuns dois mil escudos.

Para melhor ideia de uma protestação mediante os espíritos, ou, tipicamente, de um cubamento, vamos relatar um episódio ocorrido em Luanda, em fins de 1954:

Uma mulher, verificando que lhe haviam desaparecido quatro galinhas, deitou a gritar pelas imediações da casa quem as teria consigo. Como ninguém se acusasse, foi a um local onde havia existido moradia de grande quimbanda. Batendo no chão com uma cana, rogou:

- Vós, calundus que estais debaixo deste chão [2], procurai o ladrão das minhas galinhas! Só se não sois calundus de verdade! Mas se fordes mesmo

[1] Conforme já ficou dito, esta e outras quantias respeitam a um tempo anterior a 1975 - data da 2.ª edição.

[2] Mais um testemunho de o Além-Túmulo dos naturais ser o mundo subterrâneo.

calundus de verdade, mostrai-me o ladrão! Gritei pela sanzala e ninguém só se apresentou com as galinhas! Tu, Muene-Kongo, tu, Nvunji, vós que não consentis abusos, ouvi-me nesta queixa!

Quem roubara as galinhas, fora uma vizinha. Apesar do alarme da dona, calara-se muito bem caladinha. Para requinte de seu cinismo, matou duas aves e preparou um pitéu. E para o manjar, convidou três amigas.

Volvidos uns dias, a ladra adoece gravemente. Baixa ao hospital. Não se salva. Mas, na véspera da morte, num rebate de consciência, confessa o delito à família:

- Aiuê, eu vou morrer só! E o que me vai comer, não é doença de Deus, mas quatro galinhas alheias que roubei! A dona gritou por elas, mas eu não lhas entreguei! Comi duas galinhas, as outras estão em casa! Para elas vos não trazerem mortes, entreguem-nas depressa à dona!

Os parentes assim procederam. Mas ela foi-se por punição dos espíritos.

Dias depois, uma das convivas também adoece e falece. Depois, outra também adoece e falece. Mas a doença destas duas, ao contrário da da primeira, apenas durou uns três dias.

Adoece a terceira conviva. Mas esta, numa suspeita das ocorrências, prudentemente pede à família que se consulte um quimbanda.

- Comeu galinha roubada em casa de uma amiga. Já houve mortes, a dona fez um cubamento. Para se salvar, tem que se fazer já, já, o tratamento de Muene-Kongo. - Revelou divinatoriamente o ocultista.

Efectua-se o ritual propiciatório. E a enferma salvou-se.

Dias após, adoece um filho da dona das galinhas. Como nos transes anteriores, também se fina em pouco tempo. Adoece segundo filho. O mesmo trágico fim. Adoece terceiro filho. Igualmente o mesmo trágico fim. E todos, já homens, na fatal brevidade de tempo.

Alvoroçada, a pobre mãe investiga a causa de tais mortes. De onde teria

partido esse malefício? Afinal - declara o adivinho - partira de si mesma, por ter aceite as galinhas restituídas!

- Para aceitares as galinhas - esclareceu o haríolo - devias primeiramente comunicar aos calundus. Não o fizeste, e eles se zangaram: tão ladrão é o que rouba, como quem aceita coisa roubada. Agora, se não queres que morra mais gente, manda levantar, quanto antes, o pilão-dos-protestos!

Para obstar a uma dizimação maior, a desventurada mãe mandou imediatamente realizar a conveniente liturgia. E só assim se impediu que mais mortes devastassem a sua família.

Outro lance da punição dos espíritos ocorreu em Bom Jesus – vila situada a uns sessenta quilómetros de Luanda - há mais de meio século:

Uma mulher, para afugentar os larápios que constantemente lhe saqueavam a lavra, arranjou, à semelhança dos bruxedos usados em tais circunstâncias, o seguinte estratagema: dependurou a uma árvore o casco de uma cabaça, a que, primeiro, havia feito vários orifícios e as imprescindíveis riscas cabalísticas, e nesses orifícios, aplicado penas e fiadas de missangas consagradas a Nvunji. O espantalho, com aquele ar de feitiçaria, deu o resultado desejado: os ladrões, no receio de algum azar, deixaram de assaltar a propriedade.

Com o tempo, o terreno cansou-se de produzir. Então a lavradeira, como sucede em tais emergências, pôs de parte a lavra, para mais longe foi cultivar. Com as chuvas, a cabaça desprendeu-se, as guarnições se espalharam. Posto que a feitura da cabaça não envolvesse nenhum acto espiritual, Nvunji, entretanto, indigna-se com tal procedimento. Em resultado, faz descarregar sobre ela pertinaz enfermidade.

Os quimbandas a que a mulher recorre atribuem efectivamente o mal ao espírito, mas não revelam a sua verdadeira causa. Sem o tratamento adequado, acabou por morrer.

No uso de uma prática tradicional, a família averigua a procedência do falecimento. Procurou - e isto ainda segundo a velha costumeira - não apenas um áugure, mas uns três: simplesmente para confirmação das adivinhações. E então soube a verdade completa: realmente fora Nvunji a causadora da doença e consequente morte, tão-somente porque a extinta, sem um rito que desobrigasse o espírito de sua interferência, abandonara a lavra e seu amuleto.

- Ora - juntou o vaticinador - Nvunji ficou furiosa com isso, tomou esse procedimento como desprezo. E castigou-a. Agora, acautelem-se: se não quiserem que ela coma mais gente, ponham já de pé o pilão-de-muene-kongo!

Para que a punição não se estendesse a mais familiares, rapidamente se organizou o cerimonial respectivo. Conquanto sem relação com este incidente, um outro se prende a ele: quando se jogou o pilão ao rio, o quimbanda que dirigiu a umbanda, enfeitiçado por inveja, para a água caiu também, para sempre desaparecendo o seu cadáver.

Mbangela Mbota é um espírito feminino de procedência conguesa, igualmente respeitando à função dos protestos. Em indução, senta-se na esteira e bate rapidamente com a mão, ora no chão, ora na boca, em manifestação de protesto.

Kiteri kia Muene-Kongo é um espírito feminino de procedência conguesa, igualmente respeitando à função dos protestos.

Kiala de Ganguela foi antigo selvagem da Ganguela.

Kasutu é um espírito de procedência conguesa. Em punição, provoca a hidropisia, ou, popularmente, barriga-de-água, e outras vezes, inchação dos testículos. E é sob um desses aspectos que se apresenta em possessão.

Musunda Nganga é um espírito feminino de procedência conguesa, igualmente respeitando à função dos protestos. Em possessão, estira-se no chão, contorcendo-se e gemendo. Sua missão consiste em restituir a saúde

e a paz, para o que besunta o corpo do paciente com terra molhada. Para o efeito, verte-se água junto do espírito, esfregando ele aí as mãos.

D.ª Pinji do Luango é um espírito feminino de procedência conguesa. Quando troveja, actua em seu instrumento de mediunidade, correndo o possesso como louco. Para não sofrer nenhum risco, alguns familiares o acompanham [1].

D. Pedro Mazârti foi antigo fidalgo do Congo.

D. Manuel Iaiá foi antigo fidalgo do Congo.

Turiri Mulêle Pengula (Coloca o Pano Travado) é um espírito feminino de procedência conguesa.

Estas três últimas entidades - D. Pedro Mazârti, D. Manuel Iaiá e Turiri Mulêle Pengula - são evocadas em casos graves, ou para anularem desavenças. Carecem do sacrifício de um porco. E desta pedra, a maioria de seus componentes são oriundos do Congo.

Pedra de Nvunji (relativa à geração) :

Nvunji, Luangu e Kisanga.

Nvunji é um espírito feminino que administra a justiça. É única e saiu de uma lagoa.

Em possessão, sorve mel e óleo de rícino, misturados num prato. Ao invés de outras entidades, não precisa do cerimonial da dissaquela para actuar pela primeira vez.

Antes de ser evocada, pode manifestar-se no ventre materno pela ausência do cataménio, desde o último filho ao referente ao fenómeno. Isto é: a mulher alcança sem o aparecimento do mesmo.

O tratamento da mulher nesse estado, consiste no uso de folhas

[1] Conhecemos o caso de uma mulher que, acometida por esse espírito num descampado, foi vitimada pela enxurrada. Mediante rito de quimbanda, pode-se impedir que o possesso saia de casa, ou, estando fora dela, siga a direcção das águas.

pulverizadas, mel e rícino. Os pós ficam em chifres de palanca e corça e num casco de uma tartaruga pequena; e em cabacinhas, os outros ingredientes, bem como uma mistura dos aludidos pós. O rícino serve para defumações e fomentações, e o restante, para ingerir.

Além dessa droga, um sacerdote dessa entidade prepara, sob a sua incorporação, a lagoa-da-venerável-nvunji - uma panela de barro com dois burgaus e água simples. Com a água dessa lagoa, sempre renovada quando se esgota, a paciente temperará frequentemente os seus banhos, acontecendo outro tanto com as futuras lavagens do filho. Mas estas, até ao nascimento do seguinte. Portanto, quando já estiver crescidinho, ou, ainda, por ocasião de doença.

O ocultista chamado a tratar este incidente, no final do ritual - adivinhação e prescrição terapêutica - deita pemba para dentro do bico de uma galinha de penas eriçadas e profere:

- Aqui está a tua casa, venerável Nvunji!

A ave conserva-se para criação. Os ovos ou crias são vendidos, revertendo o produto para o dizaco de Nvunji, isto é, o mealheiro ritual consagrado a essa entidade, e o qual se destina à compra de aprestos necessários ao culto, como mel, rícino, e quando em visita ao pai-de-umbanda, brindes de tabaco e vinho.

De quando em quando, também se pode adquirir, com esse mesmo dinheiro, qualquer peça de vestuário, quer o eleito seja criança, quer adulto, podendo este - o eleito - comer, sem dispêndio, alguns ovos ou crias.

Se a dita galinha morrer sem ter deixado prole, o ocultista deverá repetir a operação da pemba noutra galinha da mesma espécie.

A vunjidade, ou, por outras palavras, a influência exercida por esse espírito, pode ocorrer não só no ventre materno - vunjidade congénita *(nvunji iovale)* - mas também após o nascimento - vunjidade por simpatia *(nvunji ia ukamba)*. No primeiro caso, a vunjidade é maligna; e no segundo, benigna.

Quem se lamentar na presença de criatura eleita no período pré-natal, vê concretizado o seu desejo de justiça. Para obstar a esse mal, deve acrescentar no final do queixume: "Venerável Nvunji, o que disse, não é para ti: apenas desabafei com o meu amigo (ou amiga)."

Se, pelo contrário, o incidente se manifestou após o nascimento, nada de anormal advém de uma lamúria.

Conforme a procedência, verificada por adivinhação, assim a vunjidade pode resultar: ou por efeito de afeição *(nvunji ia kazola)* ou da geração *(nvunji ia muiji);* ou, ainda, de um crime outrora praticado por um parente na pessoa de um fiel a essa entidade *(nvunji ia kituxi).* Estas duas últimas proveniências, em regra, respeitam à via materna.

Em punição, a sua justiça revela-se através de qualquer das seguintes enfermidades: anemia - o que acontece mais vulgarmente - enfraquecimento da vista, tosse seca, hidropisia.

Luangu é um espírito feminino que, sob a dependência de Nvunji, a auxilia em sua missão. Também se manifesta no ventre materno, mas pela continuidade do mênstruo, embora aguado, durante a gravidez. O fenómeno só se opera após a revelação de Nvunji. Portanto, a sua imediata em manifestação natal.

Para se debelar a anomalia, o quimbanda, apurada divinatoriamente a causa, atira para a sua frente uma pitada de pemba, rogando:

- Se és Luangu de verdade, pare o sangue, aqui está a tua pemba!

Ainda semelhantemente a Nvunji, também prepara a respectiva lagoa - a lagoa-da-venerável-luangu - igualmente constando de uma panela de barro contendo água simples e dois burgaus. Serve, como no caso anterior, para o mesmo fim.

No final da liturgia, também deita pemba para dentro do bico, não de uma galinha, mas de um galo da mesma espécie, proferindo:

- Aqui está a tua casa, venerável Luangu!

O preceito adoptado para com Nvunji estende-se a Luangu, quer no concernente aos banhos, quer à ave.

Kisanga é um espírito feminino que, sob a dependência de Nvunji, a auxilia em sua missão. Em nascimento de filho, é a imediata a Luangu. Mas não se caracteriza por nenhuma particularidade.

ENTIDADES DIVERSAS [1]

Kabila é um espírito que, a serviço de Mutakalombo, tem a seu cargo o pastoreio do gado.

Quando um caçador não consegue abater uma peça de caça, se, por intermédio de um xinguilador, lhe suplica a sua intervenção, o espírito proporciona-lhe alguns animais que furta ao amo, difícil de aceder a tais pedidos. Após a caçada, o caçador, em testemunho da realidade, apresenta ao xinguilador as caudas dos animais abatidos. De joelhos à sua frente, bate palminhas de reverência, e tomada a bênção, informa-o do número de cabeças mortas.

- Parabéns por nâmbua e Samba, o milhafre do xinguilador que vá para a panela [2]! - Felicita-o assim o médium.

Regressando ao mato, esquarteja todas as peças e novamente em casa do xinguilador, mas, agora, com a carga. Então, cozinha as miudezas. Pronta a comida, o xinguilador submete-se ao estado de transe e o caçador brinda então os calundus com uma certa porção.

Depois de alguns espíritos se mimosearem com o petisco, o Kabila ordena ao caçador que distribua a carne pelo xinguilador, companheiros e demais parentes, sendo o maior quinhão para o caçador. Se se encontrar presente uma mulher grávida, também toca uma parte ao feto.

Na partilha, o caçador permanece de joelhos. Em caso de ingratidão

[1] Para mais amplo esclarecimento, achámos conveniente inserir mais estas entidades. Ao invés das anteriores, não estão reunidas em pedras, porquanto tais elementos foram-nos fornecidos ao acaso. O seu registo obedece tão-somente ao simples desejo de um melhor conhecimento do panteão angolano.

[2] Taná-ku nâmbua ni Samba, kasonge ka ndumbe kaie mu'mbia!

para com a entidade, isto é, se não lhe participar o resultado da caçada, jamais tornará a abater uma só peça: é a punição.

Kamukange é um espírito feminino que impõe ao médium a aceitação da possessão. Deste modo, quando um xinguilador não quer sofrer a incorporação, se o pai-de-umbanda evocar a sua intervenção, ela prende-lhe fortemente os pulsos, cruzando-lhos atrás das costas. Assim manietado, contorce-se no chão, acabando por aceitar a possessão.

Kapita é a designação genérica de certos espíritos do Congo. Eis alguns nomes individuais, embora cada um também constituindo uma classe: D. Pedro Mazârti, ou, simplesmente, Petelu, D. Manuel, D. João, D. António, Masangu a Mbunda, Nêngua (espírito feminino), D. Francisco.

No interior de Luanda, a denominação geral é *Iala* - termo significando *homens grosseiros* - possivelmente pelo uso da linguagem de sua terra.

O intérprete dessas entidades não pode matar um sapo, nem tão-pouco se pode fazer tal na sua presença. Quem contrariar este preceito, levanta contra si a ira de um desses espíritos, imediatamente incorporando no dito sacerdote, ou também furioso, acomete o transgressor: é que o sapo, também se designando pelo nome de Muene-Kongo - D. Maria Kumeketa kua Mãji ma Ngûba - representa o tótem de todos esses espíritos.

Perante semelhante ocorrência, Kapita rompe a chorar. Juntamente com outros Kapitas, incorporados em xinguiladores convidados, fazem o enterro do sapo, pagando o delinquente toda a despesa efectuada, incluindo a aquisição de um ou dois metros de pano-cru para o envoltório mortuário. E tudo acontece como se fora em óbito de gente.

Kûku Mukita a Suku, ou, abreviadamente, *Kûku Mukita*, foi antiga anciã da Quissama. Sua manifestação em quem deseja fazer seu instrumento de mediunidade, caracteriza-se por grande quantidade de piolhos, quer na cabeça, quer no corpo, ocasionando forte coceira.

Em transe a xinguiladora não se levanta do chão, parecendo louca. Só actua alta noite e às escuras. Mas, dada a mui avançada idade que viveu, queixa-se de frio em suas incorporações, pelo que requer agasalhos quando se processam em terreiro, ou recobramento das paredes quando em aposento. Inspira a mais profunda veneração.

É contrária à procriação. Se a sacerdotisa já foi mãe antes de se iniciar na mediunidade, não conceberá mais, nem tão-pouco conceberá a mulher que ainda o não foi. A esterilidade é o seu sacrifício. E como se contraria perante cheiros desagradáveis, como urina, fezes, deve a xinguiladora que tiver filhos, prestar-lhes a maior higiene, independentemente da súplica que o quimbanda fizer para a sua conservação.

Dijila dia Solongongo é o espírito de grande ave de rapina, denominada regionalmente *holokoko*. Em possessão, a paciente fica com os braços e dedos contraídos, as pernas retesadas, gritando como o próprio pássaro. Se uma criança que nasceu sob a sua influência, ouvir sua voz agoirenta, a mãe solta um assobio demorado. Contrariamente, a criança sofre um desmaio, manifestando as características da possessão. Por vezes, chega a morrer.

Ngânga Senda foi antiga anciã da Quissama. É auxiliar de Kûku Mukita a Suku, e tal como ela, também é contrária à procriação.

A sua eleição, isto é, quando pretende fazer alguém seu sacerdote, sintomatiza-se por um certo enlouquecimento ou apatetamento. E esses estados terminam com a aceitação do seu culto, apenas se manifestando em possessão.

Ngola é um espírito de jibóia. Também proveio da Quissama. Não fala e rasteja como a serpente. Só actua em quarto escuro.

Se estiver para acontecer uma grande novidade ao xinguilador, no seu quarto, em aviso, entra uma serpente. Se matar uma galinha ou qualquer outro animal, morrerá alguém de casa, ou de morte natural, ou de enfeitiçamento. Para explicar o significado de tal aparição, actuará Kimalauezu.

Hitu é um espírito que promove a esterilidade. Em transe, surge chorando. Apesar de contrário à procriação, cede aos ritos consagrados a esse fim.

Hônji é um espírito feminino que administra a justiça. Proveio do Congo e foi sobrinha de Muene-Kongo. Embora ambas as entidades sejam terríveis, Hônji suplanta a outra no rigor.

Quando o mal for rogado para determinada pessoa, consequentemente se conhecendo o prevaricador, sua punição caracteriza-se ordinariamente por hemoptises. Contrariamente, revela-se através de trovões, relâmpagos e ventania, causando desabamentos, a muitos atingindo indistintamente, ou, por outro meio de mortandade colectiva, como uma epidemia.

Quanto aos elementos da Natureza em fúria, o fenómeno pode suceder mesmo fora da época pluviosa, designadamente o trovão. A este malefício, dá-se o nome de *jimbambi*.

Kimalauezu é um espírito de procedência quissama. Segue a Ngola, a fim de explicar o motivo da aparição da jibóia no quarto do xinguilador.

REAGENTES MEDIÚNICOS

Quando já não subirem mais entidades, o que, em dissaquela normal, pode ocorrer até ao quinto dia, porquanto, em circunstâncias anormais, a chamada pode resultar infrutífera durante semanas, o pai-de-umbanda submete as pacientes à prova do pelo, a fim de, em novas possessões, facultar aos seres espirituais o uso da fala. Noutros casos, também apura se as induções foram ou não verdadeiras. Portanto, se as noviças procederam com fidelidade ou dissimulação.

Para essa formalidade, apenas com a duração de um dia, mas também ao som do mesmo instrumental e cânticos adequados, tal como no cerimonial anterior, o sacerdote cobre a paciente com um pano, onde também se resguarda. E conforme as entidades que forem subindo, assim aplica o pelo - produto que retira de sua gonga, isto é, de sua saca profissional, agora na esteira, ao seu alcance.

Então, como que aberta a língua por uma chave, a entidade revela o seu nome, logo proclamado pelo oficiante. Saliente-se, no entanto, que cada entidade se torna reconhecível pelas expressões e vozes peculiares.

Em possessão de muculo ou de qualquer outra alma, o pai-de--umbanda passa rapidamente pela língua da inicianda, cada operação nove vezes: primeiro, uma faquinha: depois, uma agulha: e depois ainda, uma acha em fogo [1], dando-lhe, por fim, a beber o dicosso-das-almas [2]. Se gritar, a indução é falsa.

[1] Outros ocultistas apenas operam uma ou duas vezes em cada acto, e o fogo é previamente mergulhado no dicosso-das-almas. Outros ainda, embora empregando o fogo vivo, aplicam alternadamente a faca e a agulha.

[2] A composição deste preparado ritual varia consoante a aplicação: em possessões, conforme a entidade - alma ou calundu: e mesmo com calundu, consoante a natureza do ritual.

A fim de destruir a prejudicial acção de algum mau-olhado de confrade invejoso ou de feiticeiro que, porventura, maleficiasse a família em causa, a acha é extensamente enrolada nove vezes, com uma fibra de embondeiro.

Tratando-se de calundu, o pelo, salvo nalguns casos, não difere entre os do mesmo grupo. Em capítulo especial, apresentamos os vários pelos utilizados - estes apenas empregues uma vez sobre a língua do paciente, como que em raspagem. A comprovação da possessão verifica-se no quarto de cuozar, ou, popularmente, quarto do "kuoza", onde terá que sofrer uma reclusão de oito dias. Se xinguilou falso, morrerá por efeito de cubamento do celebrante, isto é, de sua terrível praga, rogando a cólera de Kiteri kia Muene-Kongo.

Após a proclamação do nome, o pai-de-umbanda ensina à entidade algumas regras mundanas: saudar e dançar.

Para saudar, observa o costume de sua terra de naturalidade. Em consequência, de não ser geral o modo de proceder. Na maioria dos casos, restringe-se a simples palminhas. Mas todas as entidades se ajoelham aos pés do celebrante. Assim, mencionaremos três saudações diferentes:

Com Dinyânga [1], manda-o prostrar-se a todo o comprimento, ficando os braços em arco, e bater lentamente com as nádegas no chão, uma de cada vez: depois, em pausada movimentação, roçar as faces no solo; finalmente, ajoelhar-se, e segurando a mão direita do pai-de-umbanda, tocar no peito deste - primeiro, no lado esquerdo; depois, no direito - terminando a gesticulação com um impulso vigoroso para baixo, para logo, com a mão esquerda, se manobrar inversamente sobre o peito do saudante [2].

[1] Mais uma vez lembramos que o xinguilador em transe representa a entidade.

[2] A primeira parte da saudação - prostração e roçamente das faces - também é adoptada nos templos católicos por muitas mulheres das camadas baixas. Além dessa manifestação, o roçamento das faces igualmente é executado nos altares.

Com Kapita, ordena-lhe que se ajoelhe, e com as palmas unidas, faça uma cruz no chão. Segurando-lhe as mãos, alça-as até um pouco acima da cabeça, roçando-as pelo corpo do saudante, e baixando-as, toca-as no seu próprio peito, e depois, no do saudante, terminando com um movimento para baixo.

Com Ngombo, ensina-lhe a fazer uma cruz, cruzando as palmas para o ar. Para dançar - não a dança vulgar dos batuques - mas uma dança aos pulinhos, arrastada nos bicos dos pés, num meio corcovamento do corpo, tal como se esgaravatasse, ministra-lhe os primeiros passos, incumbindo as xinguiladoras feitas, que dançam sob a mesma possessão, de continuarem o ensino. Em virtude da semelhança da movimentação, diz-se *esgaravatar (kusanda)*, e não *dançar (kukina)*.

Antes de findar a actuação, o espírito prosterna-se aos pés do tocador de goma. Na genuflexão, apenas bate umas palminhas, expressando, destarte, o seu agradecimento pela toada electrizante - um dos factores que o incitaram a subir.

Os espíritos já iniciados (portanto, as xinguiladoras feitas) procedem como a companheira iniciante, tanto na saudação ao pai-de-umbanda como no reconhecimento ao instrumentalista da goma.

Posto que a dança constitua um delirante prazer para os espíritos, nem todos, no entanto, gostam dessa diversão, como Ngombo, Mutakalombo, Muene-Kongo. Quer dizer: só dançam os espíritos de segunda e terceira ordem, pois os mais poderosos, pela sua respeitabilidade, desprezam tal prática. O Santo de Kazola, embora dance um pouco, é com desprezo que o faz. Ao contrário dessas entidades, as que mais gostam de dançar, são os Kapitas, como D. Pedro, D. Manuel, que até assobiam.

SACRIFÍCIOS

Ministrados os pelos, realiza-se um novo cerimonial, designado por *kuringa* [1], no qual alguns espíritos são propiciados com um sacrifício.

Qualquer que seja o local - terreiro ou encruzilhada - pois os lugares dependem da espécie da liturgia, é sempre ao ritmo do instrumental e cânticos que decorre a sua efectuação.

Como os holocaustos variam segundo as entidades, especificaremos as cerimónias concernentes a cada pedra.

Pedra de Kazola:

Novamente evocado, o Santo de Kazola imola com uma faca um pato e uma pomba, sucessivamente apresentados por um auxiliar do pai-de-umbanda. Num copo, onde já se deitou uma ou duas gemas, açúcar, vinho do Porto, recolhe-se um pouco de sangue. Tudo batido, o sacerdote apresenta ao santo, que sorve uns goles, oferecendo o resto a outros santos em possessão. As penas e tripas são cuidadosamente enterradas, sem nenhum desperdício, sobretudo de penas. A carne, depois de cozinhada para um festim, abaixo descrito, será comida por todos os assistentes, excepto as pacientes. E os ossos, tanto deste sacrifício como os dos outros, não se deitam fora, antes se juntam para que, depois de secos, carbonizados e moídos, sejam utilizados em dicossos e mucassos para maculos, ou seja, para composições rituais - águas lustrais e pós para caracterizações respeitantes a antepassados.

O festim compõe-se de iguarias à europeia e à africana. As europeias constam de guisados preparados com as aves. E as africanas, temperadas com azeite de palma, são constituídas de: quitande de feijão e de macunde; fúnji de fuba de milho, de massambala e de bombó; guisado de bagre e

[1] Este verbo quimbundo talvez resulte da contracção de *kũria nanyinga* (comer sangue).

cacusso, sendo secos ambos os peixes, mas sem aplicação de sal.

Antes de se cozinhar, o ocultista, para *rasgar o fogo (kutandula o dijiku)*, fará, em cada trempe, a obrigatória cruz a pemba e ucusso, bem como no exterior das panelas. E a prova do sal é verificada através das trempes [1], pelo que se deita um pouco de molho numa das pedras de cada fogo.

Antes de as pacientes comerem, o celebrante, com uma dedada de cada alimento, caracteriza-as na testa, fontes, nuca, parte inferior do pescoço, articulações dos ombros, cotovelos e joelhos.

À medida que conclui cada operação, lança alternadamente para os quatro lados - à frente, atrás, à direita e à esquerda - os bocados caracterizadores. Finalmente, começa o banquete. Mas só comerá com as oblatantes quem já procedeu identicamente para com essas entidades.

Pedra de Ngombo:

Novamente evocado, Ngombo, em vez de proceder ao sacrifício, é torneado pelo celebrante, à volta da cabeça, com um galo.

Apesar de não se efectuar a imolação, a ave, contudo, não deixa de ser abatida para festim.

Pedra de Mutakalombo:

Novamente evocado, Mutakalombo arranca com os dentes a cabeça a um galo, que o auxiliar lhe apresenta, sorvendo directamente da incisão um pouco de sangue.

A carne, assada no espeto, será comida, tal como na cerimónia anterior, por todos os assistentes, menos as pacientes e mulheres sem marido.

Pedra de Kibala Muiji:

O sacrifício, sob a mesma toada, consagra-se numa encruzilhada. Inicia-se com o sepultamento dos maculos, isto é, dos bisavós - os quatro paternos e os quatro maternos.

[1] Ordinariamente, as trempes são constituídas de pedras, sempre imutáveis no uso.

Para representar os extintos, o sacerdote rasga oito retalhos de pano-cru, e em cada um, deita serradura de tacula, de quissécua e de quicongo, um fragmento de pena de andua, outro de garça, outro de sebo de caça, outro de crina de elefante, uma escama de pangolim e um caurim. Os retalhos, depois de recheados, são simplesmente dobrados. Em quatro panelas de barro, deposita as efígies - duas em cada. E sobre cada par das efígies, acama nove rodilhas de mussêquenha.

Num buraco, preliminarmente assinalado com a cruz a pemba e ucusso, acomoda as vasilhas, cada uma tapada com uma pedra chata. Figurando antigos serviçais, Ngênjis, incorporados em xinguiladoras feitas, buscam pedras, que amontoam nesse mesmo lugar, formando uma pequena elevação de forma sepulcral, chamada *mesa de diculundundo*. No final, cada espírito cobra o seu trabalho aos familiares das pacientes, os quais satisfazem prontamente a remuneração.

Sobre essa mesa, as aludidas entidades colocam um galo, um carneiro e uma cabra, convenientemente atados. As pacientes sentam-se em redor. A toada costumeira - instrumental e cânticos - soa evocativamente, desde a chegada ao local.

Mutakalombo, subindo à cabeça de uma delas, decapita o galo com os dentes, sugando-lhe depois um pouco de sangue. Com uma machadinha, vibra, em seguida, um golpe no cachaço do carneiro, igualmente lhe absorvendo o sangue.

A fim de *darem de beber às zembas*, as xinguiladoras feitas desguarnecem-se de uns paramentos trazidos a tiracolo, adiante explicados, e põem-nos no lugar para onde escorre o sangue. Com o mesmo fim - dar de beber - tanto as xinguiladoras feitas como as em iniciação, vão, entretanto, ensanguentando a roupa exterior.

Retiradas as vítimas, estendem, em cada lado da mesa, um grilhão, e

nesse espaço, dispõem alguns pratos, chávenas, copos, talheres, preferentemente tudo novo, e mais três ancoretas pequeninas de bebidas, separadamente contendo aguardente, vinho-abafado e vinho tinto. Entretanto, sobem os Ngênjis às cabeças das iniciandas. Então, oficiante e auxiliares oferecem-lhes vinho-abafado - brinde também extensivo aos Ngênjis iniciais e restante assistência.

Se, porventura, passar alguém, de tudo lhe será oferecido. Não à maneira de prova, mas à discrição.

Em remate do sacrifício, o celebrante, com um pau, quebra a louça e ancoretas [1]. E rumam para casa, continuando os Ngênjis em indução.

À chegada, o quimbanda é recebido por alguns parentes das noviças com um garrafão de vinho comum. E com os animais, prepara-se um festim. Mas a sua carne é interdita às pacientes.

Pedra de Muene-Kongo:

Não em encruzilhada, mas no terreiro onde tem decorrido a função, Muene-Kongo é novamente evocada. Agora, de tarde.

Actuado o espírito, uma auxiliar atira, para os olhos da paciente, uma moinha composta de jindungo, tacula manipulada e alfazema. Em seguida, apresenta-lhe a cheirar uma cestinha - a gonga - contendo a mesma mistura. Se espirrar, a indução é falsa.

Após essa demonstração de autenticidade, a auxiliar ensina-lhe a persignar-se. E então o sacerdote lhe aplica o pelo, que é um dente de jacaré, e o qual lhe passa uma vez pela língua. Mas tais operações, como já dissemos anteriormente, são executadas sob um lençol em jeito de pálio.

Verificada a mediunidade, o celebrante faz-lhe, em ambas as faces da mão direita, no sentido da largura, nove riscas alternadas de pemba, ucusso e

[1] *Rigorosamente, é com as aduelas destes rituais que se fabricam os* muxacatos - *instrumentos divinatórios - referidos no capítulo "Adivinhação".*

ulombo. Apoderando-se de um facão, identicamente repete o assinalamento na lâmina. Então, várias xinguiladoras, segurando um porco, expõem-no à sua frente. Dentro do mesmo preceito, ele também o caracteriza à volta do pescoço. E o espírito crava o facão no animal, pela brecha lhe sorve um pouco de sangue.

A Muene-Kongo, sucede D. Pedro Mazârti. Mas essa possessão também ocorre nas xinguiladoras feitas. Assim dominadas, limpam a rês, esquartejam metade, pois a outra metade constitui pertença do oficiante, e cozinham-na finalmente. Como petisqueira, também cozem mandioca, dendês - e estando-se na época - maçarocas, torram jinguba e descascam cana-doce. Nesse lapso de tempo, os espíritos, ao ritmo da usança, dançam animada mente.

Preparado na ocasião o fúnji de bombó, banqueteiam-se todos. Além dos elementos referidos, ainda comem banana e quicuanga. As pacientes não tocam na carne.

Efectuado o festim, os espíritos libertam-se. Mas, na manhã seguinte, Muene-Kongo é novamente evocada. O pai-de-umbanda dá-lhe jindungo-do-congo e apresenta-lhe ao nariz uma garrafinha com aguardente, tapada com uma moeda e um lenço. O espírito inala vigorosamente, deixando o líquido sem a essência característica, segundo a versão popular.

Muene-Kongo vai-se. Na mesma paciente, actua agora Musunda Nganga. De bruços no chão, o espírito contorce-se e geme. Uma auxiliar despeja, junto dele, duas ou três canecas de água. Os parentes aproximam-se. Para lhes restituir a saúde e paz, o espírito esfrega a mão no molhado e besunta-lhes o corpo. A fim de o erguer do solo, um deles, com uma nota em cada mão, oferece-lhe o donativo. E o espírito vai-se.

PENITÊNCIA

Após os sacrifícios, as pacientes recolherão a um quarto - o quarto do "kuoza" - a fim de reverenciarem as entidades espirituais. Aí, permanecerão oito dias, já ritualmente paramentadas: na cabeça, com um lenço guarnecido de quatro jimbambas - uma na testa, outra em cada fonte e outra no topo: a tiracolo, formando x, com as patacanhas; e na cintura, à frente e atrás, com as micungas. Tais utensílios são de fibra de embondeiro e foram manufacturados pelo pai-de-umbanda.

Durante a reclusão, as pacientes não poderão dormir na cama, e a higiene só se estende à boca, cantos dos olhos e sexo. O aposento não é franqueado a todos: só a crianças e mulheres solteiras se permite o acesso. E se alguma casada tiver que o frequentar, guardará continência durante esse período.

Durante a clausura, as pacientes friccionarão, num tijolo ou pedra, mas cada qual em seu bloco, um pedaço de tacula, outro de quicongo e outro de quissécua. Com a serradura, separadamente depositada num coco com azeite de palma, manipularão nove bolinhas de cada produto. As bolinhas, do tamanho de um ovo de pomba, qualificam-se de *filhos-dos-calundus*.

A fim de se deliciarem com a serradura oleosa, os espíritos tornam a incorporar nesse mesmo quarto. E então besuntam [1] corpo e roupas, ingerem a própria mistura. Na possesssão de D. Pedro Mazârti, oferecem-lhe um cálice de aguardente. E se actuar um novo calundu, o pai-de-umbanda ministra-lhe logo o pelo respectivo.

Dado o caso de se manifestar o cataménio, a acometida suspenderá a tarefa.

[1] Conforme já frisámos repetidas vezes, o xingulador, quando possuído por um ser espiritual, esse própio ente passa a representar. Em consequência, deixa de agir naturalmente.

Ao nono dia, o pai-de-umbanda, a fim de anular qualquer mau-olhado, ata, no braço direito e perna respectiva de cada paciente, um entrançado de fibra de embondeiro enodado com cinco nós - a quinjita. E nesse dia, sob a sinfonia do instrumental já citado e hinos alusivos, realiza-se nova solenidade: a congregação das entidades *(kusangesa ilundo)*, cuja quantidade o celebrante verifica pelo número de nós dados num cordão, pois, nesta função, as entidades que forem actuando, são por ele confrontadas. E como em oportunidades anteriores, dançam entusiasticamente.

PARAMENTOS

No final dessa série de ritos, o pai-de-umbanda prepara as zembas, que são cintas fechadas - umas de baeta azul, outras de baeta encarnada e outra de pano-cru - contendo as duas primeiras um fragmento de pena de andua e de garça, outro de sebo de caça, outro de crina de elefante, uma escama de pangolim, e resultante de carbonização e esmagamento, cinza dos seguintes materiais: lixo apanhado nas proximidades de um estabelecimento comercial de grande movimento e de um mercado, e apanhada em qualquer sítio, uma rodilha desprezada de carregador - materiais estes reservados da colheita efectuada pelos parentes das noviças, aquando da feitura dos mazacos.

A terceira - a de pano-cru - dada a sua característica espiritual, só é manufacturada uma única. Além dos fragmentos de pena de andua e de garça, de sebo de caça e de crina de elefante, ainda comporta mais estes elementos: serradura de quicongo e de quissécua, e relativas ao cadáver de que procedem os calundus, aparas de cabelo e de unhas das mãos e dos pés. *Inongo* se denominam essas aparas [1]. Se o dito familiar ainda não tiver falecido, esta zemba só se prepara após o seu passamento. E se, por qualquer eventualidade, tais aparas se tenham extraviado, *geram-se* outras, isto é, o pai-de-umbanda manipula um produto que as representa.

Para a elaboração desta zemba, junta, no centro da faixa, todos estes preparos. Dobrando-a longitudinalmente, cose, pelo comprimento e lados, a parte abrangida pelo recheio, formando como que uma almofadinha. Após esta operação, coserá então a faixa toda, unindo os extremos.

[1] Por morte de alguém, é usual cortar-se ao cadáver um pouco de cabelo e de unhas das mãos e pés - aparas que se guardam numa cinta fechada, também denominada *zemba*. É especificada por *zemba do inongo* e destina-se a lembrança ou a fim ritual, como no caso presente.

Conforme a cor dos tecidos, assim se consagram as zembas: a Kibala Muiji - entidade espiritual da génese familiar-a de baeta azul; aos maculos antepassados - a de baeta encarnada; e ao familiar de que procedem os calundus - a de pano-cru.

Havendo actuado Huhi da geração, também se lhe consagra uma zemba. É igualmente de pano-cru. Mas o recheio, em vez das aparas de cadáver, incorpora uma moeda antiga de cobre e ulombo de folhas referentes a essa entidade. No demais, a mesma coisa.

As zembas são bilateralmente envergadas a tiracolo (portanto, formando x), mesmo sobre as vestes. Usam-se de quando em quando, durante oito dias, e simbolicamente, nos rituais de iniciação e de morte de xinguilador, ou, proteccionalmente, em longa viagem pedestre.

Nos cerimoniais de xinguilador - iniciação e falecimento - usar-se-ão todas. E nas viagens, apenas as de baeta azul e encarnada. Num caso ou noutro, a xinguiladora besuntará o cabelo com uma mistura de serradura de tacula com azeite de palma, e ostentará um turbante azul, em xadrez, guarnecido de jimbambas - quatro a quatro em cruz - em cada um dos seguintes lugares: frente, lados e topo. É o lenço de Suku. Mas igualmente besuntado com o mesmo preparado. Por causa da composição oleosa, sobrepõem-lhe um outro vulgar.

Se, por direito de sucessão, se herdar as zembas de uma parenta, também se exibirão, juntamente com as suas, as zembas herdadas.

Para se manter em harmonia as entidades espirituais, consequentemente para se alcançar a sua graça, quer dando saúde, quer afastando do mal, quer, enfim, velando pela felicidade, as zembas, pela lua-nova, devem ser embebidas numa mistura de vinho e mel - acto especificado por *kunuisa o jinzemba*, ou seja, *dar de beber às zembas*.

Outrossim se procede nos sacrifícios propiciados a esses mesmos

seres, como os do noviciado, não com a mistura de vinho e mel, mas, sim, com o sangue que escorre dos animais imolados. Mas a parte que se banha, é a do recheio.

Cada iniciando recebe dois destes paramentos - o de baeta encarnada e o de baeta azul. O de pano-cru só toca à mais velha, por representar o cabeça do noviciado. Igualmente lhe cabe o consagrado a Huhi, caso haja feito a sua incorporação. Só por herança, se aumenta o número das zembas.

NOTA

No cerimonial da iniciação, as possessões são efectuadas como que em apresentação, dentro da maior simplicidade. Só após essa fase, é que os seres espirituais são recebidos de harmonia com as suas exigências. Portanto, usando-se vestes adequadas, brindando-os com o que lhes proporciona deleite.

Dado que a escrita angolana assenta no sistema sónico, vamos facilitar a leitura dos nomes das entidades espirituais e compreensão das respectivas preposições, em tradução parentética:

Mbangela dia Ngombo - Banguela diã (de) Gombo
Ndembu a Kongo - Dembo a (do) Congo
Dijila dia Solongongo - Dijila dia (de) Solongongo
Dikulu dia Ngombo - Diculo diã (de) Gombo
Dinyânga dia Kituxi - Dinhanga dia (de) Quitúxi
Ngênji dia Ngombo - Guênji diã (de) Gombo
Ngola Kiluanji kia Samba - Gola Quiluãnji quia (de) Samba
Ngonga a Putu - Gonga a (do) Puto (Portugal)
Hitu - Rito
Hônji - Hônji
Huhi dia Ngongo - Huhi diã (de) Gongo
Kamukange - Camucangue
Kasutu - Cassuto
Kibala Muiji - Quibala Muíji
Kiiala kia Ngangela - Quiala quiã (de) Ganguela
Kimalauezu – Quimalauezo
Kisanga kia Nvunji - Quissanga quiã (de) Vúnji

Kiteri kia Muene-Kongo - Quitéri quia (de) Muene-Congo
Kûku Mukita a Suku - Cuco Muquita a (de) Suco
Kulumanus - Culumanos
Lemba dia Hanyi - Lemba dia (de) Hãnhi
Lemba dia Kalombo - Lemba dia (de) Calombo
D. Manuel dia Ngombo - D. Manuel diã (de) Gombo
Mavítia Mbongo - Mavítia Bongo
Múkua-Kituxi - Múcua-Quitúxi
Musunda Nganga - Mussunda Ganga
Mutanjinji - Mutanjínji
D. Pedro Mazârti - D. Pedro Mazârti
Dª Pinji a Luangu - Dª Pínji a (do) Luango
Samba Nzundu - Samba Zundo
Santu ia Kazola - Santo ia (de) Cazola
Nvunji ia Kazola - Vúnji ia (de) Cazola
Nvunji ia Kituxi - Vúnji ia (de) Quitúxi
Nzûmbi ia Ngana - Zúmbi iã (de) Gana

PELOS

O pelo, conforme já esclarecemos no capítulo anterior, é o reagente da possessão, e nalguns casos, também a prova da mediunidade. Varia conforme a entidade actuante.

A fim de completarmos este assunto, repetiremos o que anteriormente já expusemos, embora mais pormenorizadamente. Em seu conjunto, eis os pelos para almas e espíritos:

Em possessão de muculo ou de qualquer outra alma, o sacerdote passa rapidamente pela língua do iniciando, cada operação nove vezes: primeiro,

uma faquinha; depois, uma agulha; depois ainda, uma acha em fogo [1], dando-lhe, por fim, a beber o dicosso-das-almas. Se gritar, a indução é falsa. A acha é enlaçada com uma fibra de embondeiro, para destruir qualquer mau-olhado.

Em possessão de calundu, passa-se pela língua, apenas uma vez, o instrumento respectivo, abaixo especificado. Se os espíritos pertencerem a uma mesma pedra, o pelo, salvo nalguns casos, não difere entre as entidades desse mesmo grupo. A comprovação da possessão verifica-se no quarto de cuozar, ou, popularmente, quarto do "kuoza": se xinguilou falso, morrerá por efeito de praga do celebrante, rogando a cólera de Kiteri kia Muene-Kongo.

Enumeração de alguns pelos de calundus:

Para diculundundo - osso de palanca.

Para Dinyânga dia Kifumbe (caçador assassino) - osso de rato-de-palmeira.

Para Dinyânga dia Kituxi (caçador vitimado) - noz de coração humano, correntemente designada sob a dissimulação de *coração do pais (muxima ua ˊxi nozinha de cola de Bango (Kadikezu ka Mbangu), coração de pobre (muxima ua pulungu), vidazinha (kamuenyu),* ou, simplesmente, *noz de cola (dikezu).*

Para Ngombo - sal-gema, ou, popularmente, sal-de-pau. Mas com uma raspagem inicial com a faquinha, apenas uma vez. Em variação de sistema, há quem dê a cheirar noz de cola, gengibre seco, sal-gema, tudo contido num

[1] Como já ficou dito no capítulo "Iniciação de Xinguilador", outros ocultistas, em cada acto, apenas operam uma ou duas vezes, e o fogo é previamente mergulhado no dicosso-das-almas. Outros ainda, embora empregando o fogo vivo, aplicam alternadamente a faca e a agulha. Além dessas ministrações, outros ocultistas, tocando o dedo no chão, a fim de impregnarem o paciente das virtudes do mundo exterior e interior - o xi-ni-mavu - com ele também lhe passam pela língua. E na raspagem da faquinha e da agulha, de cada vez que operam, limpam o utensílio à testa - norma esta também extensiva aos pelos dos calundus.

pires em que também se acha uma colher de chá, e contido numa garrafa coberta com um lenço branco, vinho branco.

Para Huhi da geração - osso de pacassa. Mas recebido em cima de uma árvore, para onde sobe o espírito. Consequentemente, o paciente.

Para Lemba - mistura de azeite de palma com mel. Mas dada a beber na ocasião.

Para Múkua-Kituxi - a aplicação da faquinha, a agulha e o fogo (pois é uma alma). Contudo, também há quem ministre osso de onça.

Para Muene-Kongo - dente de jacaré.

Para Mutakalombo - osso de elefante ou pacassa.

Para Mutanjinji - osso de pacassa, elefante ou cavalo-marinho.

Para Santo de Kazola - um crucifixo e uma moeda de prata. Mas com uma raspagem inicial com a faquinha, apenas uma vez. À excepção dos restantes componentes da pedra, o do Mbangela é ferro.

Para Suku - sal-gema.

Para Nvunji - osso de cabeça de cobra-cuspideira [1]. Também há quem empregue o bico de uma galinha preta e um corninho contendo uma mistura de mel, óleo de rícino e folhas pulverizadas.

[1] Acerca do pelo desta entidade, a ocultista que nos forneceu os elementos deste e de outros capítulos, depois de nos ter dito que o pelo de Nvunji era osso de cabeça de cobra-cuspideira, mais tarde, com surpresa nossa, declarou-nos que não nos revelaria o pelo da dita entidade, nem que a esportulássemos com dois contos - gorda remuneração para a época! Para a colecta do material deste capítulo - devemos acrescentar - ainda nos socorremos de uma xinguiladora.

CERIMONIALISMO DO XINGUILADOR

Na falta de parentes para a efectuação de uma dissaquela, os interessados (geralmente mulheres) adquirem meia peça de fazenda, três metros de baeta encarnada, três de baeta azul, três de zuarte, um ou dois de pano-cru e um lenço de mabela.

Feito pelo quimbanda, é o primeiro volume aberto em semidesdobramento. Também não totalmente desdobrados, aí estende, uns sobre os outros, os restantes tecidos, ficando o pano-cru a cobrir a mabela. Sobre este último tecido, traça uma cruz a pemba e ucusso, mas cada risca marginada de ulombo, depositando uma moeda no cruzamento.

Nesse local, as interessadas sobrepõem as mãos direitas. Proferindo um exorcismo, o ocultista esparge, sobre a última mão, outra pitada de pemba, ou, na falta, cinza. Quando retiram as mãos, a paciente que mantinha o pó, sacode-o para o pano.

Formando caixa, a meia peça de fazenda é atada com um retalho idêntico. Cada tecido contido é consagrado a uma entidade espiritual: a baeta encarnada, a Mutakalombo; a azul, a Mutanjinji; o zuarte, a Kûku Mukita ou Mukita a Suku; o pano-cru, a Ngombo; e a mabela, a Muene-Kongo.

Se, por descuido, os pós se soltarem para fora, os calundus apoquentarão de novo, infligindo rebeldes enfermidades e azares - os usuais meios de que se servem para se manifestarem. Para se obstar ao mal, impõe-se a renovação da formalidade.

Este penhor, denominado *dunda*, transmite-se numa sucessão de linha de onde procedem os calundus manifestados (portanto, paterna ou materna), até que, havendo já o número suficiente de familiares, se possa efectivar a imperiosa dissaquela.

Pela semelhança e efeito, a dunda corresponde a um dizaco de maior importância, como se poderá depreender da explanação a este respeito, no capítulo "Iniciação de Xinguilador". E até porque também constitui um mealheiro

sagrado, onde cada interessada livremente deposita seu contributo monetário.

A xinguiladora não pode xinguilar em estado de regra nem com fralda [1]. No primeiro caso, o espírito não actua; e no segundo, ele arranca-lha diante de todos. Para se resguardar, deve prevenir-se de calças femininas, ou, sendo atrasada, passar um pano por entre as pernas, amarrando as pontas à cintura.

Quem, em sessão evocatória, não quiser xinguilar, introduz um alfinete no cabelo, para evitar a possessão. Espíritos maus, porém, tanto massacram o xinguilador [2], que ele acaba por aceitar a possessão.

Quando alguém, por doença, teve que xinguilar, mas que, por acanhamento, não o pretende fazer mais, o pai ou a mãe-de-umbanda *fecha os calundus* logo após o noviciado, irradiando-os para sempre. Quanto às miondonas, permanecerão mudas, apenas se manifestando em sonhos.

Quando um homem, sobretudo já mais esclarecido pela civilização, não quiser usar determinados paramentos, como cordões de missangas, turbantes e outros objectos mais do uso feminino, o ocultista, em ritual apropriado, *compra-lhe a cabeça*.

Para se sofrer uma indução, o xinguilador deve desguarnecer-se de certos acessórios, como calçado, calças, vestido, enfim, de certas comodidades do Progresso. Se assim não proceder, os calundus, sobretudo Ngombo, arrancam-lhe esses utensílios.

O homem, para remediar semelhante horror das entidades espirituais, basta envolver-se com um pano sobre as calças. Mas sem os sapatinhos. E a mulher terá que trocar, durante a possessão, o traje europeu pelo africano. Quer dizer: vestir-se-á de panos.

Para se manter a graça do Santo de Kazola, arranjam-se três copos -

[1] Mesmo sem a manifestação do cataménio, a mulher africana que ainda mantém o traje regional, usa permanentemente a fralda.

[2] Para os casos gerais, empregamos a forma masculina.

um, por parte do interessado, mesmo que não xinguile [1]; outro, pela da mãe: e outro, pela do pai - contendo cada um pemba ou pó-de-arroz, incenso, dois ou três caurins, uma moeda de prata e um crucifixo atado com uma fita azul, sendo o mesmo, conforme o desejo do santo, de prata ou de ouro.

Quem quiser, também o pode usar ao pescoço.

Os copos, preparados liturgicamente pelo quimbanda, são arrecadados numa mala, e pela lua-nova, defumados.

Quando um xinguilador vai por uma mata e nela se encontra um caçador, se aquele xinguilar Dinyânga, o espírito actua logo para o avisar. Quando o caçador surge, em vez de agredir o xinguilador, como muitas vezes acontece, ajoelha-se perante o espírito e dá-lhe a noz de coração humano, por ele solicitada.

Nessas travessias, os xinguiladores andam providos, além dos acessórios usados pelo extinto vitimado por crime, de algumas peças da indumentária ritual, exibidas durante a reclusão da iniciação, como os panos e micungas. Afora esses utensílios, ainda se paramentam com o muhengue e as zembas estas, com aplicações de guizos.

Quando, por dívidas atrasadas de honorários, o ocultista deseja a sua efectuação, expõe ao sol a sua gonga, batendo-lhe de espaço a espaço e proferindo: "Anda, vai buscar o dinheiro!"

Quando um xinguilador falece, aplica-se-lhe às narinas um bocado de algodão, a fim de, com a irradiação de um quimbanda, seguida de

[1] Para o bom êxito de nossa tarefa literária, e consequentemente da parte económica, a entidade Mavitia Mbongo, já referida no capítulo "Entes Sobrenaturais", aconselhou-nos a possuir esses copos da felicidade. Então, sim, obteríamos muito dinheiro, não seríamos vítima dos moscardos dos caloteiros - esses malditos parasitas que criminosamente nos ferram com o aguilhão de seu calote: é que, dada a pobreza do ambiente literário, muitos livros, para facilidade da venda, além das livrarias onde estiveram colocados, também foram passados directamente por intermédio de pessoas amigas e conhecidas.

possessões nos xinguiladores presentes, expelir um pouco de sangue. Este acto, designado por *pedir a dua,* destina-se a evitar que a alma venha perturbar a saúde da família.

O sangue só é solicitado ao extinto, quando, no ritual da iniciação, oblatou os espíritos com o sangue dos sacrifícios. Em virtude do sangue sorvido, esse mesmo sangue será simbolicamente restituído.

O algodão, depositado numa cinta fechada, denominada *zemba,* constitui pertença do parente mais próximo do ramo do extinto, transmitindo-se numa sucessão homogénea, até completa extinção do dito ramo - data em que então se enterra o acessório ritual. Tal como as demais zembas, é esta também envergada transversalmente ao ombro, em cima da roupa. Usa-se de quando em quando, sobretudo pelo novilúnio.

Quer em possessão em óbito de xinguilador, quer em longa viagem pedestre, quer em determinados rituais, o xinguilador exibe os paramentos relativos ao culto de certas entidades:

Para Ngombo ia Kazola ou da Afeição, ostenta ao pescoço um cordão de missangas, formado intercaladamente de duas ou três compridas, raiadas de duas ou três cores, com outras tantas redondas, mas encarnadas, chamadas *missangas-de-maria-segunda,* figurando sempre uma ou duas brancas.

Para Ngombo ia Kituxi ou do Crime e para Ngombo ia Muiji ou da Geração, o cordão - único para ambas as entidades - é idêntico ao anterior, apenas não abrangendo as missangas brancas.

Para Nvunji ia Kazola ou da Afeição e Nvunji ia Muiji ou da Geração, um cordão único de missangas brancas.

Para Nvunji ia Kituxi ou do Crime, um cordão de missangas brancas, pretas e encarnadas, intercaladamente dispostas duas a duas ou mais.

Para Kisanga kia Nvunji, um cordão de missangas pretas.

Em virtude do elevado custo das missangas compridas, pois cada uma

pode valer cinquenta escudos, os fios consagrados a Ngombo, inicialmente contêm poucas pedras. O seu preenchimento efectua-se aos poucos, na medida do possível.

Para Sereia, a xinguiladora ostenta na cabeça um turbante com nove jimbambas - três na testa e outras três em cada fonte, dispostas em triângulo. Para Ngonga, usa ao pescoço uma espécie de escapulário.

Consta de um saquinho contendo uma moeda de prata, ou, na falta, de níquel, um dedo de galo encarnado [1], ulombo de folhas diversas, espuma das iguarias cozinhadas no festim consagrado às miondonas e migalhas das guloseimas apresentadas nessa oferenda.

Se a Ngonga for europeia, o invólucro é tecido com fio de pesca; e se africana, com fibra de embondeiro, acontecendo outro tanto ao cordão. Quanto ao feitio, pode apresentar uma convexidade, se o possuidor não for gémeo, e duas, se o for.

Para Ngongo, um amuleto de madeira com uma ou mais efígies.

Para interpretar Muene-Kongo, o xinguilador ata ao pescoço um lençol, sob o qual a entidade acoberta quem a ela recorre.

Para Kûku Mukita a Suku e Mukita a Suku, cobre-se com um enorme pano de zuarte, à maneira de xaile.

Para Mutakalombo, com uma baeta encarnada; e para Mutanjinji, com uma baeta azul. Ambas também à laia de xaile.

Para Santo de Kazola, veste-se todo de branco, incluindo, conforme o sexo, uma camisa ou blusa de mangas compridas. Na falta dessa indumentária, basta cobrir-se com um pano branco mesmo sobre a roupa trajada.

Para Dinyânga, ostenta à cintura uma moquinha, e na mão, como que espetando na sua própria ilharga, uma machadinha.

[1] Outros ocultistas não empregam esse elemento, e outros ainda subordinam a qualidade do recheio à procedência da entidade - europeia ou africana.

ADIVINHAÇÃO

A adivinhação pode ser espiritual ou material.

A espiritual exerce-se por actuação directa ou indirecta. Na directa, o espírito age através de pessoa: adivinhação de cabeça *(muzambu ua mûtue).* E na indirecta, através de coisa: adivinhação pelas malungas *(muzambu ua malunga)* .

A material pode ser: de muxacato *(muzambu ua muxakatu);* de ferro candente *(muzambu ua kilumbu);* de mão *(muzambu ua maku);* de cabaça *(muzambu ua mbinda);* de copo *(muzambu ua kopo);* de esteirinha de varetas *(muzambu ua kitânda);* de chocalho *(muzambu ua saxi);* de efervescência *(muzambu ua dikau);* e mais outros processos.

Na actuação directa, o quimbanda funciona como simples instrumento de mediunidade. Este acto, como já se viu, denomina-se *xinguilar.* Em relação ao espírito, o médium chama-se *catulo;* e em relação aos viventes, *xinguilador.* Posto que seja esta a designação mais usual em linguagem portuguesa, outras mais existem: *dumbe, mulher-de-calundu, mulher-de-escravidão.* Todas três, indistintamente se aplicando a qualquer dos sexos. Portanto, referindo-se ao médium, o espírito emprega o termo *catulo;* e os viventes, os outros.

Conforme a entidade a evocar, assim o quimbanda se paramenta ou se caracteriza. Entretanto, é sempre sentado num banquinho que sofre a incorporação.

Para adivinhar, a entidade que actua, é Ngombo. Mas como sua linguagem é ininteligível, segue-se-lhe Mbangela ia Ngombo, que esclarece quanto disse aquele. Com os demais espíritos, apenas se trava uma conversa para se escutar seu conselho. E conforme sua função, medicam ou infligem a sua justiça.

Para interpretar Ngombo, o ocultista caracteriza verticalmente, com três riscas a par, as regiões angulares dos olhos, fontes e testa (aqui, abrangendo o centro a toda a altura). Cada marcação é feita isoladamente com um dos três

produtos - pemba, ucusso e ulombo. Quer dizer: cada região á assinalada com três riscas de cor diferente.

De harmonia com o desejo da entidade, assim se paramenta o quimbanda: se for mulher, pode apresentar a sua roupa natural ou um enorme vestido; e se homem, ou o dito vestido, ou um pano atado à cintura, sempre ocultando as calças (caso use essa vestimenta), pois Ngombo sente horror por calças e calçado. E já agora, também por dinheiro em papel. Homem ou mulher ostenta: na cabeça, um bioco de pele de raposa, descaindo por todo o peito; à cintura, um avental de pele de leopardo; e ao peito, um cordão de missangas.

Nesta prática divinatória, o intérprete utiliza um espelho redondo, pregado a uma pele de uma espécie de gatinho selvagem, funcionando de estojo. Para o espírito comparecer, agita dois chocalhos de cabaça, cada qual empunhado por uma mão. Então, quando se fixa - o que faz com espalhafatoso vozear - põe-se a arrotar fortemente. Voltando o véu para trás, lança sobre o espelho uns pós de pemba e espalha-os com um sopro.

Já sem a chocalhada evocativa, vai lendo os acontecimentos no espelho. Se nota um embaraço, saca de uma cauda de palanca - o mussesse - e aspira uma bolinha com pós vegetais que se prende à base. Após arremessar para os lados um pouco de pemba, sacode o mussesse em peneiração sobrenatural, a fim de afastar o empecilho. Mas proferindo um esconjuro.

Concluída a leitura misteriosa, o espírito, ao mesmo tempo que faz vibrar os chocalhos, manifesta-se em novo espalhafato e vai-se. Mas logo Mbangela ia Ngombo o substitui, para explicar o que o superior revelara.

Quando se liberta, alça vigorosamente os braços e salta como ave levantando voo. Outros batem com a cabeça contra a parede. Não obstante o esclarecimento da segunda entidade, impõe-se, por vezes, novo esclarecimento, o que é feito por criatura prática - ou pelo cabanda, ou pela consorte do haríolo.

Conquanto sem a possessão ao natural, a adivinhação espiritual directa ainda se opera através de sonho. Portanto, o adivinhador deverá sofrer a acção do sono. Não um sono profundo, mas superficial, podendo ouvir, embora indistintamente, o que se passa à sua volta. Então o espírito, em diálogo com ele, lhe revela particularidades do interessado, bem ainda lhe prescreve o tratamento a observar. Para essa manifestação, há quem deponha uma moeda debaixo da almofada. Este processo de adivinhação chama-se *muzambu ua muãnde a nzoji*.

A adivinhação espiritual indirecta exerce-se de vários modos: num santuário - dilombe - aromatizado com alfazema ou outra erva de cheiro, com mesa coberta de toalha, bacia de rosto e toalha respectiva; por um boneco de pano envolvido em roupas, colocado sob um chapéu; por uma frouxinha; por uma espécie de telefone - corda suspensa de uma porta e pela qual desliza uma cabacinha. E os espíritos que assim actuam, são as malungas, já referidas no capítulo "Entes Sobrenaturais".

Em qualquer dos processos de manifestação, excepto no do telefone, a comunicação efectua-se por um assobio, que o quimbanda interpreta. Com o telefone, procede como se falasse por um desses instrumentos, apenas aplicando o fio ao ouvido. De quando em quando, vai formulando perguntas ao espírito, esclarecendo depois o consulente com as respostas.

Para iniciar, o ocultista senta-se num banquinho e arremessa a cabacinha para cima. Se descer, o espírito não está presente. Se se mantiver no alto, encontra-se no local.

As malungas também podem manifestar-se por escrito. Para isso, o consulente introduz numa cana um papel todo dobradinho, a qual o intérprete pousa na mesa do dilombe. Antes de meia hora, abre a porta e retira o papel, então escrito com a resposta. Para o efeito, saem todos, encerrando o ocultista a entrada.

Na adivinhação pelo muxacato de tábua - pedaço de aduela [1] ou de madeira especial de uns vinte centímetros de comprimento, com um sulco longitudinal ao centro, onde, por atrito, se faz correr, em toda a extensão, um pauzinho denominado *filho* - o hariolo procede do seguinte modo: primeiro, traça com pemba ou cinza [2] uma cruz em cada face das mãos; depois, com o mesmo pó, assinala outra cruz no pauzinho, e na tábua, quatro riscos - um longitudinal e três transversais.

Cumprido este preceito, vai formulando uma série de perguntas, fazendo deslizar o pauzinho. Enquanto girar livremente, a pergunta não corresponde ao facto: só o emperramento traduz afirmação. Então, para despegar o pauzinho, o áugure lança sobre o instrumento uma pitada de pemba ou cinza.

Para melhor compreensão desta manobra, remetemos o leitor para *Uanga*, onde accionámos uma adivinhação deste género. Contudo, vamos descrever a feitura deste instrumento:

Para a virtude mediúnica, cumpre realizar as seguintes prescrições: apanhados ambos os apetrechos [3], ligam-se com um filamento de qualquer coisa também achada, mas previamente enodado nove vezes; envolvido num paninho, expõe-se disfarçadamente o atado, durante uma noite, sobre uma campa; na manhã imediata, mastiga-se conjuntamente um bocado de ucusso, dicudila e balá, e com a massa, assinalam-se em cruz, em quatro lugares, os dois objectos; novamente amarrados e resguardados, o embrulho passa outra noite numa lixeira. O filho é aproveitado de um amassador de fúnji.

[1] Em rigor, a aduela é aproveitada das ancoretas que se quebram em determinados rituais, como se verificou no capítulo "Iniciação de Xinguilador".

[2] Em umbanda, a cinza, conforme já se particularizou, toma o nome de *pemba-de-ngola-kiuanji-kia-samba*.

[3] Em determinados rituais, utilizam-se, para maior eficácia, objectos velhos, ou, mesmo, bem conservados, mas achados fora de casa, sobretudo em lixeiras.

Na estreia, o possuidor, que pode ser qualquer pessoa, adivinha primeiramente o que se há-de comer em determinada casa. Se acertar, não come essas iguarias. Contrariamente, o instrumento deve ser reposto no monturo.

Finalmente, pelo novilúnio, repete-se, em regra, esta última operação, precedida do referido assinalamento.

Pelo muxacato de mão, o vaticinador, assinaladas ambas as mãos - palma e dorso - com uma cruz marcada com pemba ou cinza, realiza um vaivém de atrito, como que em esfregamento. Tal como pelo processo anterior, a negação manifesta-se pela continuação do movimento; e a afirmação, pelo emperramento.

Na adivinhação pelo ferro candente, o quimbanda, após o interrogatório ao suposto delinquente, deita no fogo uma pena de galinha: se for verdadeiro o depoimento, a pena queima-se; e se falso, retorce. Mas como a confissão raro se faz, isto é, como geralmente se mantém a negativa, então o ocultista recorre ao ferro em brasa: se o acusado se queimar, é realmente o próprio; não se queimando, está inocente.

Na adivinhação de mão, o quimbanda faz, em ambas as mãos, tanto nas palmas como nos dorsos, uma cruz com pemba. Com os olhos fixos na mão direita, como que a lendo, vai tecendo o questionário. De quando em quando, vai-lhe deitando uma pitada do mesmo pó. Se for verdade, meneia afirmativamente a cabeça.

Na adivinhação de cabaça, deita-se água numa cabacinha furada nos lados e base. Igualmente se formula o interrogatório: se o líquido se escoar, não é verdade; inversamente, a acusação é verdadeira.

Na adivinhação de copo, faz-se, no seu fundo e no chão, uma cruz a pemba. À medida que se interroga, vai-se rodando um copo pousado nesse local: se emperrar, é verdade.

Para o desprender, toca-se-lhe com o dedo e lança-se sobre ele uma pitada de pemba ou cinza.

Na adivinhação de esteirinha de varetas (geralmente de bordão), o adivinho, com tal peça desdobrada, vai formulando perguntas, atirando-lhe, a espaços, pitadas de pemba ou cinza. Se se mantiver aberta, é verdade o que se inquiriu. Quando se fecha - indicativo de negação - toca-lhe com o dedo para se abrir, derramando-lhe pemba em seguida.

Na adivinhação de chocalho - instrumento formado de três cabacinhas [1] introduzidas numa varinha - o ocultista, com esse objecto erguido, ficando as cabacinhas a meio da haste, vai fazendo perguntas, atirando-lhe pemba de vez em vez. Se for verdade, as cabacinhas não se deslocam; sendo mentira, vão para baixo.

Na adivinhação de efervescência, deita-se água numa cabacinha. Se, ao interrogatório, o liquido produzir efervescência, é verdade; se permanecer na mesma, é mentira.

Seja qual for o processo adoptado para a determinação de uma causa - doenças, azares, sonhos, falecimentos - o poder é conferido: ou por alma de quimbanda - muculo; ou, em sonho, pelos guias tutelares - miondonas; ou por outros quimbandas. Neste caso, é o interessado que escolhe a espécie do instrumento ou instrumentos. Deverá, no entanto, cumprir algumas restrições, variáveis segundo a modalidade da adivinhação: ou não comer quiabos, ou não poder meter as mãos em água contida em panela onde se cozinhou fúnji, ou não comer iguaria de véspera.

Se o administrante do poder for quimbanda, o interessado passará por debaixo de seus braços abertos, em nove giros ao corpo, e outras tantas vezes, por debaixo de suas pernas também abertas, terminando por ingerir, em directa sucção de boca com boca, um bochecho de vinho com quitoto-e-maluvo.

[1] Também pode ser com outros pequenos frutos de casca rija. Depois de secos e extraídas as sementes, são os invólucros recheados com sementes resistentes.

Quanto à preferência, ela só se estende à adivinhação material, pois a espiritual resulta de eleição sobrenatural. Quer dizer: o quimbanda precisa de ser médium, o que nem sempre acontece. Para estes, pois, impõe-se o recurso aos xinguiladores, quando o trabalho carece da intervenção directa dos seres espirituais.

Embora todos os espíritos nos possam esclarecer sobre o que pretendemos, só Ngombo se pronuncia abertamente, sem a necessidade de perguntas nossas. Por outras palavras: com as outras entidades, vamos perguntando o que nos interessa, ou, antes, pedimos-lhes o seu conselho: e com Ngombo, ele próprio se encarrega de dizer o que aconteceu e está para acontecer. Desta diferenciação, emprega-se, para aquelas, a expressão *kuia mu beja* (ir venerar): e para Ngombo, *kuia ku muzambu* (ir à adivinhação). Com a primeira expressão - ir venerar - manifesta o devoto seu íntimo de sejo de dialogar com a entidade espiritual.

RITOS DIVERSOS

EXPULSÃO DO FORASTEIRO
(Kutubula o Ngênji)

Quando um parente se havia dedicado à compra e venda de escravos, ou, mesmo, ao simples negócio com o gentio, por sua morte, a alma, coagida pelas almas dos forasteiros, ou, popularmente, *jinguênjis*, com quem transaccionara, os quais zombam dele pela perda de sua importância terrena, ocasiona doenças e reveses à família.

Descoberta a causa por adivinhação, impõe-se consagrar-lhe uma dissaquela propiciatória, a fim de se pôr termo a tal desfruto.

Como semelhante sessão absorve bastante dinheiro, o quimbanda, como penhor de sua efectivação, prepara a comercial muhamba - o artefacto gentílico para condução de mercadorias.

Com folhas de palmeira, faz uma espécie de cesto. Depois, recheia-o com um prato velho, uma panela velha, mais coisas velhas, uma botija vazia, uma savelha seca, um bocado de sal atado num retalho, uma missanga branca - distintivo de Ngombo ia Kazola ou da Afeição - e outra missanga de cor - distintivo de Ngombo ia Muiji ou da Geração.

Reunido o dinheiro suficiente, num montante não inferior a quatro contos, realiza-se a dissaquela, tal como já foi descrita. Mas, dias antes, procede-se ao funeral sagrado do aludido parente.

Para tal, o pai ou a mãe-de-umbanda fabrica uma efigie de madeira, e conforme o sexo, assim a veste: com calças, vestido ou panos. Se o extinto foi um grande negociante, o corpo simbólico é encerrado num arremedo de caixão. Mas se foi insignificante, apenas é deposto numa esteirinha.

Num caso ou noutro, o alegórico defunto é sepultado no quintal, ante possessões de forasteiros e funantes, representando aqueles, os antigos escravos ou gentios com quem negociara, e estes, os de sua estirpe. E são

eles que, em choradeira, lhe abrem a sepultura e lhe fazem o devido enterramento. E para lhe evitarem ressentimentos - *kukatula o kixila* - depositam, em cada canto da cova, quatro vasilhas com dicosso.

Se se tratar de casal que se entregara ao referido negócio, o cerimonial estende-se a ambos, cada qual em seu caixão ou esteira, mas em sepultura comum.

Após a dissaquela, vai-se a uma encruzilhada distante do povoado, para expulsar o forasteiro - *kutubula o ngênji*. Aí, o pai ou mãe-de-umbanda traça no solo uma cruz a pemba, cavando, em seguida, no lugar assinalado, um buraco. Nele, assenta duas panelas, chamadas de *maculos*, contendo cada uma um fragmento de pena de andua e de garça [1], outro de crina de elefante, outro de sebo de caça e quatro rodilhas de mussêquenha - vasilhas essas que tapa com uma pedra chata.

Entretanto, almas de forasteiros em possessão carretam pedras para junto do sítio do cerimonial. Com elas, o pai ou a mãe-de-umbanda arma uma elevação de forma sepulcral - a mesa de diculundundo de funante - onde, estendido um grilhão de ferro - símbolo da escravidão - acomoda um carneiro, uma cabra e um galo, convenientemente atados.

Nas extremidades, frente a frente, sentadas numa pedra, duas familiares que se submeteram à iniciação, ao som do respectivo cântico e instrumental, sofrem várias induções. Começam pela de Mutakalombo, simbolizando o pai, e pela de Kaiongo, simbolizando a mãe. Mal sobe, Mutakalombo, com uma machadinha - *dikuua dia Mutakalombo* - vibra uma pancada no cachaço do carneiro - atitude que Kaiongo logo repete. E pela brecha, sugam um pouco de sangue. Molhando o dedo nesse mesmo sangue, os parentes das possessas tocam-no em suas testas.

[1] As penas destas duas aves - as da cauda e asas - são muito utilizadas em umbanda. São vendidas aos pedaços pelas quitandeiras das especialidades rituais.

A essas possessões, sucede a de Mutanjinji. Como, ao invés da maioria dos espíritos, é única com esse nome, primeiro actua numa, depois noutra, também vibrando uma machadada de cada vez, mas agora na cabra. Para não transgredir as normas de Ngombo, contrário à carne de cabra, só ensanguenta o dedo, que o toca na testa, outrossim procedendo os circunstantes.

Agora, actuam os Dinyângas. A vítima é o galo. Um deles arranca-lhe a cabeça com os dentes, e ambos absorvem um pouco de sangue, repetindo os presentes o assinalamento anterior.

Finalmente, vêm os Ngênjis, isto é, os Forasteiros. Ante essas incorporações, o celebrante, retirados os sacrifícios, coloca na mesa duas ancoretas de pequenas dimensões uma com vinho-abafado e outra com vinho tinto - a muhamba já referida, quatro pratos, dois copos, duas cháve-nas, duas colheres, dois garfos, duas facas, tudo novo. Após os dois espíritos se terem servido das bebidas, o celebrante, com o machado, despedaça todos os objectos.

Contemplados os assistentes com a sua parte de outra reserva de vinhos, seguem para a casa do oficiante, mas conservando-se as xinguiladoras em transe. Não entram: apenas se acomodam debaixo de uma árvore, conversando os Ngênjis entre si - os novos aprendendo com os antigos - pois os espíritos incorporados pela primeira vez ignoram as regras mundanas.

Os animais imolados são repartidos pelo quimbanda e familiares. E com este cerimonial, a alma do funante, livre dos sarcasmos das almas dos gentios com quem negociara, descansadamente permanecerá no Além-Túmulo.

TRANSGRESSÃO DA PRIMEIRA REGRA
(Kubala o Kikumbi)

Quando uma mulher surpreende a primeira regra de uma jovem, deve guardar continência durante o período que durar essa manifestação. A quebra deste preceito - *kubala o kikumbi* - origina o malefício de Hitu e Solongongo, os quais prejudicam a moça na sua procriação, pois os filhos morrem de tenra idade ou nascem já mortos.

No caso de transgressão, para se obstar a mais mortalidade, a vítima sofre tratamento especial. Como indício do agravo, sonha ela frequentemente que está apanhando na água bastante peixe com as mãos, ou que os filhos lhe desaparecem. Averiguada então a causa pelo tradicional processo da adivinhação, é a vítima encerrada num quarto - o quarto do "kuoza" - a fim de, em tarefa ritual, reverenciar os seres espirituais.

Aí, acomodada numa esteira sobreposta a um luando, friccionará num tijolo ou pedra, durante oito dias, um pedaço de tacula, outro de quicongo e outro de quissêcua, espaçadamente deitando uma pinga de água no calhau. Em três cocos com azeite de palma, deposita separadamente a serradura. Depois, manipulará nove bolinhas de cada produto. Como não pode lavar as mãos, limpa-as ao corpo e à roupa. E nesse aposento, não entra mulher casada, nem solteira com namoro, e muito menos varão adulto.

Ao nono dia, a mãe-de-umbanda autoriza-a a sair e prepara-lhe então quatro trouxinhas profiláticas - cada uma contendo três bolinhas variadas - um pedaço de crina de elefante, outro de pena de andua e de garça, um caurim, ou, popularmente, *jimbo*, e sebo de caça. As trouxinhas - duas do tamanho da cabeça de um dedo, e outras duas, um pouco maiores - são cosidas e amarradas com linha.

Numa lixeira, é *lavada no dicosso*, isto é, impregnada ritualmente com

água lustral. Para tal, a mãe-de-umbanda verte-lhe essa água lustral sobre a cabeça. Porém, antes do derramamento do líquido, parte-lhe um ovo, também na cabeça, recitando um esconjuro. Se a paciente cozinhar em trempe de pedra – massuicas - esta operação efectua-se na sua residência, junto desse fogareiro regional.

Entretanto, em casa, a mãe ou a parenta mais próxima fica a preparar os alimentos para serem propiciados aos espíritos - iguarias idênticas às do festim consagrado às miondonas.

Já de regresso, a paciente, com uma franga numa mão e um frango na outra, mas junto de uma selha com água, onde também se deitou um peixe vivo [1], ou, na falta, plantas aquáticas, vai mergulhando as aves no líquido. Sob o palmejamento das assistentes, a oficiante, no entanto, vai entoando [2]:

É, aiuê,
fizeram caso da esterilidade!
Não tardaria um dia,
que não viesse fila!
É, aiuê,
eis a alma de Kalombo!
Com Solongongo, vêm complicações,
faz-lhe aumentar o poder [3],
ê Lemba dia Kalombo!

[1] No interior de Luanda, é a própria paciente, amarrada a uma corda, que se mete no mar ou no rio, para colher o peixe com os dentes, já atraído pelo ocultista.

[2] É, aiué,/alombuela umbaku!/Kizuua ukiela,/Jil'ódio!/É, aiué,/ndêle ioio ia Kalombo!/Solongongo mu ejila imbamba,/mu-bandekesa mbangubangu,/Lemba dia Kalombo!

[3] Alusão aos danos de outros seres espirituais, igualmente contrários à procriação.

Esta invocação destina-se a atrair Solongongo. Se não actuar, a mãe-de-umbanda faz um penhor pelo debelamento do mal, atando uma moeda num retalho branco, previamente marcado com a cruz a pemba: o dizaco. De qualquer modo, consagra quatro panelas com água e ingredientes vários - uma, a Múkua-Kituxi ou Alma de Vítima de Crime; outra, a Hitu; outra, a Kalombo; e outra, a Dijila dia Solongongo - composições que servirão para temperar os banhos da paciente, e posteriormente, também os do filho.

Depois, impõe-lhe à cintura, mesmo sobre a pele, as quatro trouxinhas, ou, tipicamente, *mabundas*, agora aplicadas a um cordão. Mas paciente e ocultista postam-se de costas voltadas uma para a outra, contando esta oralmente, antes do referido acto, até nove, para terminar com um esconjuro.

O ritual do banquete não difere do precedente, descrito no capítulo "Iniciação de Xinguilador". E tal como a prescrição observada para com a iniciando de xinguiladora, com a paciente só come quem passou por idêntico cerimonial.

Como tratamento físico, a paciente toma frequentemente pó de folhas trituradas de bamba-hurihúri, que ingere com uma pinga de água. Entretanto, cumpre algumas quijilas, ou seja, limitações: não comer galinha, nem carne de porco, nem cacusso; não ver cadáver, nem ir a óbito; estando dentro de um quarto, não responder a uma chamada exterior; não cortar o cabelo, nem se cobrir com um pano preto; não assobiar, nem ninguém entrar assobiando no seu quarto, assim como também ninguém lá poderá entrar de chapéu na cabeça ou a correr; quando se cozinha, será ela a primeira pessoa a ser servida; não fazer ciúmes, nem sair de noite, nem ir a diversões.

No dia do parto, a mãe-de-umbanda tira-lhe as duas trouxinhas mais pequenas e aplica-as à criança. Enquanto não se fizer isto, a mãe não poderá ver o filho. E o tratamento, embora menos intensamente, continuará até ao segundo ou terceiro filho.

TRATAMENTO DAS MANIFESTAÇÕES DE LEMBA

Conforme já ficou dito, a Lemba dia Kalombo, em nascimento de criança, pode revelar-se de vários modos: em ambos os sexos - por um encaroçamento nos mamilos, mas com produção de leite, ou por um semicerramento dos órgãos sexuais; só em raparigas - por um corrimento, por um prurido nos órgãos genitais, por uma excrescência linguiforme na parte póstero-inferior da natureza, daí se dizendo que "nasceu parte homem, parte mulher", ou, ainda, por uma redução da bacia.

Para jugular o mal, oblata-se a entidade com um festim, ordinariamente no período da infância e em vésperas de matrimónio. Este rito completa-se com um tratamento medicinal, assim constituído:

Pilam-se folhas de bamba-hurihúri, secas à sombra. Peneirada a moedura, a parte fina servirá para se tomar pela manhã, durante oito dias, com um pouco de água morna; e a parte grossa será torrada juntamente com a maior variedade possível de sementes, tais como: feijão, abóbora, melão, melancia, milho, jinguba, gergelim, massambala, quiabo, etc. Pilada e peneirada a composição, separam-se duas partes, sendo uma, depois de novamente pilada com um bocado de sal-gema, para se tomar também durante o mesmo período de tempo, e a outra, para medicamentar uma fralda.

A fralda é dobrada em triângulo. Na folha superior, deita-se um bocadinho de sebo de caça, um fragmento de pena de andua e de garça, outro de crina de elefante e o pó da mistura de sementes. Novamente dobrada, traçam-se nove linhas paralelas - uma com o pó das sementes, outra com serradura de quissécua, outra com o pó das sementes, outra com serradura de quicongo, e sempre assim na alternação. Dobrada uma ponta, traçam-se nela mais quatro linhas idênticas, rematando-se a medicamentação com uma cruz a pemba sobre esse lado.

Na colocação da fralda, que rigorosamente deve ser usada durante oito dias, pois, excepcionalmente, também pode ser num só, o pai ou mãe-de-umbanda invoca:

- Se é verdade mesmo que são as miondonas que te pegaram, fica melhor com o tratamento que te estou a fazer. - E injuriando os seus mestres: - Ide para o pai que vos fez, ide para a mãe que vos fez [1]! Gangas, se recebestes de verdade de vossos gangas o medicamento, só se durma no quarto, fora dele se passe o dia!

Este tratamento respeita ao estreitamento do orifício sexual e da excrescência linguiforme da parte póstero-inferior dos órgãos femininos.

Nos casos de corrimento, prurido, redução da bacia, ou, ainda, no de impotência masculina (este produzido por Hitu ia Kalombo), usam-se lavagens higiénicas tépidas com pó de folhas de bamba-hurihúri. Enxuto o órgão, empoa-se, com o pó das sementes, o púbis e o exterior do sexo. Também se ingere o mesmo pó com sal-gema.

Quando uma mulher sente aversão pelo homem - fenómeno originado por Lemba dia Hanyi ou Ngima - dá-se-lhe a tomar, apenas uma vez, uma mistura de mel (uma colher de sopa), azeite de palma (meia colher de chá), uma pitada de pó de bamba-hurihúri e outra de pó das sementes com sal. Em seguida, entrega-se-lhe um metro de pano-cru, consagrado a Lemba, que a paciente usará como primeira vestimenta em determinados cerimoniais, ou, em caso de necessidade, pela ocasião do parto.

- Lemba dia Kalombo, ofereço-te este pano, para a deixares aproximar-se do homem. - Suplica o oficiante.

[1] Kaxina ka tât'enu, kaxina ka mâm'enu!

CURA DA EPILEPSIA

O Ngombo ia Kikonya ou da Epilepsia - especificação de Ngombo ia Kituxi ou do Crime - é um espírito que, em possessão, leva a xinguiladora a contrair-se toda numa intensa convulsão, olhos num esbugalhamento sanguíneo, berrando como cabra. Em activa enfermidade, manifesta-se no doente, ou por idêntica crise, ou por um grande apatetamento.

Para a cura de semelhante mal [1], o enfermo é conduzido para um recanto de mata, onde se deita numa esteira. Ao som de goma e chocalho de cabaça, o pai ou mãe-de-umbanda atrai o espírito. Actue ou não no paciente, é exorcismado para abandonar o corpo.

Para não voltar, não se deve tocar esses instrumentos durante alguns dias. E a esteira, pela peçonha que adquire, não mais se retira, contagiando quem a levar consigo.

A influência deste espírito é tão nociva que, mesmo falando nele, corre-se o risco de se contrair a moléstia. Para que tal não suceda, deve-se aspirar o seu antídoto - precaução essa observada aquando deste informe, não só pelas duas sacerdotisas presentes, mas também por nós (eu e os meus acompanhantes), a isso instados por elas.

O tratamento espiritual completa-se com o terapêutico: um inalador e uma dieta. O inalador compõe-se de uma mistura de pepes, sobongos, jindungo-do-Congo, hefos e fezes de lobo, tudo moído e envolvido numa trouxinha de mabela, forrada de pano-cru. A inalação faz-se através de dois dedos que se calcam no atado.

[1] Este processo respeita a quimbandas de algumas áreas do quimbundo. Mesmo variando, a parte espiritual não deixa de figurar. Outrossim acontece com os tratamentos atrás referidos.

A dieta ou quijila consta da proibição de carne de cabrito, ou mesmo do leite de sua fêmea, galo, ovos, jindungo, quiabos, iguaria que espumou para o fogo, não partir amêndoa de dendê nem circundar uma casa. Apesar de não comer carne de galo, pode, no entanto, comer a de galinha [1].

[1] Segundo nos informaram, a cura radical da epilepsia só se obtém quando o tratamento é feito desde o início de sua manifestação.

FESTIM AOS GUIAS TUTELARES

Para que gozemos saúde e felicidade, devemos reverenciar com um festim o nosso guia tutelar, ou, regionalmente, *muondona*, bem ainda, pela afinidade de sua assistência, os espíritos que interferem na procriação. Ordinariamente, a oblata é efectuada na infância, facultativa em situação normal, e obrigatória quando, em reclamação desse cultuamento, se manifesta através de pertinaz enfermidade.

Se o indivíduo afectado for do sexo feminino, quando se consorciar, o noivo terá que oferecer segunda oblata à sua muondona. Se assim não proceder, a consorte não procriará, ou, procriando, o leite lhe secará, ou, bem pior, os filhos lhe morrerão de tenra idade.

O festim consta de iguarias à europeia e à africana, tal como em "Iniciação de Xinguilador", o consagrado às entidades das pedras de Kalombo e Kazola, sendo justamente aquelas que se incluem neste cerimonial. E ainda como naquela prática, só come com a paciente quem também cumpriu idêntica obrigação, isto é, quem também reverenciou os seus espíritos tutelares.

Nessa ocasião, o pai ou mãe-de-umbanda prepara a gonga - amuleto consagrado ao espírito desse nome - cuja feitura se acha especificada no capítulo "Cerimonialismo de Xinguilador".

Após o repasto - em tudo semelhante ao ritual já citado - o pai ou mãe-de-umbanda, para reverenciar os seres espirituais *(kukãmbelela)*, faz no chão, à entrada da porta, a cruz, a pemba e ucusso. Presentes, figuram o pai, a mãe e o filho em tratamento. Mas este, já com o amuleto ao pescoço. Antes de traçar o dito símbolo, destinado a *abrir o terreiro (kujukula o dikanga)*, invoca:

Venho abrir o terreiro. Por isso, vos suplico, ó entes respeitáveis: é que a sereia é feixe, a pessoa é feixe; a sereia é lodo, a pessoa é lodo; a sereia é pessoa, a pessoa é sereia [1].

[1] Kianda, kita; mutu, kita. Kianda, malômbo; mutu, malômbo. Kianda, mutu; mutu, kianda.

Marcada a cruz, o oficiante derrama sobre ela nove gotas de dicosso, assentando depois aí o seu pé direito. Em cima dele e em sobreposição sucessiva, mãe, pai e filho também colocam o seu. Tornando a verter outras nove gotas do preparado lustral, profere nova súplica:

- Fostes vós, miondonas, quem o prendeu: por isso, vos prestaram a devida homenagem. Agora, dai-lhe saúde e velai por ele.

Tratando-se de gémeos, o celebrante, antes da sobreposição dos pés, espalha sobre a cruz rama de mussêquenha e mulembuiji - verdura com que os oblatantes estarão paramentados, bem como os gémeos convidados ao acto, os quais entoam os cânticos de suas festividades. E o rogo final é assim:

- Aqui, está a casa que vossos pais vos entregam, a vós, gémeos ambulantes, donos de abundantes abóboras e de matas de bananeiras onde não se pode colher lenha, a vós que tão depressa estais satisfeitos como aborrecidos [1].

Se um dos gémeos já tiver falecido, o outro ostentará ao peito o ídolo que o representa.

[1] Ákua-ngongo a mbadi, ndúmba ja matanga, muxitu ua mahonjo ku xangé huinyi, maákua-polo bilubilu.

VIDA E MORTE DE GÉMEOS

Os gémeos, considerados seres sobrenaturais – *ituta* - inspiram um culto especial. Entre si, constituem uma irmandade, possuindo cada qual um poder espiritual sobre o congénere. Procedem das matas de bananeiras, rios, cacimbas, montes, rochas, vales, e ordinariamente são gerados pela via paterna, pois são os homens que mais deambulam.

Os seus alimentos sagrados são o mel e o azeite de palma, e sua roupagem, as folhas de mussêquenha e mulembuiji. Também o embondeiro é a sua árvore sagrada. Tal o simbolismo dos vegetais, que, se uma árvore existente numa casa *chorar*, a mulher grávida que, porventura, lá viver, dará gémeos à luz.

Dada a sua especial procedência, todos os actos importantes de sua existência, desde o nascimento à morte, obedecem a um sistema de práticas rituais. Dotados de extraordinária sensibilidade, facilmente se contrariando com o que lhes não agrada, exigem cuidados prontamente satisfeitos. Não apenas a um, mas a ambos ou ao conjunto da mesma gestação.

Se, antes de nascerem, um deles verificar que um dos pais não é do seu aprazimento, trava-se, no ventre materno, o seguinte diálogo:

- A quem havemos de matar? Ao pai? - Propõe a parte irritada.

- Ao pai, não. Depois, quem há-de trabalhar para nos criar? - Objecta o outro irmão.

- Então, matamos a mãe

- A mãe, não. Depois, quem nos dá de mamar?

- Então, volto! E tu hás-de ir também, porque foste tu que me convidaste a vir!

Em consequência dessa esquisitice, os gémeos nem sempre se formam normalmente, em concepção de mais de um indivíduo. Nalguns casos, geram-se efectivamente os dois, mas um deles, repudiando a companhia do outro pelo desentendimento apontado, retorna para o seu mundo.

A assinalar a sua encarnação, apenas se mantém, aderente às secundinas, a respectiva bola de sangue. Arrependendo-se de sua atitude, reaparece noutro ventre, mesmo ao cabo de um ano, simplesmente irmanado pela paternidade. Tal espécie de gémeo, só reconhecido por adivinhação em consulta de doença, denomina-se *gémeo-solitário (ngongo-ia-muende-ia-ubeka).*

Quando um deles, ou mesmo ambos, nasce com as características de quilamba - ou uma depressão no alto da cabeça, ou pés recurvados, ou mãos sem acção - ambos se qualificam de *gémeos-de-quilamba-fadado (jingonga-ja-kilamba-kia-xi-ni-mâvu).* Mesmo que a anomalia se opere num só, ambos terão que observar o tratamento ritual prescrito para tais entidades, visto tratar-se de autêntico quilamba.

Aclaremos o mistério: - Os gémeos, no seu seio constituindo seres espirituais de natureza diferente da dos outros, quando simpatizam com alguém - homem ou mulher - incorporam-se-lhe para efeito de reprodução. Mas, como já se viu, nem sempre ambos os entes gostam da mesma criatura, pelo que, à hora do parto, ainda discutem se devem matar o pai ou a mãe, ou, então, voltar para o seu mundo.

No comum dos casos, permanecem no mesmo ventre, podendo um deles morrer antes ou depois do nascimento. Só esporadicamente acontece a germinação em mães diferentes.

Posto que qualquer dos entes assim gerados pertença à mesma espécie espiritual, o gémeo-solitário, em preceitos respeitantes aos gémeos em geral, ainda é mais exigente que os demais.

Em virtude de sua extraordinária sensibilidade, a mãe, no leito, deve dormir entre ambos os filhos, a fim de cada qual fruir a mesma identidade de contacto.

Quando nascem - conforme já descrevemos em *Uanga* - um rancho de gémeos, sob a glorificação de cânticos alusivos, colhe, no campo, abundante folhagem de mussêquenha e mulembuíji. Aí, com essa verdura, *vestem-se* liturgicamente: ao peito, em x, impõem duas espécies de boldriés, popularmente qualificadas de *patacanhas*; na cabeça, uma grinalda; ao pescoço, um colar.

Assim paramentados, vão homenagear os recém-nascidos, aos quais, sempre debaixo das hosanas alegóricas, lhes oferecem a rama, depondo-a na cama ou ornando-a com festões, permanecendo o brinde, ou, antes, a veste sagrada, até murchar. Enquanto cantam, palmejam e batem com os pés no chão. Quando o gémeo começar a trabalhar, seu primeiro ordenado é entregue ao pai, que o guarda. E quando pretender matrimoniar-se, participa-lhe sua intenção.

Então este, para que a felicidade bafeje o lar do filho, reverencia determinados seres espirituais: retirando uma parte do dinheiro arrecadado, pousa-o no chão do quarto, já assinalado com a devida cruz, verte-lhe um pouco de uma mistura de quitoto-e-maluvo com vinho e assenta em cima o pé direito, sobrepondo-lhe o filho o seu, procedendo de igual modo a filha, caso exista. Achando-se ausente, o pai sopra uma pitada de pemba na direcção do local onde se encontre, invocando o nome dela.

Molhando o dedo direito no líquido entornado, faz-lhe um toque na testa, nuca e garganta. Embora não obrigatoriamente, também lho faz nas articulações dos braços e pernas. Seguidamente, repete o toque na filha e de mais família, inclusivamente em si. Mas exorcismando sempre. Este assinalamento denomina-se *kitome kia xi-ni-mãvu*.

Finalizando o rito, o pai dá uma moeda a cada filho [d], a fim de

[d] *Não existindo filha, a moeda é arrecadada num dizaco, que fica com esse irmão, para, em nascimento de uma filha, a gastar em seu proveito. E achando-se ausente, para se lho entregar depois.*

comprarem qualquer coisa. O restante dinheiro destina-se ao alembamento.

No dia imediato ao do matrimónio, o noivo estende uma esteira nova no quarto, sobre a qual coloca um pano novo servindo de toalha e um prato novo onde serve mel, azeite de palma e farinha de mandioca. Ela senta-se na esteira, e com uma colher, come a mistura, especificada por *kúdia kua Dilemba*. Também sentado, ele também come.

Após comerem, ele lança para a esteira uma moeda de cinquenta centavos, que ela recolhe. E com o dinheiro, compra um alimento. Esta ligeira refeição - a primeira do matrimónio - constitui uma homenagem a Lemba e visa a propiciar a boa harmonia conjugal.

Em relação à gémea que estiver para casar, o noivo oferece a quinda dos gémeos ao outro irmão, ou, por seu falecimento, a outros gémeos. Contém ela diversos géneros: açúcar, café, chá, pão, tabaco, fósforos, um caximbo, mel, azeite de palma, peixe seco, queijo, bananas, dendês, quitoto-e-maluvo e bebidas várias, como vinho-abafado, branco, palhete, uma garrafa de Porto e mais outras bebidas finas, em porções de cálice. E também algum dinheiro.

A família do noivo é que leva a quinda. O brinde é entregue na presença de outros gémeos, previamente avisados para o efeito. Depois de estes se satisfazerem com os mimos, os da casa oferecem o resto aos irmãos e demais parentes. O dinheiro é distribuído pelo pai ou outra pessoa idónea, em quinhões iguais entre, os gémeos, e diferentes, entre os restantes assistentes. Só cumprida a obrigação deste brinde ritual, doar-lhe-á então o noivo o alembamento tradicional.

Em vésperas de ir para a casa do noivo, o pai efectua igualmente o rito da sobreposição de pés, designado por *kukambelela*. Tem por objectivo propiciar-lhe felicidade na sua vida conjugal, quer para se dar bem com o marido, quer para procriar em condições.

Quando falecem, idêntico cerimonial ao do nascimento se realiza.

O cadáver, igualmente *vestido* como os irmãos espirituais, assim é encerrado no caixão, acamado no fundo com nove coroazinhas de mussêquenha e outras tantas de mulembuíji [1], e em redor, com simples ramos das mesmas plantas. Com iguais insígnias, também se prepara a mãe e o outro gémeo irmão. Antes do funeral, o quimbanda, com um galho de mulemba, esparge o morto com dicosso, exorcismando:

- Já foste lenhar. Agora, deixa saúde ao que ficou, não venhas afligir ninguém com doenças.

Antigamente, o grupo de gémeos, sob os mesmos hinos e manifestações de mãos e pés, assim acompanhava o féretro ao cemitério. Hoje, tal só se observa nos lugares mais recônditos.

Se, porventura, o enterro não obedeceu convenientemente às formalidades rituais, simula-se novo funeral. Como a alma não repousa em paz, ela manifesta-se, ou através de sonhos, ou de pertinaz enfermidade. Então o quimbanda, por adivinhação do mal, recomenda a efectuação de outro sepultamento.

No quintal, sobre uma esteira onde se estendeu um metro de pano-cru, coloca-se uma almofadinha de uns quinze centímetros de comprimento e dez de largura, envolvida parcialmente por um retalho. Essa almofadinha, contendo serradura de bamba-hurihúri, de tacula, de quissécua e de quicongo, azeite de palma, mel, um fragmento de pena de garça e de andua, outro de crina de elefante e de sebo de caça, simboliza o defunto.

À semelhança do dia do passamento, alguns gémeos, paramentados

[1] Diversamente do que se pratica em Luanda, a norma no interior é variável, segundo a região: ou se colocam apenas quatro coroazinhas de mulembuiji e cinco de mussêquenha, ou se depositam, no fundo da sepultura, nove coroazinhas de mulembuiji e dois mabonzos, sendo os recipientes talhados de múcua arrancada com uma só pedrada. Se esta falhar, só noutro embondeiro se repetirá o arranque. E enquanto em Luanda se comemora o nascimento e falecimento, apenas este acontecimento merece lá especial formalidade.

ritualmente, entoam os cânticos alusivos. Com os dentes, o quimbanda arrasta a esteira para junto de um buraco e sepulta a efígie entre duas camadas de mussêquenha e mulembuíji.

Não interessando o tempo decorrido sobre o falecimento, o quimbanda, mesmo que se tenham cumprido todos os requisitos da praxe, planta um embondeiro no quintal da casa ou perto dela. Antes, alguém de família havia friccionado numa pedra um pedaço de tacula, outro de quicongo e outro de quissécua, depositando a serradura numa peça de roupa do extinto, a fim de atrair a sua alma *(kualula)*. Caracterizando com uma cruz um retalho novo de pano-cru, o quimbanda muda para aí a raladura, fazendo então uma zemba que a mãe ou outro familiar próximo usará ao pescoço.

Aberto o buraco, o quimbanda repete o assinalamento da cruz e dispõe um pedaço de pena de andua e de garça, outro de crina de elefante, outro de sebo de caça, uma escama de pangolim, mel, ou, na sua falta, açúcar, doces, queijo, pão, vinho e azeite de palma, vertendo finalmente quitoto-e-maluvo.

Sacramentada a cova, a família (principalmente do ramo materno), introduz o embondeiro, segurando todos nele. A mãe ou o parente mais velho profere a seguir uma súplica no sentido de o extinto deixar saúde em casa.

O embondeiro sai da mata, ainda pequeno. Só é plantado uma vez, por morte do primeiro. Para o gémeo-solitário, não se efectua esse rito.

Sobre a folhagem, coloca-se um ramo de mussêquenha e outro de mulembuíji. A família comparece paramentada com patacanhas e grinaldas dessa verdura, entoando os cânticos habituais.

A este cerimonial, segue-se um festim consagrado aos gémeos [1], popularmente designado por *mesa dos gémeos*. Figura um porco, morto por gémeos. Eles próprios cozinham. Todos se apresentam com a dita folhagem, cantando sempre os seus hinos.

[1] No interior de Luanda, efectua-se mais tarde, por motivo de doença reinante.

O banquete é preparado à africana e à europeia. Depois da comida pronta, o quimbanda faz a cruz ritual num grande quibando e serve um bocado de toda a variedade, e numa vasilha, também uma porçãozinha de todas as bebidas.

De noite, vão a uma encruzilhada, fazem um buraco, previamente assinalado com a cruz, e verte-se a comida. Entretanto o oficiante, rodeado de toda a família, vai exorcismando:

- F., tu que morreste, hoje a tua família está a oferecer-te a comida! Se os outros [1] costumam convidar-te, convida-os também a eles! Morre a carne, mas não morre o nome [2]! Deixa saúde aos que ficaram, já te ofereceram a tua mesa!

No regresso, procede-se ao repasto. Só come com os gémeos quem já cumpriu idêntico ritual. Nem sequer se pode petiscar do que se acha entre eles. De contrário, morre. A interdição da não participação no acto também se estende à plantação do embondeiro.

A refeição decorre entre seus hinos, e havendo xinguiladoras, também entre possessões.

Além do luto, o sobrevivente passa a usar ao pescoço uma efigie representativa do irmão - o gongo (significando gémeo). Como esses filhos não admitem preferências por parte dos pais (portanto, recebendo ambos os mesmos carinhos, as mesmas vestes, os mesmos alimentos), tal amuleto continua a merecer iguais atenções.

Assim, quando se dá roupa nova ao sobrevivente, o ídolo, que fica envolvido num saquinho, excepto a cabeça, também recebe a sua parte: ou o cobrem com um retalho do tecido do vestuário, ou cosem ao invólucro um bocadinho do mesmo. E em certos festins rituais, como a *mesa* propiciada aos

[1] Alusão aos gémeos falecidos.
[2] Alusão à lembrança da passagem da pessoa pelo mundo.

guias tutelares - *meza ma miondona* - ao amuleto igualmente se dá a comida, ou pelo celebrante, se o paciente for pequenino, ou pelo próprio, se já for crescido. E como é que o ídolo come? Muito simplesmente: pondo-se-lhe na boca o dedo besuntado de alimento. E quando o sobrevivente casar, deverá, em ritual apropriado, comunicar o facto ao extinto.

A efígie é usada até à morte. Quem, por acanhamento, não a puder trazer ao pescoço, guarda-a religiosamente, dispensando-lhe, no entanto, os cuidados referidos.

São, pois, os gémeos, filhos temíveis, inspirando aos pais, não o amor natural, mas uma espécie de idolatria. E os irmãos que se lhes seguem, constituem seus escravos espirituais, possuindo os três últimos, nomes peculiares: Fuxi, Mbombo e Kioza. Com o melindre desses filhos, intensamente preocupando os pais com obrigações de suas exigências, mais outras classes existem.

ABREVIAÇÃO DE CASAMENTO

Para se resolver em casamento um namoro longo, o quimbanda enterra o primeiro ovo de uma galinha, sobre o qual espalha um fragmento de pena de andua e de garça, outro de crina de elefante, outro de sebo de caça e pós de folhas carbonizadas de mubilo. Sentada numa cadeira nova, a interessada come seis ovos guisados, utilizando prato e talher novos.

Numa panela de barro, igualmente nova, contendo água, vinho e quitoto-e-maluvo, mas preliminarmente caracterizada com a cruz a pemba e ucusso, ela, várias vezes ao dia, com uma pitada de pó de mubilo na língua, vai pescando o namorado. Para tal, serve-se de dois anzóis atados com linha, aos quais também se junta uma lasca de mubilo, ficando tudo mergulhado na água. A panela assenta sobre três pedras, ou, preferentemente, sobre uma haste trifurcada, espetada no chão.

- Seu alma do diabo, se é mentira [1]!... - Injuria o ocultista, com essa e piores expressões, a pessoa de seu mestre. Depois de contar até nove, exclama: - Conto até nove, de dez não passo! - E invoca o namorado e pede-lhe que abrevie o casamento.

Se este processo, designado por *xico*, não der resultado, o quimbanda, através de uma xinguiladora, chama a alma do rebelde namorado. Entretanto a namorada, também o pescando na sua panela, fala com ele, obrigando-o a marcar o prazo do consórcio. Findo isto, o quimbanda convida-o a molhar as mãos na panela, a fim de as passar pela cara, braços e pernas.

[1] Alusão ao ritual.

ANULAÇÃO DE INCESTO

Em caso de incesto - real ou aparente, pois também é incesto o facto de uma filha, involuntariamente, ver nu seu pai - para destruir os danos ocasionados - sonhos lúbricos com o próprio pai e consequente morte dos netos - danos que resultam após a morte deste, o quimbanda prepara, no quintal, uma elevação de forma sepulcral, e coloca, nos quatro cantos, uma casca de múcua com dicosso. Chamado o pai à cabeça de uma xinguiladora, filha e pai (neste caso, incorporado na xinguiladora) são atados com a mesma corda - ambos nus e de costas voltadas um para o outro. Se, ainda em vida do pai, se anular o incesto, ele próprio entrará na função.

Empunhando com uma mão um casal de galinhas pelas pernas, o quimbanda faz girar as aves em volta de cada um deles, a fim de lhes transferir o mal. Em seguida, faz um golpe na orelha de uma cabra, e com o dedo molhado de sangue, toca-lhes na testa, atrás das orelhas, costas e peito, disparatando os seus mestres antes de exorcismar, tal como já referimos anteriormente.

Dado o véu metafórico de que se revestem essas injúrias, aliás também vulgares nas rixas, vamos reproduzi-las literalmente:

- Vossos fígados e vossos bofes! Vossas tripas e vossos corações! Vosso fel e vossas peles! Ajudai-me! Se vos ofendi, foi pelo ofício e não pela confiança!

Conforme a pragmática, os animais empregues revertem em seu benefício. *Quilau* é o designativo desta prática ilegítima de amor.

ENCARCERAMENTO DE ALMA

Quando um antepassado nosso matou ou enfeitiçou de morte alguém, a sua alma, mais tarde, em vingança, vai dizimando os descendentes do criminoso.

Adivinhada a causa, o quimbanda, para impedir mais extermínios, evoca a alma para actuar numa xinguiladora. Esta aguarda a indução, sentada num barquinho.

No seu furor, a alma nem sempre actua logo: ora sobre uma árvore próxima, ora sobre a cobertura da casa, aí fala primeiro. Mas o ocultista, em súplicas constantes – "Ai, pronto já, vem falar no teu próprio lugar!" - demove-a a fixar-se na médium. E só então a interroga.

E a alma, dorida, relata o ocorrido. Como reparação, quer dinheiro, roupas, ou para serem entregues à sua família, ou, como depositária dos mesmos haveres, à própria xinguiladora.

Se, após a promessa de tal indemnização, a alma persistir na sua vingança, o quimbanda oferece-lhe alguém da família visada, ou, como noutros tempos, um escravo adquirido pela dita família - resgate esse denominado *Kamuenyu* - para servir, incondicional e perpetuamente, em casa da família da alma.

Se ainda declarar perseverar no propósito da matança, então o quimbanda a encarcera numa garrafa, que deposita numa fenda de árvore - geralmente embondeiro - ou numa cova, ou a sepulta assim mesmo, perseguindo depois a alma quem se apoderar da garrafa ou cavar no citado local.

Para tal encarceramento, o ocultista introduz, na garrafa ou cova, um fragmento pena de andua e de garça, outro de sebo de caça, outro de crina de elefante e aparas de cabelo e de unhas das mãos e pés - aparas essas que corta à xinguiladora, então representando a alma. Em seguida, diz à alma,

ou seja, à xinguiladora, que cuspa para dentro. Feito isto, verte-lhe dicosso na cabeça, caindo o líquido para uma vasilha, e o qual despeja também na garrafa ou cova. Por fim, tapa a garrafa e deposita-a na lura mais eminente de uma árvore, ou, se a operação tiver sido no chão, cobre com terra o buraco.

Antes do encarceramento, o doente é defumado, sob um pano, com folhas colhidas nos quatro caminhos de uma encruzilhada. E a alma, escoada juntamente com o dicosso, não mais tornará a importunar.

SEPULTAMENTOS DIVERSOS

1 - *De baco ou indivíduo estéril:*

Antes de ser enterrado, faz-se uma grande abertura na parede do quarto, a fim de sair o caixão. Depois, o quimbanda prepara nove macossos em cascas de múcua: caracterizados os recipientes com a cruz a pemba e ucusso, deita água, vinho, quitoto-e-maluvo e folhas fragmentadas de dâcale e diololo.

No quarto mortuário, entretanto, arma-se o quizembe - alpendre de folhas de palmeira - e fora, o dilongo - uma cadeira especial de bordão. Posto o dilongo no quizembe, é o cadáver lá sentado. Após certo tempo de cantorias sagradas e possessões várias, é o corpo encerrado no caixão.

À hora do sepultamento, o caixão, com os nove macossos ladeando o extinto, sai pela abertura feita. Só quinze dias volvidos, é que se veda.

2 - *De caçador:*

Logo que o caçador morre, faz-se o dilongo e o quizembe. Este, não armado no quarto mortuário, mas no quintal.

Conduzindo o cadáver para o quizembe, a família senta-o no dilongo. Enquanto o quimbanda não comparecer, ninguém pode chorar. Só após a sua chegada e o borrifar para a cara com um forte bochecho de dibonzo - variedade de água lustral - é que se permitem as lamentações de dor.

Seguidamente, ele ou outra pessoa idónea desenha-lhe riscas com pemba: do alto da testa à raiz do nariz, e dos malares até um pouco abaixo da cara. Ao lado desses traços, repete outros com ucusso. E nos intervalos, com ulombo. Já caracterizado, o quimbanda espeta-lhe no cabelo uma pena de andua, outra de garça e uma crina de elefante, e assenta-lhe na cabeça, descaindo para a frente e para trás, uma baeta azul e outra encarnada, sobrepondo-lhe finalmente o muhengue.

Arranjadas nove missongas - pequenos feixes de várias espécies de capim - assinala-as em todo o comprimento com círculos alternados de pemba, ucusso e ulombo. Com idênticos círculos, também assinala exteriormente nove cascas de múcua para os macossos, isto é, as águas lustrais. Todas se compõem de água, vinho, quitoto-e-maluvo, folhas fragmentadas de dácale e de diololo e produtos colhidos em nove encruzilhadas.

Enquanto o corpo permanecer em casa, caçadores e meros xinguiladores sofrem transes, sobretudo de Dinyângas. Mas os caçadores figurando com uma risca de ucusso, de um ouvido a outro, passando pelos sobrolhos. Entretanto, muita gente vulgar se diverte ruidosamente.

Consoante o desejo do extinto, é ele sepultado: ou dentro do caixão, ou sentado no próprio dilongo. O enterro ocorre de noite, ao canto do primeiro galo, à luz de fachos de capim. *Roubar* se especifica o seu sepultar.

Quando baixa à cova, disparam-se dois tiros - indicativos de sua função de caçador. E sobre a cobertura de terra, dispõem-se as nove missongas e o dicosso restante. Em seguida, mais dois tiros são detonados.

Após o funeral, abundante refeição se oferece aos assistentes. Como iguarias principais, abate-se um porco e uma cabra.

De manhãzinha, sob a invocação do extinto, o oficiante determina que parta um caçador para a caça. Se nada caçar nesse dia, dorme na mata. Se o finado tinha o coração limpo, isto é, se não havia liquidado ninguém, o caçador mata um pássaro ou qualquer outro animal, que leva para casa. Diversamente, não obtém nenhuma peça [1].

[1] Foram-nos estes ritos de sepultamento relatados por um quimbanda nonagenário. A fim de não alterarmos os presentes esclarecimentos, o que nos poderia conduzir a inexactidões, preferimos registar separadamente o que ele, por razões particulares, negou praticar-se. Mas como esse facto, já exposto na 1.ª edição desta obra, foi confirmado por mais de uma pessoa, até mesmo por outro quimbanda, aqui mantemos sua descrição.

Conforme já foi dito no capítulo "Iniciação de Xinguilador", o caçador, por vezes, também abate o seu semelhante. À hora da morte, declara ele, mesmo designando com os dedos, o número de vítimas ocasionadas.

Para que essas almas não atormentem vingativamente sua família com enfermidades e reveses, antigos discípulos seus partem para a mata em imolação de gente, na quantidade por ele revelada. Por ausência ou impedimento destes, seguirão outros caçadores. Entretanto, é a população da sanzala prevenida para não se afastar para longe.

Se não for possível conseguir-se a quantidade devida, apenas se sacrifica uma vítima. Mas sempre se procedendo como já se mencionou no aludido capítulo: ser a mulher possuída antes ou depois do abate, e ao homem, após a respectiva amputação, entalar-se-lhe o pénis no nariz. E a ambos, igualmente se lhes extraindo o coração. No sangue jorrante de cada vítima, embebem então as zembas do caçador falecido.

Em conclusão do ritual, o celebrante prepara a zemba: deita, num prato, uma porção de sangue desse animal, serradura de tacula, de quissécua e de quicongo, um pedaço de pena de andua e de garça, outro de sebo de caça, outro de crina de elefante, uma escama de pangolim e aparas de unhas e pêlos do morto, e vertido tudo num retalho de pano-cru, é ele cosido em forma de almofadinha. Este paramento é usado pela família paterna, designadamente filhos, irmãos e sobrinhos.

O quimbanda conserva-se no óbito durante quinze dias, não podendo manter relações sexuais nem desviar-se para longe.

3 - *De soba:*

Tal como o do caçador, o cadáver de soba também é sentado no dilongo, sob o recato do quizembe. Sua cara também é caracterizada com riscas a pemba e ucusso. Na cabeça, depõe-se-lhe a baeta do diculo, que é encarnada, e sobre ela, a quijinga.

Dezoito macossos prepara o quimbanda. Além dos ingredientes normais - água, vinho e quitoto-e-maluvo - levam capim recolhido de uma ou mais campas de sobas e fragmentos de folhas de dâcale e de diololo.

Conquanto dê a dua, tal manifestação não se efectua sob a acção de possessões, como acontece com os xinguiladores que igualmente segregam essa viscosidade nasal. A fim de seu sucessor lhe receber os poderes espirituais, é a mesma absorvida por ele.

Com idêntica finalidade, ele passará nove vezes sobre o corpo deposto no chão. Mas sucumbirá se for seu inimigo ou rival. Em reforço dessa mesma transmissão, sua baeta e quijinga constituirão legado do sucessor.

Conforme o desejo do extinto, assim será enterrado: em caixão ou no dilongo. Se for em caixão, nove macossos vão dentro, e os outros nove, na cova. Contrariamente, vão nove na cova, e os restantes, em cima da campa.

Seu funeral realiza-se de noite, sem conhecimento do povo. Divulgada a notícia, farta comida se lhe oferece então.

4 - *De quimbanda:*

Seu rosto é igualmente caracterizado com riscas a pemba e ucusso. Se não for xinguilador, não o sentam no dilongo, exposto no quizembe. Mas se o for, permanecerá nele, a fim de dar a dua. Se tal secreção não se produzir, ocorrerão doenças e azares na família.

Relativamente a simples xinguilador, também se aplicam as caracterizações em seu rosto. Mas o corpo não é posto no dilongo. Tal como se pratica com o quimbanda xinguilador, xinguiladores vários sofrerão actuações para a eliminação da dua.

Seu funeral realiza-se ao escurecer. Dentro da cova, depõem-se dois macossos, e fora, apenas um. A composição é idêntica à dos macossos anteriores.

5 - *De secundinas de mussunda* (criança que nasce inversamente, saindo pelos pés):

Em Luanda, onde os ritos são mais complicados que no interior, a parteira, quando enterra as secundinas, ordinariamente num recanto do quintal, arrasta-as desde a dormida ao local de sepultamento, ou, mais simplesmente, apenas da proximidade da cova. Para tal, prende ao cordão umbilical um fio, ou reveste a sua extremidade com um retalho, segurando com os dentes a ponta do isolador.

Antes de escavar, verte, no chão, um pouco de vinho ou de quitoto-e-maluvo. Aberto aí o buraco, traça, no fundo, a cruz a pemba e ucusso, e torna a verter, em nove gotas contadas oralmente, o líquido utilizado. Em reverência aos entes sobrenaturais, deposita um pedacito de pão, de queijo e de doce, ou, mesmo, uma pitada de açúcar. Sobre tudo isso, acama duas rodilhas - uma de mussêquenha e outra de mulembuíji - e então coloca a placenta, dispondo em redor o cordão umbilical, mas ficando a extremidade empinada no meio. Finalmente, cobre com terra o buraco.

Se a parturiente não observou o rito do *kuoza o musunda* - aplacação da cólera dos entes sobrenaturais por efeito de práticas condenadas pela religião tradicional, como o incesto, a cópula no chão, pois o chão, em suas profundezas, constitui o Além-Túmulo dos autóctones - rito de cuja finalidade visa a preservar a mulher de maus partos e evitar a morte prematura aos filhos, a operação do enterramento decorre tal como em glorificação de gémeos: parteira e criaturas convidadas - estas palmejando e batendo os pés no solo - entoam o seguinte passo da referida exaltação:

Progenitora de anormais
Comeu em cima!
Progenitora de anormais
Comeu em baixo [1].

[1] Ngudi a musundaluâdia bulu!/Ngudi a musundaluâdia boxi!

Finda a inumação, a parteira determina:

- Kolenu-é! (Ovacionem!)

E todas em uníssono:

- Oooh!

Daí, em continuada manifestação, a turma ruma para o quarto da parturiente, a qual, ou uma familiar, afectuosamente as contempla com uma moeda de cinquenta centavos.

Em caso de quixila - prática desagradável legada por um antepassado, resultante de mau trato dado a escrava - as secundinas deste ou de outro qualquer filho são lançadas fora, num lugar afastado de casas, ou depositadas numa panela de barro, ritualmente preparada como a escavação. Não se tapa e assenta-se numa trempe de pedras, regionalmente designada por *massuicas*, mesmo em cima da cobertura da casa, aí permanecendo até à sua queda para o chão.

6 - *De outras secundinas:*

De uma maneira geral, todas as secundinas são enterradas, levando os alimentos atrás referidos, ou apenas um bocadinho de pão e de açúcar. No caso de gémeos, também duas rodilhas de cada uma da dita folhagem. Mas o buraco, antes e depois de aberto, sempre assinalado com a cruz e espargido com qualquer dos líquidos citados. Tudo isso, em reverência às entidades sobrenaturais.

PODERES OCULTOS

Conforme o efeito que se pretende, assim variam os objectos encantados, ou, mais elevadamente, os talismãs, que o quimbanda prepara para uso permanente.

Antes de apresentarmos alguns dos mais conhecidos, queremos salientar que, para o domínio no amor, enfeitiçamento de morte ou fracasso de um mal, como litígio grave, prisão, um factor que se impõe, consiste na posse sexual da mulher interessada. Claro, pelo ocultista. Em caso de enfeitiçamento de morte, até se ouve dizer: "Nem que eu tenha que me amigar com um quimbanda!". Amigar - note-se - no sentido de dormir. Enfim, entra o tal "poder fálico", como se exprimem os cientistas.

No caso do malefício propriamente dito, realiza o quimbanda, mas não todos, ou por lhes repugnar, ou por não possuírem a faculdade para tal, as mais variadas práticas para cada espécie de acidente. Mas não é disto que nos propomos focar. O que pretendemos, embora superficialmente, pois esta matéria, pela sua natureza feiticista, torna-se objecto de ofensa para quem se indaga, uma vez que não haja a perfeita intimidade, o que pretendemos - repetimos - é revelar alguns talismãs privativos.

Banze - Bolinha mágica contendo pós de determinadas folhas, usada entre a bochecha e a gengiva.

Opera-se com o pensamento. Quer dizer: quando se fala com quem se deseja influir no espírito, o interessado, munido da tal bolinha, interiormente domina essa pessoa com o pensamento. E tudo se obtém misteriosamente: as portas abrem-se com um sopro, consegue-se a posse de uma mulher sem ela dar por isso, etc.

Para o aguçamento do domínio sobre a mulher, o praticante deve iniciar-se com um incesto.

Bungo - Magia para obtenção de grandes proventos e prontas facilidades.

Com este poder, o rendimento, quer de lavra, quer de negócio, satisfaz a ambição: o terreno, por pequeno que seja, produz bastante, mesmo mais que um outro maior; e nas transacções, a mercadoria, sem que se dê por isso, é medida ou contada repetidas vezes. E isto, por obra de almas: no primeiro caso, roubando a produção aos outros; e no segundo, obcecando a parte contratante. E em matéria de facilidades, também pelo mesmo processo, o possuidor de semelhante privilégio pode deslocar-se, sem que ninguém o veja igualmente, montado numa fera. E com rapidez.

Para esta feitiçaria, o professante deve, uma vez por ano, oferecer um sacrifício a essas almas, o qual, segundo o privilégio, consta de reses ou pessoas, sendo estas, por facultação, isto é, indicadas para a morte por possessão. Esclarecendo: as vítimas morrem por acometimento de alma.

Cabeto - Sortilégio para originar a impotência.

Quando um homem não deposita confiança na consorte, pode recorrer a semelhante meio, resultando daí o impraticabilidade do coito com outrem, pois, no momento, o pénis do intruso sofrerá um declínio. Da mesma forma procede uma mulher para com o marido, quando apenas o deseja para si, ou então, o que é mais usual, quando pretende vingar-se de seu repúdio em favor de outra.

A perda do vigor pode ser ocasional ou temporária. Em qualquer das circunstâncias, é sempre tratável mediante quimbanda.

Dixicâne ou *Dixicane* - Bolinha mágica contendo pós de determinadas folhas, usada entre a bochecha e a gengiva, mas em mudanças alternadas.

Exerce o poder, juntamente com a invocação da pretensão, de anular qual quer desfortuna, tanto no amor como em petições, demandas, etc.

Honda - Sortilégio que preserva das feras o covil onde os feiticeiros assam e comem os cadáveres.

Compõe-se de pós, enterrados à entrada, dispondo-se de capim em volta, mas espaçadamente, em feixes de algumas hastes, torcidas em nó nas extremidades.

Jimbambi - Sortilégio exercido pela acção da tempestade - vento, chuva ou raio.

Maiombola, Matombola ou *Matombuela* - Magia para o aproveitamento da alma.

Conforme a natureza da alma - forte ou fraca - assim a vítima, até morrer, resiste mais ou menos tempo à doença, inicialmente caracterizada por uma moleza geral e falta de apetite. A causa do mal não é senão o acorrentamento da alma, gradualmente subindo dos pés ao pescoço, provocado pelo maleficiador.

Com a morte, a alma, sempre agrilhoada para não seguir o seu destino, cumpre então a tarefa de, juntamente com outras afins, trabalhar de noite numa lavoura. Findo o prazo da servidão, como que em contrato, a alma é definitivamente liberta.

A enfermidade, pouco acessível à adivinhação, só é curável de princípio, uma vez que o próprio sonhe a causa, urgindo, para tal, banquetear as almas desse cativeiro, amarradas a um embondeiro.

Em caso de desconfiança de maiombolista no bairro, usa-se, como preventivo, comer, logo pela manhã, ou mesmo antes de sair do quarto, um bocadinho de jindungo com sal, ou aplicar à roupa vários alfinetes de segurança. Este sortilégio - um dos mais terríveis - é a especialidade dos magos do Ambriz, Ambrizete e Cabinda.

Mubolo - Cinta mágica contendo pós e mais ingredientes, destinada à realização de muito negócio, escapamento à justiça, consecução do amor de uma mulher ou anulamento de um litigio.

Usa-se à cintura. Se um mal estiver para suceder, a cinta aperta em aviso.

Mufuca - Cinta mágica contendo pós e mais ingredientes, destinada a proteger contra um malefício.

Usa-se no braço ou atada interiormente à roupa.

Nâmbua - Magia protectora da fidelidade das consortes de caçadores e pescadores.

Fica enterrada no chão, junto à porta de entrada. Em caso de perfídia, ela, dias após, derrama sangue pelo sexo, podendo morrer se não confessar o delito. Se a mulher, por efeito de viuvez, novamente pretender consorciar-se, deverá submeter-se a um tratamento ritual, para anular a acção do sortilégio (*kusenga o nâmbua*, como se diz em quimbundo) .

Quianga - Magia que concede a faculdade da imunidade contra ferimentos, quer acidentais, quer por agressão.

Para tal, deverá o interessado passar sobre vidros, catanas, etc., consoante o género do privilégio.

Quilemba - Pó mágico avermelhado servindo de *vira-ânimo*, isto é, para se conseguir de alguém o que é contrário ao seu desejo.

Na ocasião de se obter a pretensão, deita-se, na ponta da língua, uma pitada desse pó, invocando-se o objectivo. Antes da pessoa em questão, não se deve falar com mais ninguém. A salivação é engolida.

Quipa - Magia que concede a faculdade da metamorfoseação e da transmissão de remédios ou preventivos.

O poder, que reside numa trouxinha ou cinta, usada à cintura, é restrito, só se podendo obter a concessão de um privilégio: ou para se transformar em águia, em rola, em jacaré, em cão, em determinada árvore. Com a transmissão, sucede o mesmo: só se pode rémeter, para um único fim, aquilo que se pretende. Entretanto, quem tiver o ânimo forte, pode adquirir vários desses dons.

Quizango - Sortilégio destinado a causar um acidente, inclusivamente de morte, ou a modificar o curso de um assunto, ou, ainda, a quebrar laços

de amizade, mas tudo inesperadamente.

Constitui um dos processos mais usuais para se maleficiar, quer por inveja, quer por vingança. Assim, quando ocorre um desastre, o povo logo murmura: "Isso é quizango! Foi um quizango que lhe puseram, para acontecer isto!"

Sassa - Trouxinha mágica contendo ingredientes e penas de determinada ave, ressaindo uma delas em jeito de pendão.

Usa-se debaixo da cama ou num canto do quarto. Serve para dar domínio à vontade: o que se diz, cumpre-se como uma ordem, prevalece sobre qualquer outra ideia contrária de outrem. Para a eficácia, o sortilégio é renovado temporariamente pelo quimbanda.

Como são as mulheres que mais usam semelhante encantamento, devem elas sujeitar-se a uma função sexual com o ocultista.

Songo - Sortilégio que ocasiona uma longa e cruciante pontada, ordinariamente mortal num curto espaço de tempo.

O bruxedo, que se enterra numa encruzilhada, é fundamentalmente constituído de dois objectos aguçados - alfinetes, agulhas, pregos, pauzinhos - dispostos em cruz.

Tuta - Bruxedo para roubar.

Usa-se com a interferência das almas.

Upule - Magia que concede a faculdade da obtenção de determina-dos privilégios.

Este género de sortilégio pertence aos ocultistas cuanhamas.

Xico - Magia para segurar ou preservar pessoa, coisa ou ritual.

Conforme a pretensão, assim se enterra: ou o primeiro ovo de uma galinha, ou o apodrecido no choco, ou o ovo de uma galinha-do-mato, ou uma pedra, ou um corninho. O enterramento, efectuado com mais alguns preparos, é completado com uma invocação ao fim desejado.

Os xicos de pedra e de ovo podre constituem magia ofensiva.

Xilo - Almofadinha mágica que os feiticeiros usam à cintura, destinada a preveni-los contra qualquer risco.

ELUCIDÁRIO

(Extraído do *Dicionário de Regionalismos Angolanos*, a sair brevemente. Conforme a extensão da definição dos vocábulos, é a sua reprodução total ou parcial. E como é de carácter enciclopédico, englobando numerosas transcrições, não incluímos nenhuma dessas ilustrações, a fim de não alongarmos os presentes esclarecimentos.)

ABREVIATURAS EMPREGUES

Abrev.	abreviação.
Adap.	adaptação.
Adap. do quimb.	adaptação do quimbundo.
Adap. ou Adaps. do vernác.	adaptação ou adaptações do vernáculo.
Adap. parc.	adaptação parcial.
Adv.	advérbio.
Aport. do quimb.	aportuguesamento do quimbundo.
Bras.	brasileiro (seu equivalente).
Deprec.	depreciativo.
Des.	desusado.
Deturp.	deturpação, deturpado.
Deturp. do quimb.	deturpação do quimbundo.
Deturp. do t. multirreg.	deturpação do termo multirregional.
Enciclo.	enciclopédico.
Ex.	exemplo, exemplificado.
Fig.	figurado.
F. port.	formação portuguesa.
F. quimb.	formação quimbundo.
Fus. da expres. quimb.	fusão da expressão quimbundo.
Fus. do quimb.	fusão do quimbundo.
Gír.	gíria.
Impr.	impróprio.
Interj.	interjeição.
Irón.	irónico.
Loc.	locução. *L. s.* f. locução substantiva feminina.
L.s.f.	locução substantiva feminina

L. v.	locução verbal.
Parc.	parcial.
P. ext.	por extensão.
Pl.	plural.
Pl. híbr.	plural híbrido.
Port. aquimb.	português aquimbundado.
Ref.	referência, referindo.
Relig.	religião.
Restr.	restritivo.
Result.	resultando, resultante.
Sd.	sendo.
Sent. reg.	sentido regional.
S. f.	substantivo feminino.
S. m.	substantivo masculino.
S. m. e f.	substantivo masculino e feminino.
Tv.	talvez.
Tb.	também.
T. bras.	termo brasileiro.
T. multirreg.	termo multirregional (usado em várias regiões).
T. port.	termo português.
T. quimb.	termo quimbundo.
T. quimb. e nhan.	termo quimbundo e nhaneca.
T. reg.	termo regional.
T.vernác. ou Ts. vernács.	termo vernáculo ou termos vernáculos.
Us.	usado.
V.	ver.
V. der.	verbo derivado.
V. intr.	verbo intransitivo.

V. r. verbo reflexo.
V. tr. verbo transitivo.
Vernác. ou Vernács. vernáculo ou vernáculos.
V. voc. ou vocs. ver vocábulo ou vocábulos.

* - indicativo de que os caracteres apresentados não foram extraídos da obra orientadora - *Nomes Indígenas de Plantas de Angola* - visto o nome da planta lá não figurar, ou, figurando, apenas mencionar a designação botânica, cuja obra consta da bibliografia consultada.

- indicativo de repetição do vocábulo.

A

Abrir a cabeça, l. v. Iniciar alguém no exercício da possessão de muculo. Submeter um iniciante ao ritual de incorporação dessa entidade espiritual.

Adap. do quimb. *kujukula o mûtue.*

Abrir o terreiro, l. v. Traçar no chão, antes de se iniciar um ritual, a preliminar cruz a pemba e ucusso.

Adap. do quimb. *kujukula o dikanga.*

Aiué ou **Aiuê,** interj. (designativa de dor ou embevecimento) Ai! Ui!

T. quimb. V. der.: *Kuiuia* (arder). Alusão à intensidade do sentir.

Alembamento, s. m. Tributo de honra prestado pelo noivo à família da noiva. Dote. O mesmo que *camalongo,* entre os Quicongos.

Embora baseado nos moldes do uso comum, é estipulado pelos ditos parentes.

Aport. do quimb. *ilêmbu,* result. de *kulêmba.*

Alheio, adj. Além do sentido próprio, também exprime afectividade ou consideração pelo possuidor.

Adap. do vernác.

Amigar-se, v. r. Unir-se conjugalmente por laços ilegítimos. Amancebar-se. P. ext. Matrimoniar-se (seg. o direito consuetudinário dos aborígenes).

O povo, em sua simplificação, omite o pronome *se* - fenómeno que ocorre em todos os verbos de acção reflexa ou recíproca.

De *amigo.*

Andua, s. f. Ave de plumagem tirante à do papagaio, mas de olhos vermelhos e corpulência um pouco maior. Musófago.

As penas das asas e da cauda possuem larga aplicação em umbanda. São ordinariamente vendidas aos pedacinhos pelas quitandeiras das especialidades rituais.

Aport. do quimb. *ndua.*

Auá ou **Auã,** interj. (designativa de desdém, enfado, desconsolação) Oh! Ora! Tenha juízo! Que maçada! Nem pensar nisso! Debalde! Em vão!

T. quimb. V. der.: *Kuuaua* (apupar).

Azeite de palma, l. s. m. Óleo extraído da palmeira-dendê (ou dendém).

F. port.

B

Baco, s. m. e f. Pessoa ou animal que não procria. *Adj. unif.* Estéril.

Deturp. do quimb. *mbaku,* result. de *kubaka* (arrecadar). Alusão à retenção do sémen.

Baeta (ê), s. f. Pano de lã felpudo e não pisoado.

Sendo encarnada, serve para facilitar ao feiticeiro a morte de alguém, bastando-lhe oferecer um fio às miondonas - espíritos tutelares - dessa pessoa. Se forem escrupulosamente cultuadas segundo os mandamentos da religião, o malefício não frutifica.

Na incorporação de alguns calundus - seres espirituais evoluídos - os quimbandas e xinguiladores acobertam-se sob um pano desse tecido, aplicado à maneira de capa. Conforme os espíritos que actuarem, assim varia a cor da baeta: encarnada, para Mutakalombo - entidade espiritual da fauna aquática; e azul, para Mutanjinji - entidade espiritual da fauna terrestre. Para Kûku Mukita e Mukita a Suku - entidades espirituais da demência - empregam zuarte.

T port.

Balá ou **Balâ,** s. m. Raiz de dandá (Cyperus rotundus var. elongatus Ridl).

É aromática, de propriedades medicinais, semelhando o gengibre. Além do seu emprego na medicina popular, também é utilizada em umbanda.

Deturp. do quimb. *mbalá,* result. de *kubala* (cavar). Alusão à extracção.

Bamba, s. f. Bastão. Bengala. Vara para açoitar. Chicote.

Deturp. do quimb. *mbâmba.*

Bamba-hurihúri (Aphania golungensis Hiern) s. f. Planta arbustiva medicinal.

Encicl. - Seu fruto é comestível. As folhas, depois de secas e trituradas, são utilizadas no tratamento de determinadas enfermidades ou deformidades sexuais, quer por ingestão, quer por empoamento. A infusão da raiz, de mistura com grama e dendo, bebida com frequência, e a sua serradura, friccionada uma vez ao dia nas articulações, constituíam antigamente a principal medicação da icterícia.

Deturp. do quimb. *mbamba-hurihúri.*

Mbangela dia Ngombo, (Banguela Diã Combo), l. s. m. Espírito que, sob a dependência de Ngombo, interpreta a linguagem de suas adivinhações, de difícil compreensão. Auxiliar de Ngombo.

Na possessão - segundo a crença popular - Mbangela actua logo após a retirada de Ngombo. Então, desvenda as suas palavras enigmáticas.

Banze, s. m. Bolinha mágica contendo pós de determinadas folhas, usada entre a bochecha e a gengiva.

Opera-se com o pensamento. Quer dizer: quando se fala com quem se deseja influir no espírito, o interessado, munido da tal bolinha, interiormente domina essa pessoa com o pensamento. E tudo se obtém misteriosamente: as portas abrem-se com um sopro, consegue-se a posse de uma mulher sem ela dar por isso, etc.

Para o aguçamento do domínio sobre a mulher, o praticante deve iniciar-se com um incesto.

Deturp. do quimb. *mbânze,* result. de *kubanzela* (pensar em). Alusão ao modo de emprego.

Batata-doce (Ipomoea batatas Poir), s. f. Esta planta bem conhecida, originária provavelmente da América, introduzida na Europa antes da batata comum, é cultivada por todo o país, principalmente para o consumo do indígena, em variedades vermelha, amarela e branca. *Bras.* Jetica. Munhata.

Encicl. - Cozida ou assada, pode acompanhar peixe frito ou assado. Comida com jinguba torrada ou com quitaba, constitui petisqueira de merenda. E frita às rodelas, polvilhada de açúcar e canela, sobremesa de esfera mais elevada.

T. port.

Batuque, s. m. Designação genérica das danças africanas. Divertimento com acompanhamento de tambor ou de qualquer outro objecto funcionando como tal. Rancho carnavalesco ritmizado por semelhante instrumento. O mesmo que *batucada.* P. ext. Tambor regional. Bras. (Amazónia e R. G. S.) Centro de religião africana. Modalidade do candomblé baiano, ou da macumba carioca, ou do xangô pernambucano.

Fus. deturp. da expres. quimb. *bu atuka* (onde se salta ou se pinoteia).

Bemba, s. f. Ave de rapina semelhante à águia, mas de plumagem branca e preta. Açor. É ávida de dendê.

Deturp. do quimb. *mbêmba,* result. de *kubêmba* (assoar). Alusão ao grasnar.

Bombó ou **Bombô**, s. m. Mandioca fermentada.

Come-se assado, acompanhando qualquer alimento, sobretudo peixe frito ou assado. Com jinguba torrada ou mel, constitui petisqueira de merenda.

Aport. do quimb. *mbômbo,* result. de *kumbômba* (pingar). Alusão ao efeito da demolha do tubérculo.

Búmbi, s. m. Hérnia. Quebradura. Loc. *Andar como que aflito com - :* andar devagar. *Espevitado como que saído de - :* muito metediço na vida alheia. *No - :* No olho! Nessa não vou eu! *Bras.* Rengue.

Segundo os aborígenes, a hérnia resulta da penetração de lombrigas no escroto. Se o mal for originado pelas miondonas, a medicina africana debela-o facilmente. Mas se a causa for diferente, a enfermidade é incurável.

Deturp. do quimb. *mbumbi,* result. de *kumbumbamana* (avolumar-se).

Bungulação, s. f. ou **Bungulamento,** s. m. Acto ou efeito de bungular. Deambulação perniciosa de feiticeiro.

De *bungular.*

Bungular, v. intr. Saracotear-se (o feiticeiro), ora roçando as nádegas no chão, ora na parede de uma casa, emitindo rouquidos de bode espremendo-se - movimentação que executa junto da casa a maleficiar.

Aport. do quimb. *kubungula.*

C

Cabaça, s. f. Fruto de uma planta cucurbitácea, o qual, depois de seco e extraídas as sementes, se utiliza como recipiente, sobretudo para carretamento de água e fermentação de bebidas. Há-os em formato de pêra ou de oito, alcançando diversos tamanhos. Também se empregam na

composição de instrumentos musicais. Relevados com desenhos vários, motivam objectos de ornato.

Embora constituindo uma abóbora, não serve para a alimentação, em virtude de amargar. Apenas suas sementes se aproveitam. Mas descascadas.

T. port.

Cabanda, s. m. e f. O que aprende umbanda. Auxiliar de quimbanda. Fig. Secretário. Adjunto.

T. quimb. de *ka* (inferioridade) + *kubânda* (desvendar). Alusão à incipiência.

Cabela (é ou ê) (Xylopia aethiopica *(Duval), A. Rich.)* s. f. Árvore de folha persistente atingindo 30 m.

Enciclo. - Sua semente, adicionada às do pepe e sobongo, utiliza-se no debelamento de várias enfermidades: em dores de cabeça e de ouvido, esfrega-se a serradura, obtida por fraccionamento numa pedra humedecida de água ou vinagre, na testa, fontes e faces, bem ainda, segundo as circunstâncias, nas fossas nasais e concavidades das orelhas: e em inflamação do baço, reumatismo e giba, fomentam-se as regiões afectadas com um unguento dessa mesma serradura, agora fabricada por trituração, pelo que se lhe ministra azeite de palma ou de oliveira.

T. quimb. de *kubeleketa:* ser mole. Alusão à consistência da madeira.

Cacimba, s. f. Poço. Cisterna.

Aport. do quimb. *kixima,* result. de *kuximata* (esburacar com pau aguçado).

Cacusso, s. m. Género de peixe da família dos Pércidas, de que existem duas variedades: uma do rio, outra do mar. Perca.

Este peixe, seco ou assado, constitui um dos grandes negócios da quitandeira nativa, especialmente de Luanda.

Aport. do quimb. *kikusu,* result. de *kukusuka* (ser encarnado). Alusão à coloração.

Caju, s. m. Pedúnculo do fruto do cajueiro.

É carnudo, sumarento, largamente utilizado na alimentação. Encontra-se na extremidade oposta à do galho, constituindo uma castanha que, depois de assada, gostosamente se come. Com sumo, de propriedades medicinais, fabrica-se o vinho de caju, ou, tipicamente, maluvo ou malufo. Representa ele brinde de apreço na incorporação do alembamento. No Brasil, onde a sua indústria se acha bastante desenvolvida, preparam-se deliciosos refrigerantes.

T. bras.

Cajueiro (Anacardium occidentale Linn.), s. m. Frondosa árvore terebintácea, oriunda do Brasil. O pseudo-fruto, comido meio verde, emprega-se no tratamento da diarreia, mesmo de sangue. Para idêntico fim, mas em clister, a maceração ou o cozimento da casca do caule. E do caule seco, convenientemente carbonizado e pulverizado, obtém-se um dentifrício macio.

De *caju*.

Calundu, s. m. Espírito de elevada hierarquia e evolução. *Loc. Subirem os à cabeça*: ficar excitado (por efeito de irritação). Bras. Orixá. (V. *Pedra.)*

Os calundus representam almas de pessoas que viveram em época remota, numa distância de séculos. Podem ser: medicantes, justiceiros e protectores. E consoante a longa idade que atingiram, distinguem-se: o *diculo*, que é ancião: e o *diculundundo*, que é ancião de mais avançada idade.

Transmitem-se por herança, principalmente pelo ramo materno. Mas só através de rito evocatório, constituindo a renitência de uma enfermidade a manifestação de seu desejo de posse mediúnica. Portanto, actuam nos viventes, deles fazendo seu instrumento de actividade, quer falando, quer agindo. Formam uma família espiritual em relação ao seu paciente.

Aport. do quimb. *kilundu*, result. de *kulundûla* (herdar). Alusão ao modo de transmissão.

Canzumbi, s. m. Alma do outro mundo. Duende.

Embora incorrecta, generalizou-se a forma *cazumbi*.

Aport. do quimb. *nzûmbi*, result. de *kuzumbika* (importunar, perseguir). Alusão às suas frequentes solicitações ou vingativas molestações por males sofridos em vida.

Capim, s. m. Designação genérica de várias gramíneas e ciperáceas, ordinariamente forraginosas. Erva. Relva.

Inversamente ao que acontece em Portugal, é este o nome que toda a gente emprega. De modo diferente, constitui uma espécie de preciosismo.

T. bras.

Catulo, s. m. Médium (em relação ao espírito).

Opõe-se a *xinguilador*, que o é em relação aos viventes.

T. quimb. de *kuturila*: contar, revelar.

Cobra-cuspideira, s. f. Serpente delgada de cerca de 1,20 m de comprimento, cor preta no dorso e branca no peito e ventre, cuja defesa consiste em expelir, para os olhos de quem dela se aproximar, uma secreção peçonhenta.

T. port.

Coco (ô), s. m. Fruto do coqueiro. Fruto seco do café. Recipiente feito com o revestimento interior daquele fruto, destinado a fins vários. Esfregão de chão, feito da metade desse fruto. Loc. *Cabeça de - :* cabeça rapada. *Comer do - :* apanhar tareia.

T. port.

Cola, s. f. Fruto da coleira, semelhante à noz, de propriedades medicinais. P. ext. Brinde. Dádiva. Bras. Nangone. Noz-de-gondja. Noz-do-sudão. Obemê. Obi ou oubi. Olobô.

Dado o seu poder tonificante, possui este fruto largo emprego, sobretudo pelas mulheres de Luanda, como reconstituinte matinal. É ingerido, logo após a higiene da boca, juntamente com gengibre - raiz também medicamentosa - e

mais qualquer das seguintes bebidas: quitoto, maluvo, vinho branco, jeropiga, vinho-abafado.

O conjunto - cola, gengibre e quitoto - constitui mimoso brinde, quer a visitas de amigas ou criaturas de respeitabilidade, quer na recepção das missas de sufrágio, onde, pelo seu alto apreço, jamais falta. Daqui, o sentido extensivo de *brinde, dádiva.*

T. port.

Coleira, (Cola acuminata (Beauv.), s. f. *Schott & Endl).* Árvore erecta atingindo 25 m, de folha persistente, densamente copada e porte semelhante ao da mangueira, com mau cheiro na época da floração.

De *cola.*

Comer, v. tr. Alastrar. Alimentar. Burlar. Cegar. Devastar. Dizimar. Esgotar. Gastar. Matar. Possuir sexualmente. Prejudicar. Provar.

Adap. do vernác.

Companheiro, s. m. Consorte (em união por mancebia). O que, sem ser por casamento, vive maritalmente com uma mulher. Amante.

T. port.

Comprar a cabeça, l. v. Impedir (o quimbanda) que alguém, já iniciado na mediunidade, mas que, por acanhamento, não deseja seguir tal prática, sofra as naturais induções. Desobrigar-se (um observante) da influência mediúnica.

Adap. do quimb. *kusumba o mûtue.*

Conversa, s. f. Assunto. Novidade. Episódio. Cena. Conflito. Questão. Sarilho. Peripécia. Enredo. Trama. Zanga, Mágoa. Loc. *Ser de -s:* ser chicaneiro, provocador ou conflituoso.

Adap. do vernác.

Coqueiro (Cocos nucifera Linn.), s. m. Variedade de palmeira.

Enciel. - É originário da Malásia. Possui a raiz propriedades medicinais. Sua infusão é empregada no tratamento das vias urinárias, particularmente

na eliminação da pedra. Simples ou misturada com outras raízes, também serve para o debelamento da tuberculose.

De *coco*.

Cubamento, s. m. Praguejamento. Imprecação. Protestação às entidades espirituais. Maldição.

De *cubar*.

Cubar, v. tr. Rogar pragas (geralmente batendo as mãos no chão, ou espalmadas para a frente, encostadas a par, mantidas em alçamento). Imprecar. Amaldiçoar.

Para maior eficácia, o esconjuro deve ser feito, ou em lugar consagrado a ídolos, ou em igreja, ou em cemitério, ou em caminhos, sobretudo encruzilhadas.

Aport. do quimb. *kukuba*.

Cuco, s. m. Título honorífico concedido ao régulo de tribos quimbundos. Alteza. P. ext. Tratamento respeitoso dado a anciãos. O mesmo que *hamba*, entre algumas populações do Sudoeste.

T. quimb.

Cuozar (ô), v. tr. Triturar (geralmente pedaço de caule ou raiz), friccionando numa pedra. Reduzir a pó, por meio de esfregamento.

Este processo é utilizado na preparação de medicamentos ou de produtos consagrados à umbanda. Em certos casos, o pó também pode ser obtido de uma pedra. Consequentemente, friccionando-se pedra com pedra.

Aport. do quimb. *kuoza*.

D

Dácale ou **Dâcale** (Commelina benghalensis L.), s. m. Erva anual, difusa, mais ou menos peluda; caules prostrados, ramificados, ascendentes,

de 30 a 80 cm, com raminhos subterrâneos, produzindo flores cleistogâmicas e frutos grandes.

Deturp. do quimb. *ndakale,* result. de *kukalakasa* (ser áspero). Alusão à pelugem.

Dando, s. m. Esteira ou luando onde, em noviciado do desenvolvimento mediúnico, os pacientes sofrem a possessão.

Deturp. do quimb. *ndandu,* result. de *kulandula* (advir). Alusão à possessão.

Dar a dua, l. v. Segregar pelo nariz (o cadáver de médium), através de um ritual de possessões, uma matéria sanguinolenta. *(V. Dua.)*

Adap. do quimb. *kubana o ndua.*

Dar de beber às zembas, l. v. Embeber as zembas em sangue (se a propiciação ocorrer por ocasião de um sacrifício), ou numa mistura de vinho com mel (se a propiciação ocorrer pelo novilúnio).

Essa propiciação visa a manter os seres espirituais cultuados em boa harmonia. Consequentemente, para se alcançar a sua graça, quer dando saúde, quer afastando algum mal eventual, quer, enfim, velando pela marcha dos acontecimentos pessoais e familiares.

Adap. do quimb. *kumuisa o jinzêmba.*

Deitar fora os calundus, l. v. Afugentar os seres espirituais a cultuar, por efeito de inobservância, durante a iniciação de mediunidade, da continência e respectiva formalidade de sua quebra. Em consequência de tal desrespeito, as ditas entidades, por *ciúme,* provocam ao noviço enfermidades e azares.

Adap. do quimb. *kutexi o ilundo.*

Ndele (dêle), s. m. Alma de pessoa falecida numa época não secular. Alma do outro mundo. Duende. Fantasma.

Este vocábulo - sinónimo de *nzûmbi* - é mais usado na região de Luanda.

T. quimb., result. de *kule}uka* (tornar-se leve). Alusão à imaterialidade.

Dendê ou Dendém, s. m. Fruto de certas variedades de palmeira.

É dele que se extrai o azeite de palma - o condimento básico da culinária tradicional de grande parte da população angolana. Cozido ou assado, o dendê come-se como petisqueira. Sua amêndoa, designada por *coconote,* é igualmente saboreada.

Aport. do quimb. *ndênde,* result. de *kulenda* (ser maleável). Alusão à natureza do fruto.

Dendo (Diospyros dendo Welw.), s. m. Arbusto ou árvore atingindo 9 m ou ainda mais; tronco cilíndrico de 30 a 40 cm de diâmetro; folhas de 5 a 14 cm por 2,5 a 5 cm, elíptico-oblongas, obtusamente acuminadas na base, coriáceas ou submembranosas, lustrosas, glabrescentes ou puberulentas na nervura mediana em ambos os lados; fruto sobesférico, de 9 mm de diâmetro e de um roxo escuro na maturação, contendo duas sementes sub-hemisféricas de 0,5 cm de diâmetro.

Encicl. - Sua madeira, de cor preta, é utilizada em marcenaria. A raiz, de propriedades medicinais, emprega-se, de mistura com a do bulututo, no tratamento da biliosa, icterícia e impaludismo. Para tal, pratica-se a maceração ou a decocção, cujo produto se usa como bebida natural, ou, ainda, conforme as circunstâncias, também em clisteres e banhos. E as folhas, esmagadas, constituem um excelente emplastro para pontadas.

Deturp. do quimb. *ndendu.*

Dibeca (é ou ê), s. f. Manto que o médium enverga em determinadas possessões. Pl. híbr.: mabecas.

T. quimb. de *kubeka*: atrair. Alusão aos espíritos.

Dibo (Cyperus papyrus L.), s. m. Erva glabra, aquática, com o sistema rizomatoso estacionário, constituindo formações de *Terrificientiherbosa,* ou em tufos flutuantes nas lagoas: caules trigonais ou roliços, persistentes, erectos, de 2,5 m a 4 m.

Encicl. - Com os caules, manufacturam-se os luandos - espécie de esteiras que se enrolam no sentido da largura. Em certas áreas, como Malanje, também se fabricam esteiras. Mas desmiolando-se as varetas.

T. quimb. e quic.

Dibonzo, s. m. Água lustral. Aplacador de males. Pl. híbr.: mabonzos.

Destina-se a exorcismos para expulsão de almas malfazejas. Ordinariamente, é composto de água e restos de bebida fermentada de milho, especificamente designados por *quitoto-e-maluvo*. Conforme o ritual, assim se lhe adicionam outros ingredientes. Inversamente ao que se pratica com o dicosso, que se aplica no corpo do paciente, o dibonzo esparge-se pela casa.

T. quimb. de *kubônza:* hissopar, benzer.

Dicanga, s. f. Terreiro. P. ext. Assembleia judicial ou cerimonial religioso, efectuados em chão livre. Pl. híbr.: macangas.

T. quimb.

Dicanga-dos-calundus, s. f. Terreiro onde se efectua uma dissaquela. Local onde se executa um ritual de evocação de espíritos. Pl. híbr.: macangas--dos-calundus.

Em precisão vocabular, exprime: *terreiro-dos-espíritos*.

Adap. do quimb. *dikanga-dia-ilundo*.

Dicanza, s. f. Espécie de chocalho de bordão, de cerca de um metro de comprimento. Bras. Canzá. Caracaxá. Ganzá. Querequexá. Reco-reco. Reque-reque. Pl. híbr.: macanzas.

É transversalmente sulcada a todo o comprimento, sendo oca a parte central, pelo que se talha uma abertura na face posterior. Maneja-se pelo atrito de uma vara delgada.

T. quimb. de *kukanzana:* vaguear. Alusão à movimentação do arco.

Dicosso (ó), s. m. Água lustral. Purificador de males. Pl. híbr.: macossos.

Destina-se a exorcismos de limpeza psíquica. Ordinariamente, é constituído de água, vinho e restos de bebida fermentada de milho, especificamente designados por *quitoto-e-maluvo*. Conforme o ritual, assim se lhe adicionam folhas de determinadas plantas ou laços de mateba. Inversamente ao que se pratica com o dibonzo, que se esparge pela casa, o dicosso aplica-se no corpo do paciente.

Dicosso-das-almas, s. m. Dicosso utilizado em possessão de almas. Água lustral destinada a rituais de evocação de almas. Pl. híbr.: macossos--das-almas.

Compõe-se de água, vinho, quitoto-e-maluvo e folhas-das-almas em fragmentos.

Adap. do quimb. *dikoso-dia-jindele.*

Dicosso-dos-calundus, s. m. Dicosso utilizado nas dissaquelas. Água lustral destinada ao ritual de evocação de espíritos. Pl. híbr.: macossos-dos-calundus.

Compõe-se de água, vinho, quitoto-e-maluvo e folhas fragmentadas de diololo e ditúmbate. Fica contido num prato novo, previamente assinalado com uma cruz a pemba e ucusso. Em possessão de Ngombo, ainda se lhe adicionam folhas pulverizadas de guba-iáfua e laços de mateba.

Este preparado serve para aplacar as incorporações, sobretudo das entidades bravas. Para o efeito, o auxiliar do celebrante, à medida que cada espírito for subindo à cabeça, serve um pouco de líquido, e num bochecho, esparge-o para o rosto do possesso - operação que repete no oficiante, a fim de evitar que ele também caia em indução. Além dessa utilidade, o dicosso--dos-calundus igualmente serve para os pacientes beberem após a aplicação do pelo, ou seja, o reagente da possessão.

Em precisão vocabular, exprime: *água-lustral-dos-espíritos.*

Adap. do quimb. *dikoso-dia-ilundo.*

Dicudila*, s. f. Planta rastejante, produzindo pequenos tubérculos, semelhantes à mandioca.

Enciclo. - A sua folha, de propriedades medicinais, utiliza-se na cura de feridas. Para tal, levemente se aquece uma ao fogo, que se aplica sobre a parte doente, depois se ligando com um paninho. O tubérculo possui largo emprego em umbanda.

Do port. aquimb. *kukudila:* acudir. Alusão ao seu poder benéfico.

Diculo, s. m. Espírito de ancião. Entidade espiritual que, na vida terrena, atingiu avançada idade. Pl. híbr.: maculos.

T. quimb. de *ukûlu:* antigo.

Diculundundo, s. m. Espírito de ancião de avançadíssima idade. Entidade espiritual que, na vida terrena, ultrapassou o período existencial do diculo. Pl. híbr.: maculundundos.

T. quimb. de *ukulundundu:* remoto.

Dijila de Solongongo (sô), l. s. f. Espírito de grande ave de rapina - espécie de águia - denominada em quimbundo por *holokoko.* Entidade espiritual procedente de tal ave.

Usualmente, apenas se diz: *Dijila.* Esta ave, quando próxima de crianças, origina-lhes uma enfermidade.

Adap. do quimb. *Dijila dia Solongongo.*

Dilombe, s. m. Camarinha sagrada de ocultista. Santuário. Oratório. Bras. Peji. Ilê. Pl. híbr.: malombes. Pode ser de calundus ou de malungas. Estas, também denominadas *santos.*

Se for dedicado aos calundus, é lá que o xinguilador arrecada os seus apetrechos, bem como onde xinguila. Portanto, onde o quimbanda realiza as práticas divinatórias e consequentes tratamentos aos pacientes. A sua posse resulta, ou de tradição de família, ou de solicitação das respectivas entidades. Assim, nem todos os xinguiladores o possuem. Mukita a Suku é a

sua padroeira, pois é o espírito que lá pernoita.

Se for dedicado às malungas, nada de malcheiroso deve lá permanecer. A sua existência provém de desejo manifestado por elas. No dia seguinte ao da construção, posta uma mesa com comidas e bebidas, comparecem doze santos a banquetear-se.

A construção de qualquer dos dilombes executa-se num só dia, podendo os acabamentos ficar para depois. Constituem uma divisão à parte. Neles, além dos utensílios peculiares ao culto, guardam os sacerdotes o negócio relativo às mesmas entidades, cujos proventos se aplicam de harmonia com as instruções por elas determinadas: ou para auxílio do cultuante, ou para aquisição de artigos privativos ao ministério.

De quando em quando, devem eles lá dormir, mas sem a consorte ou vice-versa. E quando vindos de longe, também os consulentes. Pela lua-nova, devem aromatizá-los com incenso ou qualquer outra erva de cheiro.

T. quimb. de *kulomba:* toldar. Alusão ao isolamento da construção.

Dilongo, s. m. Cadeira onde se faz sentar um cadáver. Armação onde os feiticeiros assam os cadáveres. Pl. híbr.: malongos.

T. quimb. de *kulongola:* impedir. Alusão às funestas consequências resultantes da inobservância dessa prática.

Dingar, v. tr. Matar um animal (porco, cabra, galinha, pombo) e sugar-lhe o sangue pelo golpe, em ritual dos sacrifícios aos espíritos, aquando da iniciação do desenvolvimento mediúnico. Sacrificar um animal e sorver-lhe o sangue em directa sucção da brecha - acto este praticado por iniciante de xinguilador no cerimonial de incorporação.

Aport. do quimb. *kudinga,* tv. result. de *kûdia manyinga* (comer sangue).

Dinyânga (nhâ), s. m. Espírito de caçador. Entidade espiritual procedente de caçador. Pl. híbr.: Manyângas.

T. quimb. de *kunyânga:* matar.

Dinyânga dia Kifumbe (nhâ), 1. s. m. Espírito de caçador assassino. Entidade espiritual procedente de caçador que, em vida, matara injustamente outra criatura. Pl. híbr.: Manyângas dia Kifumbe. T. quimb.

Dinyânga dia Kituxi (nhâ... túxi), 1. s. m. Espírito de caçador vitimado. Entidade espiritual procedente de caçador que, em vida, fora vitimado por outra criatura. Pl. híbr.: Manyângas dia Kituxi. T. quimb.

Diololo* **(ôlô)**, s. m. Planta rastejante, cuja folha possui largo emprego em umbanda.

T quimb. de *kuolola:* recolher. Alusão ao mal.

Dissaquela (é ou ê), s. f. Ritual de evocação de espíritos. Pl. híbr.: massaquelas.

Destina-se a vários fins: ou à adopção dos espíritos, ou à sua aliança, ou à sua propiciação. A sua efectuação, manifestada através de rebelde enfermidade, pode ser motivada: pelos guias tutelares - dissaquela de *Kazola* ou da Afeição; por alma de parente que fora médium, ou por alma de Vítima de Crime, originalmente designada por Múkua-Kituxi - dissaquela de Muiji ou da Geração; e por alma de parente que se dedicara à compra e venda de escravos, ou, simplesmente, ao negócio com o gentio - dissaquela de *Ngêniji* ou de Forasteiro.

T. quimb. de *kusakela:* adivinhar.

Ditúmbate ou **Ditumbate** (Boerhavia diffusa L.), s. m. Erva vivaz, com raiz lenhosa, grossa, esponjosa e multicaule; folhas um tanto carnudas, glabrescentes, com o aspecto da Salgadeira.

Encicl. - Esta planta é designada em português por *erva-tostão*. A raiz utiliza-se no tratamento da icterícia; e a folha, em umbanda.

T. quimb. de *kutumba:* curar. Alusão às propriedades medicinais.

Dixima, s. f. Variedade de dixímane. Pl. híbr.: maximas.

É semente volumosa e arredondada. Emprega-se em umbanda como

abascanto. Como preservativo contra a acção perniciosa dos gabos excessivos, ata-se ao pulso ou ao pescoço das crianças um desses grãos.

T. quimb. Abrev. de *diximane*.

Diximane ou **Diximane,** s. m. Semente do muxímane ou feijoeiro-feiticeiro. P1. híbr.: maximanes, maximanes.

É comprido, espalmado, semelhando uma feijoca. Tal como a dixima, também se utiliza em umbanda. Como preservativo contra a acção perniciosa dos gabos excessivos, igualmente se ata ao pulso ou ao pescoço das crianças um desses grãos.

T. quimb. de *kuximana:* gabar. Alusão ao dito emprego.

Dizaco, s. m. Mealheiro ritual. Pl. híbr.. mazacos.

É constituído de um retalho novo, ordinariamente de pano-cru, sacramentado pelo ocultista com pemba ou cinza, e conforme a finalidade, ou unido pelas pontas com uma tira do mesmo tecido, ou dobrado em cada um dos lados à maneira de estojo. Aí, vai-se depositando o dinheiro, destinado à efectuação de uma dissaquela - ritual de evocação de espíritos - para efeito da cura da enfermidade imposta por uma ou mais dessas entidades espirituais.

T. quimb. de *kuzakula:* arrepanhar. Alusão ao dobramento.

Dua, s. f. Sangue nasal de cadáver de médium. Testemunho mortuário de restituição do sangue dos sacrifícios, sorvido no cerimonial de aptificação mediúnica. *(V. Dara dua* e *Pedira dua.)* Este sangue, obtido sob a acção simultânea de possessões várias, visa a impedir que a alma do extinto perturbe a saúde da família. Mas tal formalidade só se efectua quando ele, no ritual de iniciação do desenvolvimento mediúnico, haja sorvido o sangue dos sacrifícios

Deturp. do quimb. *ndua,* result. de kulua (conquistar). Alusão à imperiosidade dessa secreção.

Dumbe, s. m. e f. Médium. Xinguilador. Mulher-de-calundu. Mulher-de-escravidão.

Dada a sua disponibilidade, são geralmente as mulheres que se sujeitam à aceitação da influência mediúnica. Obrigatoriamente, dentro de razões específicas, os homens que pretendem exercer o ministério do culto.

Deturp. do quimb. *ndûmbe*, result. de *kulumbila* (consagrar). Alusão à observância do culto.

Dunda, s. f. Penhor de efectuação de dissaquela. Testemunho remissivo de sujeição ritual de evocação de espíritos.

É prestado às entidades espirituais, quando não haja número suficiente de familiares para a celebração de tal cerimonial. Consta de meia peça de fazenda, 3 m de baeta encarnada, 3 m de baeta azul, 3 m de zuarte, l m ou 2 m de pano-cru e um lenço de mabela. Feito pelo quimbanda, é o primeiro volume aberto em semidesdobramento. Também não totalmente desdobrados, aí estende, uns sobre os outros, os restantes tecidos, ficando o pano-cru a cobrir a mabela. Sobre este último tecido, traça uma cruz a pemba e ucusso, mas cada risca marginada de alombo, depositando uma moeda no cruzamento.

Nesse local, as interessadas sobrepõem as mãos direitas. Proferindo um exorcismo, o ocultista esparge, sobre a última mão, outra pitada de pemba, ou, na falta, cinza. Quando retiram as mãos, a paciente que mantinha o pó, sacode-o para o pano.

Formando caixa, a meia peça de fazenda é atada com um retalho idêntico. Cada tecido contido é consagrado a uma entidade espiritual: a baeta encarnada, a Mutakalombo; a azul, a Mutanjinji: o zuarte, a Kûku Mukita ou Mukita a Suku; o pano-cru, a Ngombo: e a mabela, a Muene-Kongo.

Se, por descuido, os pós se soltarem para fora, os calundus apoquentarão de novo, infligindo rebeldes enfermidades e azares - os usuais meios de que se servem para se manifestarem. Para se obstar ao mal, impõe-se a renovação da formalidade.

Este penhor transmite-se numa sucessão de linha de onde procedem os

calundus manifestados. Portanto, paterna ou materna, até que, havendo já um número suficiente de familiares, se possa efectivar a imperiosa dissaquela.

Deturp. do quimb. *ndunda,* result. de *kulunda* (conservar por longo tempo). Alusão à retenção dos fardos.

E

Embondeiro ou Imbondeiro, (Adansonia digitada L.), s. m. Essência predominante da zona da comunidade síncorológica da *Adansonia digitata,* que se estende desde Massábi, na fronteira da África Equatorial Francesa, até o Norte do Transval, atravessando, no Sul da Huíla, a fronteira do Sudoeste Africano, na altitude de 1100 metros.

Encicl. - Esta árvore, também denominada *baobabe*, é de grande porte, mesmo a maior entre os vegetais, tendo recebido, por isso, o epíteto de *gigante da selva.*

A fibra da entrecasca possui larga aplicação, quer em usos domésticos, quer em rituais. As folhas tenras, além de comestíveis, empregam-se na composição de drogas medicinais, para a giba, por exemplo. Com o fruto, denominado *múcua,* prepara-se agradável refrigerante. Pelas suas propriedades curativas, também é usado no tratamento de certas doenças intestinais. O invólucro do mesmo, pelo tamanho e dureza, utiliza-se como recipiente, sobretudo para dicossos.

Aport. do quimb. *mbondo,* result. de *kubônda* (matar). Alusão à preferência dada pelos feiticeiros a essa árvore, para seus exercícios macabros.

Encruzilhada morta, l. s. f. Encruzilhada abandonada pelo trânsito. Cruzamento de caminhos que, por efeito de não mais servirem, deixou de constituir obrigatoriedade de passagem.

Adap. do quimb. *pambu jâfua.*

Estar de cara limpa, l. v. Estar (o médium) ao natural, sem a interferência da possessão, durante a efectuação de um ritual ou formalidade.

Adap. do quimb. *kukâla ku polo iazêle.*

F

Faca-da-ximinha, s. f. Faca pequena.

Esta designação proveio da circunstância de uma mulher assim chamada - Ximinya do Balão - haver cometido, com semelhante utensílio, um crime de morte.

Adap. do quimb. *pôko-ia-ximinya.*

Farinha, s. f. Designação comum da farinha de mandioca. Loc. *Lavra de - :* mandiocal. *Pau de - :* mandioqueira. Gír. Fazer igualar-se a, ser capaz de, competir com.

T. port.

Fechar os calundus, l. v. Impedir (através de rito apropriado) que os seres espirituais não mais actuem em quem já foi iniciado na mediunidade. Fazer cessar (o quimbanda) a um médium o seu poder mediúnico.

Em precisão vocabular, exprime: *fechar os espiritos.*

Adap. do quimb. *kujika o ilundo.*

Feijoeiro-feiticeiro, (Canavalia Gladiata DC.), s. m. Trepadeira persistente, com ramos sarmentosos atingindo 4 m, produzindo vagens de 10 cm a 20 cm de comprimento por 3 cm a 4 cm de largura, contendo 10 a 15 sementes brancas ou vermelhas.

Encicl. - Constitui o muxímane, em designativo quimbundo.

T. port. Alusão ao emprego da semente.

Feiticeiro, s. m. Ocultista que só se dedica à prática do mal. Bruxo. O

mesmo que *mulôji*. Fig. Aquele que é dotado de sentimentos perversos. O que acerta em predições funestas.

T. port.

Filhos-dos-calundus, s. m. pl. Bolinhas rituais de serradura de tacula, de quicongo e de quissécua, mas cada uma, do tamanho de um ovo de pomba, apenas manipulada com um só produto.

Preparam-se num quarto de franquia reservada - o quarto de cuozar, ou, popularmente, quarto do "kuoza" - e destinam-se a reverenciar os espíritos, quer em noviciado do desenvolvimento mediúnico, quer em determinados rituais.

Em precisão vocabular, exprime: *filhos-dos-espíritos*.

Adap. do quimb. *ana-a-ilundo*.

Fogueira-dos-calundus, s. f. Fogueira onde os noviços de médium, em arremesso de determinados espíritos, se movimentam indemnemente - testemunho de autenticidade da possessão - e também de onde sai o pelo das almas.

Em precisão vocabular, exprime: *fogueira-dos-espíritos*.

Adap. do quimb. *musonga-ua-ilundo*.

Folhas-das-almas, s. f. pl. Folhagem impelida por um remoinho ou rajada de vento, bem assim a das plantas sepulcrais.

Adap. do quimb. *mafu-ma-jindele*.

Fuba, s. f. Farinha (ordinariamente de milho, massambala, massango, mandioca e batata-doce). Fig. O que se apresenta pulverizado. Serradura. Bras. Fubá. Farinha-de-guiné (ref. à de milho). A de milho chama-se de *quindele;* a de mandioca, de *bombó,* ou, também, de *cabári,* conforme a preparação do tubérculo; e a de batata-doce, de *candumba*.

T. quimb. de *kufubuka:* estar brando, sem consistência. Alusão ao seu estado.

Funador ou **Funante,** s. m. Des. Negociante que antigamente se inter-

nava no sertão. Antigo vendedor ambulante do mato. Aquele que, noutros tempos, em permuta com o gentio (quer adquirindo géneros, quer escravos), não parava na mesma localidade.

O primeiro termo era usado pelo povo, ao passo que o outro, talvez pela sua formação menos vulgar, o era pelas classes mais elevadas, como se depreende das crónicas literárias.

De *funar*.

Funar, v. intr. Des. Mercadejar em localidades recônditas. Negociar no sertão. Exercer o mister de funante

Aport. do quimb. *kufûna*.

Fúnji, s. m. Massa cozida de farinha (denominada *fuba),* geralmente de milho, massambala, massango, mandioca ou batata-doce. Impr. Pirão. Bras. Angu.

Acompanha várias iguarias. Pelo seu poder de saciedade, entra diariamente nas refeições. Representa o pão dos pobres.

T. quimb. de *kufungulula:* revolver demoradamente. Alusão à amassadura, efectuada com um pau roliço ou espátula.

Fúnji de bombó, l. s. m. Massa cozida de fuba de mandioca. (V. *fuba.)*

G

Galinha-do-mato, s. f. Ave da família dos Galináceos. Galinhola. Bras. Angolinha, angolista ou galinha-d'angola. Guiné ou galinha-da-guiné. Galinha-da-índia. Galinha-da-numídia. Capote. Cocar. Estou-fraca. Picota. Pintada. Quem-quem. Sacuê.

F. port.

Ganda, s. f. Covil onde os feiticeiros assam e comem os cadáveres. O mesmo que *luando* [2].

Deturp. do quimb. *nganda,* result. de *kuânda* (comer).

Ganga, s. m. e f. Ocultista. Sacerdote. O que exerce o ministério do culto.

Enquanto, na área do quimbundo, este termo engloba o quimbanda, o homem-do-chicote, o quilamba e o feiticeiro, noutras etnias, pelo contrário, seu sentido é mais restrito, apenas abrangendo o feiticeiro. Simplesmente porque, naquele sector, o vocábulo também exprime ideia de sabedoria.

Deturp. do t. multirreg. *nganga* e *onganga.*

Gémeo-de-quilamba-fadado, s. m. Gémeo que nasce com as características de quilamba - ou uma depressão no alto da cabeça, ou pés recurvados, ou mãos sem acção.

Adap. do quimb. *ngongo-ia-kilamba-kia-xi-ni-mâvu.*

Gémeo-solitário, s. m. Indivíduo que, embora gémeo, nasce sem o par.

Este fenómeno, só determinado por adivinhação de quimbanda, resulta da circunstância de o outro ente, por antipatia a um dos pais, haver-se desligado da gestação, encarnando, mais tarde, no ventre de outra mulher do mesmo pai.

Adap. do quimb. *ngongo-ia-muende-ia-ubeka.*

Gengibre, (Zingiber officinale Rosc.), s. m. Erva com o porte da açafroeira da Índia, provavelmente originária das ilhas do Pacífico. Mas cultivada pelos indígenas da Costa Oriental, antes da descoberta do Zaire.

Encicl. - Constitui o rizoma, juntamente com a cola, o reconstituinte matinal das mulheres, sobretudo de Luanda. (V. *cola.*) Sua falta é suprida pelo jindungo-do-congo.

T. port.

Ngênji (**Guênji**), s. m. e f. Entidade espiritual que, na vida terrena, exercera a profissão de negociante-viajante, ou se dedicara à compra e venda de escravos.

T. quimb.

Ngima (**Guma**), s. f. Diferente denominação da entidade espiritual *Lemba dia Hanyi.*

T. quimb.

Goma (ô), s. f. Tambor comprido. *P. ext.* Bombo.

É feita de cepo desmiolado de mafumeira, adelgaçado numa extremidade, que fica aberta, e vedado com pele tensa de veado ou corça, o outro extremo. Pode ser de tamanho variável, medindo as de grande porte cerca de 1,5 m. Com esta dimensão, o tocador encavalita-se no instrumento.

Deturp. do t. multirreg. *ngoma* e *ongoma*.

Ngombo *(Gombo)*, s. f. Espírito revelador da verdade. Entidade espiritual de adivinhação. *Bras.* Ifá. T. quimb.

Ngombo ia Kazola *(***Gombo ia Cazola (zó ou zô)***)*, l. s. m. Ngombo da Afeição. Denominação que o espírito toma, quando manifestado por afeição.

T. quimb.

Ngombo la Muiji *(***Gombo ia Muiji***)*, l. s. m. Ngombo da Gera-ção. Denominação que o espírito toma, quando manifestado por here-ditariedade.

T. quimb.

Ngombo ia Kikonya *(***Gombo ia Quiconha***)*, l. s. m. Ngombo da Epilepsia. Denominação que Ngombo ia Kituxi toma, quando manifestado através dessa enfermidade.

T. quimb.

Ngombo ia Kituxi *(***Gombo ia Quitúxi***)*, l. s. m. Ngombo do crime. Denominação que o espírito Ngombo toma, quando manifestado por um crime, outrora praticado por um antepassado do paciente, na pessoa de um fiel a essa entidade.

T. quimb.

Gonga [1], s. f. Amuleto consagrado ao espírito Ngonga, e o qual se usa ao pescoço.

Deturp. do quimb. *ngonga*.

Gonga [1], s. f. Saca ou cesta de ocultista, para depósito de seus utensílios [2].

P. ext. Qualquer dos objectos utilizados domesticamente, quer para arrecadação de drogas medicinais, quer para outras coisas quaisquer. *Fig.* Prisão. Cadeia.

O mesmo que *samba* Relativamente a quimbandas, os homens usam, de preferência, a saca, feita de pele ou de mateba; e as mulheres, a cesta, tecida de mateba. Por efeito do não pagamento de seus honorários, expõem eles tal utensílio ao sol, e em lamentações, batem-lhe várias vezes, intimando-o a ir cobrar o dinheiro em dívida.

Deturp. do quimb. *ngônga*, result. de *kuongola* (arrecadar).

Ngonga *(Gonga)*, s. f. Espírito feminino que propicia a felicidade. Entidade espiritual da felicidade. S. m. e f. Nome dado ao indivíduo que, em gestação, por influência desse espírito, nasce, ou lhe sobrevém, com uma das seguintes anormalidades: pés assentando sobre o reverso, um seio grande, seis dedos ou dois bastante unidos, um quisto, malhas brancas, cabelos brancos.

No caso da congenitidade, o mal é incurável. E no outro, o tratamento efectua-se perante um quimbanda.

T. quimb.

Gongo, s. m. Amuleto consagrado a gémeo falecido, podendo apresentar, conforme as circunstâncias, uma ou mais efígies. Pl. híbr.: jingongos.

Deturp. do quimb. *ngongo*.

Guba-iáfua ou **Guba-iâfua** *, s. f. Erva de folha miúda, empregada em composição ritual. Literalmente, exprime: *jinguba-morta*.

Deturp. do quimb. *ngûba-iâfua*.

Guênji, s. m. e f. Forasteiro. Peregrino. Natural de terra estranha. Negociante-viajante. *Pl. híbr.:* jinguênjis.

Deturp. do quimb. *ngênji*, result. de *kuenda* (andar). Alusão à deslocação.

Guico (u-i), s. m. Pau roliço ou chato para amassar o fúnji. Amassador de fúnji. O mesmo que *muxarico*.

Deturp. do quimb. *nguiku*, result. de *kubika* (amassar).

H

Handa*, s. f. Grande árvore do género Ficus, muito parecida com a mulemba. O mesmo que *muhanda*.

Enciclo. - A fibra da entrecasca aplica-se na confecção de certos paramentos rituais. E quando se extrai a casca, oblata-se primeiro com uma moeda, que se atira para o chão, a sereia existente nessa área. Mas proferindo-se uma súplica.

Dada a semelhança com a mulemba, supre esta árvore o seu emprego em umbanda. "Na falta de handa, a mulemba toma o seu nome." - Pondera uma sentença popular.

T. quimb.

Hefo (é ou ê), s. m. Fruto do muhefo, constituído de uma baga. Cúbeba. Pl. hibr.: jihefos. É de sabor picante, possuindo propriedades medicinais. Em caso de cólicas, mastigam-se duas ou mais sementes, ingerindo-se depois o suco com água morna ou aguardente: e com os resíduos, cuspidos para a mão, fricciona-se o ventre. Com o seu xarope, preparado com o cozimento previamente coado, tratam-se constipações e outras afecções peitorais. Seu sabor e cheiro assemelham-se aos do jindungo-do-congo.

T. quimb.

Hela *(ê)*, interj. (designativa de admiração ou repulsa) Ena! Ih! Caramba! Bolas! Que coisa!

T. quimb. V. der.: *kuehelela* (tolerar).

Hitu *(Hito)*, s. m. Espírito promotor da esterilidade.

Entidade espiritual da esterilidade.

T. quimb.

Hitu ia Kalombo *(***Hito ia Calombo***)*, l. s. m. Denominação que o espírito Hitu toma, quando manifestado em gestação de criança.

T. quimb.

Homem-do-chicote, s. m. Fiscal dos feiticeiros.

Quando, no desempenho de sua função, os encontra em suas deambulações macabras, ele persegue-os e pune-os. Consequentemente, seu poderio suplanta o dessas entidades. A sua virtude sobrenatural reside num bastão, de que recebeu a qualificação sacerdotal, bem ainda numas riscas profiláticas na cara e cabeça - o mucasso - e em duas bolinhas com pós especiais - o banze - apetrechos que usa durante a sua ronda.

Adap. do quimb. *mũkua-mbâmba.*

Honda, s. f. Sortilégio que preserva das feras o covil onde os feiticeiros assam e comem os cadáveres.

Compõe-se de pós, enterrados à entrada, dispondo-se o capim em volta, mas espaçadamente, em feixes de algumas hastes, torcidas em nó nas extremidades.

T. quimb. de *kukonda:* cercar de cuidados.

Huhi, s. m. Espírito propiciador da simpatia, êxito e bem-estar. Entidade espiritual da ventura. T. quimb.

Hul'a-ngênji (**Ianguen**), s. f. Bloco de serradura de tacula. Tacula manipulada.

Reduzida a tacula a pó, pelo que se fricciona um pedaço de madeira num tijolo, humedecido a espaços com uma pinga de água, é o produto calcado com a mão, imprimindo-se-lhe a forma esférica ou ovóide. Mas, em determinados casos, só se obtém durante uma formalidade ritual, a cujo fim se consagra. Utiliza-se, de mistura com azeite de palma, no besuntamento do corpo e diversos paramentos.

Literalmente, significa: *tacula-de-forasteiro.*

T. quimb.

Huto, s. m. Hereditariedade da prática da feitiçaria.

T. quimb. de *kukutuka:* internar-se. Alusão à transmissão.

I

Inongo, s. m. Aparas de unhas das mãos e pés, bem assim de cabelo, cortadas a um cadáver, para efeito ritual. Despojos de partes do corpo ou do vestuário de pessoa viva, para magia defensiva ou ofensiva.

As aparas de cadáver, obrigatoriamente obtidas pelos familiares, destinam-se à tranquilidade da alma, e por vezes, à serventia num paramento ritual denominado *zemba*. Noutros casos (mas o acto praticado ocultamente), tais aparas, depois de carbonizadas e reduzidas a pó, são utilizadas pelo homem-do-chicote, para as riscas profiláticas na cara, a fim de descobrir os feiticeiros.

Se a morte foi causada por feiticeiro, após a sua secreta obtenção ele aplica esses despojos numa prática visando à anulação do mal.

T. quimb. Pl. de *kinongo,* result. de *kunongona* (despojar para fim ritual)

J

Jila, s. f. Forma abreviada de *Dijila.* (V. *Dijila de Solongongo.)*

Jimbamba, s. f. Búzio pequeno, muito empregado em umbanda.

T. quimb. P1. de *mbamba,* result. de *kubambula* (incendiar). Alusão ao poder destrutivo de malefício.

Jimbambi *(Jimbâmbi),* s. m. Sortilégio exercido pela acção da tempestade - vento, chuva ou raio.

T. quimb. Pl. de *mbambi,* result. de *kubambula* (incendiar, fazer explodir). Alusão ao seu efeito.

Jimbo, s. m. Búzio pequenino. Caurim.

Possui muitas aplicações em umbanda. Antigamente, valia como moeda no reino do Congo, sendo a ilha de Luanda, pela sua abundância

e superior qualidade, considerada o erário daquele país. Comele, até se adquiria o próprio ouro.

Deturp. do quimb. *njimbu*, result. de *kujimba* (ensoberbecer-se). Alusão ao efeito do antigo valor monetário.

Jindungo, s. m. Fruto do jindungueiro. Malagueta pequena. P. ext. Qualquer outra espécie de frutos de piperáceos. Fig. Malícia.

O jindungo pode ser: de *cahombo* e de *calequeta*. O primeiro é arredondado, com um cheiro a cabra, de onde lhe vem o nome; e o segundo, oblongo, bastante picante, também razão do seu epíteto, por alusão à circunstância de, com o ardor, se deitar a língua de fora - acto que, quando usando a prova de um alimento, se denomina, em quimbundo, por *kuleketa*.

T. quimb. P1. de *ndungu*, result. de *kulungamena* (agrupar-se). Alusão à disposição.

Jindungo-do-congo, s. m. Fruto do jindungueiro-do-congo.

Segundo John Gossweiler, em *Nomes Indígenas de Plantas de Angola*, é "uma baga elipsóide, de 6 cm, glabra, vermelha em fresco; semente aromática, esférica, castanha". Possui propriedades medicinais. No acompanhamento da cola, supre o gengibre. Mas não se usa na condimentação de alimentos.

Adap. do quimb. *jindungu ja kongo*.

Jindungueiro, (Capsicum frutescens *L.*), s. m. Planta originária da América Tropical, persistente, atingindo 0,8 m, cultivada pelo fruto que é empregado em lugar da pimenta *(Piper nigrum L.)*, tanto pelo colono como pelo indígena.

De *jindungo*.

Jindungueiro-do-Congo, (Aframomum melegueta *K.* Schum.), s. m. Erva rizomatosa; rizoma bracteado, delgado, irradiante, às vezes rastejando pela superfície da terra, e atingindo 80 cm.

Adap. do quimb. *mundungu-ua-kongo*.

Jingas, s. m. pl. Designação tomada em Angola pelos Jagas - bando nómada e antropófago - o qual, em 1568, invadiu o Congo e o Oeste Africano, desde a Guiné ao centro de Angola.

Jinguba, s. f. Fruto da jingubeira. Amendoim.

As sementes, contidas numa cápsula, reproduzem-se debaixo da terra. Fornecem um óleo apreciável, largamente empregado na culinária local, sobretudo para fritar peixe.

T. quimb. Pl. de *ngûba,* result. de *kuba* (dar, reproduzir). Alusão ao inesgotamento do fruto debaixo da terra. Assim, diz o povo numa sentença: "A jinguba não acaba no chão, a injúria não acaba no coração."

Jingubeira, (Arachis hypogaea *L.),* s. f. Provavelmente indígena, simultaneamente na África e na América, mas não se encontra senão em cultura.

De *jinguba.*

Jinguênjis, s. m. pl. Forasteiros. Pl. híbr. do quimb. *ngênji.*

K

Kaiongo, s. f. Espírito feminino que constitui uma das mulheres de Mutakalombo. Entidade espiritual conubiada com essoutra entidade espiritual.

T. quimb.

Kalombo, s. f. Espírito feminino que promove a esterilidade. Entidade espiritual da esterilidade.

T. quimb.

Kalungangombe, s. m. Entidade espiritual que, nas profundezas do globo - o Além-Túmulo dos aborígenes - suprime a vida, julga e pune os mortos. A. ext. Reino dos mortos. Eternidade. Fig. Pessoa dotada de sentimentos perversos.

T. quimb. de *kalunga* (abismo) + ngombe (ente desaparecido). - t. result. de *kuomboloka* (desaparecer, ou, figuradamente, dormir).

Kapita, s. m. Designação genérica de qualquer entidade espiritual do Congo. Nome dado a quem nasce sob a sua protecção.

T. quimb.

Kazola (**ó** ou **ô**), s. l. Designação genérica de cada um dos espíritos tutelares de determinado agrupamento ou falange. Entidade espiritual da afeição.

T. quimb. de *kuzola:* gostar.

Kibala Muiji (**u i**), s. m. e f. Espírito gerador de cada família. Entidade espiritual da génese familiar. Literalmente, exprime: *cavador da geração.*

T. quimb. de *kubala* (cavar com a *mão)+muiji* (geração).

Kisanga kia Nvunji (**Quissanga quiâ Vúnji**), l. s. f. Espírito feminino que, sob a dependência de Nvunji, a auxilia em sua missão. Auxiliar espiritual de Nvunji.

Em nascimento de alguém, é a imediata a Luangu. Mas não se caracteriza por nenhuma particularidade.

T. quimb.

Kiteri (*Quitêri*) **kia Muene-Kongo,** l. s. f. Espírito feminino do Congo. Entidade espiritual dos protestos. Habitualmente, apenas se diz: *Kiteri.* Tal como Muene-Kongo, igualmente figura na anulação de protestos.

T. quimb.

Kûku Mukita a Suku (**Cuco Muquita a Suco**), l. s. f. Espírito de anciã da Quissama. Entidade espiritual provecta da demência.

Usualmente, apenas é designada por *Kûku Mukita.* Sua manifestação em quem deseja fazer seu instrumento de mediunidade, caracteriza-se por grande quantidade de piolhos, quer na cabeça, quer no corpo, ocasionando forte coceira. Em transe, a médium não se levanta do chão, parecendo louca.

Só actua alta noite e às escuras. Mas, dada a mui avançada idade que

viveu, queixa-se de frio em suas incorporações, pelo que requer agasalhos quando se processam em terreiro, ou recobramento das paredes quando em aposento. Inspira a mais profunda veneração.

T. quimb.

L

Lagoa-da-venerável-luangu *(go)* ou **Lagoa-de-luangu** *(go)*, s. f. Panela de barro contendo água simples e dois burgaus, consagrada à entidade espiritual Luangu.

Com a água dessa *lagoa*, sempre renovada quando se esgota, a paciente - a mulher em quem se manifestou esse espírito - temperará frequentemente os seus banhos, acontecendo outro tanto com as futuras lavagens do filho. Mas estas, até ao nascimento do seguinte. Portanto, quando já estiver crescidinho, ou, ainda, por ocasião de doença.

Adap. do quimb. *dizânga-dia-ngana-luangu*.

Lagoa-da-venerável-nvunji ou **Lagoa-de-nvunji** *(vúnji)*, s. f. Panela de barro contendo água simples e dois burgaus, consagrada à entidade espiritual Nvunji.

Com a água desta lagoa, sempre renovada quando se esgota, a paciente - a mulher em quem se manifestou esse espírito - temperará frequentemente os seus banhos, acontecendo outro tanto com as futuras lavagens do filho. Mas estas, até ao nascimento do seguinte. Portanto, quando já estiver crescidinho, ou, ainda, por ocasião de doença.

Adap. do quimb. *dizânga-dia-ngana-nvunji*.

Lavara arma, l. v. Submeter a arma à lavagem depurativa do dicosso. Purificar ritualmente uma arma de fogo.

Tal rito só se realiza por efeito de homicídio ou abate de lobo, visto a

alma desse animal perseguir o seu matador. Nesta formalidade, quem lava a arma é o quimbanda. E o autor da morte, em remissão de culpa, nove dias permanecerá recluso em casa.

Adap. do quimb. *kusukula o uta.*

Lavar no dicosso, l. v. Impregnar alguém de dicosso. Lavar ritualmente com água lustral.

A operação pode ser realizada, ou com as mãos molhadas nessa água lustral, passadas de alto a baixo do corpo, ou vertendo-se o líquido sobre a cabeça. Destina-se a expungir um mal psíquico.

Adap. do quimb. *kusukula mu dikoso.*

Lavra, s. f. Pequena propriedade agrícola. Arimo.

Este termo, embora de procedência portuguesa, é mais usado pela gente africana. Com ele, designa os seus tratos de cultura.

T. port. de *lavrar.*

Lemba, s. f. Espírito feminino que promove a procriação. Entidade espiritual da procriação. Nome dado a quem, por influência dessa identidade, nasce com uma anomalia específica. (V. *Lemba dia Kalombo.)*

T. quimb.

Lemba dia Hanyi (Hânhi), l. s. f. Denominação que o espírito Lemba toma, quando, em nascimento de uma criança, se manifesta por uma insuficiência no crescimento: sendo mulher, não lhe aparece o cataménio nem os seios lhe despontam: e sendo homem, não se lhe caracterizam os fenómenos peculiares à adolescência.

Esta entidade também é designada por *Ngima.*

T. quimb.

Lemba dia Kalombo, l. s. f. Denominação que o espírito Lemba toma, quando, em nascimento de criança, se manifesta: em ambos os sexos - por encaroçamento nos mamilos, mas com produção de leite, ou por um

semicerramento dos órgãos sexuais: só em raparigas - por um corrimento, por um prurido nos órgãos genitais, por uma excrescência linguiforme na parte pôstero-inferior da natureza, daí se dizendo que "nasceu parte homem, parte mulher", ou, ainda, por uma redução da bacia.

T. quimb.

Levantar a alma, l. v. Atrair de seu mundo subterrâneo a alma de um defunto. Fazer voltar à actividade terrena, mas restritamente, a alma de pessoa falecida.

Esta prática, efectuada através de sortilégio, destina-se a malefício de vingança. Persegundo o vivente, ordinariamente se revelando nos actos de sua vida, acaba por lhe originar a morte, concedendo-lhe o mesmo tipo de mal.

Adap. do quimb. *kuzangula o nzîmbi.*

Luando (1), s. m. Espécie de esteira, enrolando-se no sentido da largura.

Entre a camada humilde de Luanda, designadamente a feminina, constitui o luando económica e prática dormida. Como objecto de simples repouso, quer para assento, quer mesmo para leito, utiliza-o toda a mulher de panos. E todas essas criaturas ainda, dele fazem mesa para as refeições, com toalha em dias solenes.

F. quimb. de *kulanduka:* estar ocioso. Alusão ao bem-estar que proporciona.

Luando (2), s. m. Covil onde os feiticeiros assam e comem os cadáveres. O mesmo que *ganda.*

T. quimb. de *kulunda:* guardar.

Luangu (**Luango**), s. f. Espírito feminino que, sob a dependência de Nvunji, a auxilia em sua missão. Auxiliar espiritual de Nvunji.

Também se manifesta no ventre materno, mas pela continuidade do mênstruo, embora aguado, durante a gravidez. O fenómeno só se opera após a revelação de Nvunji. Portanto, a sua imediata em manifestação natal.

T. quimb.

M

Mabela (é ou **ê)**, s. f. Tecido feito com a folhagem de uma variedade de palmeira, designada em quicongo por *nteva* ou *diteva* (Hyphaene guineensis). Fig. Antiga qualidade de fazenda, às barras largas e coloridas.

É apresentada em forma de grande guardanapo. Usou-se em empanadas, chapéus, sacas. Actualmente, o seu emprego está muito decaído. Apenas em umbanda, particularmente para objectos consagrados a determinadas entidades espirituais, ainda se mantém.

T. quimb. Pl. de *dibela,* result. de *kubeleketa* (ser flexível). Alusão à macieza da folha.

Mabonzos, s. pl. Águas lustrais. *(V. Dibonzo.)*

Pl. híbr. do quimb. *dibonzo.*

Macossos *(ô)*, s. m. pl. Águas lustrais. Composições de água, vinho, quitoto-e-maluvo e mais outros ingredientes, variáveis consoante a finalidade do rito. *(V. Dicosso.)*

Pl. híbr. do quimb. *dikoso.*

Macota, s. m. Conselheiro de soba. Magnate. Indivíduo de respeitabilidade (pela idade, saber ou riqueza).

Mesmo não fazendo parte do conselho governativo, são os macotas, dada a autoridade de sua palavra, bastante considerados pelo agregado social. Daí, solicitada a sua comparência para julgamento de litígios, quando o assunto não exige a intervenção do soba. Quer dizer: os macotas representam os juízes dos tribunais de 2ª instância.

T. quimb. Pl. de *dikota* (mais velho).

Maculos, s. m. pl. Espíritos de anciães. Antepassados.

Pl. híbr. do quimb. *dikûlu,* result. de *ukûlu* (tempo antigo).

Macunde (Vigna unguiculata (L.) Walp.), s. m. Erva anual.

Enciel. - Regionalmente, constitui o feijão-frade. Por isso, também é especificado com a designação de *feijão-macunde.*

As folhas, bem como as do feijão vulgar, são utilizadas na alimentação. As do macunde, no entanto, são mais apreciadas, em virtude da sua macieza.

T. quimb. Pl. de *dikunde.*

Mãe-de-umbanda, s. f. Qualificação que a quimbanda assume, quando tratando alguém ou dirigindo um ritual. Bras. Mãe-de-santo ou mãe-de-terreiro.

Representa um tratamento afectivo. Quer dizer: na subordinação do rito, o paciente contrai um laço moral para com o seu mentor. Portanto, quimbanda é o indivíduo físico, estranho a qualquer influência psíquica.

Adap. do quimb. *mâma-ia-umbanda.*

Mãe-de-viuvez, s. f. Qualificação que a quimbanda assume, ou mesmo qualquer viúva com os poderes sobrenaturais convenientes, quando celebrando um rito de viuvez.

Adap. do quimb. *mãma-ia-utûdi.*

Mafumeira (Ceibâ pentandra Gaertn.), s. f. Árvore de folha caduca na época da floração, atingindo 30 m de altura, ou mais. Bras. Sumaumeira.

Enciel. - Pela sua brandura, é o caule aproveitado, por escavação, para o fabrico de canoas, podendo as maiores atingir 10 m de comprimento. Do fruto, utiliza-se a penugem que reveste as sementes, para recheio de colchões e almofadas. *Sumaúma é* a designação da penugem.

Aport. do quimb. *mufuma,* result. de *kufumana* (ter fama). Alusão às embarcações.

Malunga, s. f. Espírito da simpatia. Entidade espiritual que, por afeição, propicia amparo. Foram indivíduos das raças branca e negra, sendo as malungas daquela procedência denominadas especialmente *Santos,* ou, mais precisamente, *Santos de Malunga.* Diferem dos Santos de Kazola por não actuarem em pessoa. Podem ser do sexo masculino ou feminino. Gostam de

se revelar isoladamente, em ambiente apropriado. Para tal, deve a criatura favorecida com a sua simpatia, possuir um santuário, ou, regionalmente, *dilombe*. Falam fanhosamente "com voz como que saída de cabaça", como popularmente se diz. Podem ser consultadas em adivinhação. Protegem os seus favoritos, beneficiando-os até com alimentos, tecidos e dinheiro. Mas suas observações devem ser acatadas. De contrário, acontecem azares.

T. quimb. Pl. de *dilunga*.

Mandioca, s. f. Raiz da mandioqueira, sob a forma de tubérculo.

Cozida, acompanha peixe frito ou assado. Com jinguba, quitaba, coco ou milho cozido, constitui merenda.

Crua, é pouco apreciada. Entretanto, para lactação, é dada assim às parturientes, ou com milho cozido, ou com coco.

T. bras.

Mandioqueira (Manihot esculenta Crantz), s. f. Arbusto geralmente de 2 m a 3 m de altura, raízes tuberosas alongadas e grossas; folhas de 8 cm a 12 cm de comprimento, 3 a 7 palmatilobadas, geralmente glabras de um verde mar no verso.

Enciclo. - Os tubérculos constituem nutritivo alimento das populações indígenas, quer ao natural (crus, cozidos ou assados), quer reduzidos a farinha, com fécula ou sem ela, conforme o processo do fabrico. E com a fécula, ordinariamente conhecida por *goma*, industria -se a tapioca, de largo consumo no mercado europeu. Com as folhas tenras e o grelos, depois de esmagados, cozidos e temperados com azeite de palma, prepara-se o esparregado angolano, denominado *quizaca* entre os povos de língua quimbundo.

De *mandioca*.

Massambala (Sorghum nigricans *var.* angolense *Snowden)*, s. f. Erva não rizomatosa, persistente. Sorgo. Milho-miúdo.

Enciclo. - Com este cereal, também se fabrica fuba. Segundo o povo,

as galinhas alimentadas com ele tornam-se mais poedeiras.

Fus. da expres. quimb. *masa-ma-mbâla* ou *masa-a-mbâla*. Quer dizer: milho de sorgo (em oposição a outras variedades de miliáceas).

Massango (Pennisetum robustum Stapf & Hubbard), s. m. Gramínea anual atingindo 3 m; grão oblongo-elipsóide ou obovóide, oblongo, subarredondado ou um pouco comprido pelo dorso, de 2 mm a 3 mm, cinzento, colocado entre a valva e a válvula.

T. quimb. de *kusangununka:* desmanchar-se. Alusão à rotura da cápsula.

Massuícas, s. f. pl. Conjunto de três pedras soltas servindo de trempe. Fogareiro regional de pedras. Bras. Itacurua. Tacuru. Tacurua. Tacuruba.

Tais trempes são ordinariamente alimentadas a lenha. Existem restrições quanto ao seu emprego, mas só extensivas ao uso da lenha.

Pl. híbr. do quimb. *disuika,* result. de *kusuika* (ser resistente). Alusão ao suportamento da vasílha.

Mateba (ê), s. f. Fibra da matebeira.

T. quimb. Pl. de *diteba,* result. de *kutebuka* (ficar menos ramoso). Alusão ao cerramento temporário das folhas.

Matebeira (Hyphaene luandensis Gossw.), s. 1. Rizomatosa, multicaule.

Encicl.- As suas folhas são utilizadas na indústria de vassouras, abanos, sacos, balaios, cordas, etc. A seiva, geralmente depois de fermentada, constitui uma apreciada bebida, denominada *maluvo*. O fruto, bastante aromático, também é saboreado.

De *mateba.*

Mato, s. m. Sertão; região afastada da costa. Selva. Pl. Localidades ou terras do interior. P. ext. Lugar cerrado, ou de capim alto, ou de árvores. Despovoado. Descampado. Vegetação bravia que cresce em semelhantes terrenos. Loc. *A corta - :* através de carreiros, evitando-se a estrada, a fim de se encurtar o caminho, ou, ainda, caminhando-se por sobre a própria

vegetação. *Ir ao -:* defecar num lugar afastado de casa (geralmente campo). *Ser - :* abundar; existir em grande quantidade.

F. quimb. de *matûmbu:* longes terras.

Mavitia Mbongo, l. s. m. Nome de uma entidade espiritual do Congo, pertencente à classe dos Kapitas.

T. reg.

Mazacos, s. m. pl. Mealheiros rituais. (V. *Dizaco.)*

Pl. híbr. do quimb. *dizaku.*

Mesa (ê), s. f. Banquete ritual. Loc. *Dar a -:* consagrar o festim ritual.

F port.

Mesa de diculundundo, l. s. f. Pequena elevação de terra de forma sepulcral, preparada para a efectuação de determinados rituais.

T. híbr. de port. e quimb.

Micunga, s. l. Avental ritual de franjas.

Em Luanda, anteriormente a 1900, este paramento só se compunha de filamentos de fibra de embondeiro, pendentes de uma corda do mesmo produto. Mas, a partir daquela data, certamente para possibilitar uma maior extensão ritualística, é constituído de fitas intercaladas da dita fibra e de pano-cru (encarnado e azul), cada uma da largura de dois dedos, mas pendentes de uma cinta de pano-cru.

No interior de Luanda, pelo menos nas áreas marginais do Cuanza, a intercalação é de fibra de embondeiro, pano-cru e também fibra de handa, ou, na sua falta, de mulemba. Usam-se simultaneamente duas micungas - uma à frente, outra atrás.

T. quimb. Pl. de *mukunga,* result. de *kukunga* (esfregar). Alusão ao besuntamento efectuado nos rituais em que se enverga o dito paramento.

Miondonas (ô), s. f. pl. Espíritos tutelares. (V. *Muondona.)*

Pl. híbr. de *muondona.*

Missanga, s. f. Bolinha ou canudinho de vidro, centralmente atravessado por um orifício, ordinariamente servindo de ornato.

Enfiadas numa linha ou cordão, possuem as missangas diversas aplicações, sobretudo para adorno do corpo. Embora esta prática tenha já decaído entre mulheres mais evoluídas, as mais miúdas ainda são usadas no enfeite dos tornozelos, e rodeando a cintura, directamente sobre o corpo, para segurar a fralda higiénica. Também figuram nos penteados femininos de numerosas tribos. Mas as maiores, especificamente funcionando de colares, ostentam-se ao peito e nos pulsos.

Conquanto também ao peito, o uso das missangas miúdas é consagrado ao culto de algumas entidades espirituais, numa observância de cores e combinações. Na época de seu predomínio, as missangas maiores qualificavam-se com denominações particulares, quase sempre de carácter irónico.

T. quimb. P1. de *mubanga,* result. de *ku-di-sanga* (unir-se). Alusão ao ajuntamento em fiada.

Missanga-de-maria-segunda, s. f. Missanga redonda e encarnada, mas branca a sua massa interior.

Usou-se em colares de ornato. modernamente, seu emprego só se restringe à umbanda, de mistura com outras.

F. port

Mubanga (Acacia welwitschii Oliv.), s. f. Árvore espinhosa, atingindo 12 m, raras vezes mais; tronco erecto e copa volumosa mas não dilatada; folhas geralmente caducas.

Encicl. - Ao contrário do que diz John Gossweiler em *Nomes Indígenas de Plantas de Angola,* o cerne dos troncos só é utilizado nas habitações indígenas, em reforço contra desabamento. E como lenha, é a mubanga muito apreciada. Os "espinhos de ponta vulnerante", a que o insigne botânico alude, não constituem obstáculo. Portanto, são eles cortados com machados ou catanas.

Quanto ao carvão, sobressai ele, realmente, aos demais, pela sua excelente qualidade. Em resultado de tudo isso, tornou-se a mubanga uma essência de fraca densidade florestal.

T. quimb. de *kubangama:* fazer oposição a. Alusão aos espinhos.

Mubilo (Adenia iobata L.), s. m. Trepadeira herbácea, vivaz, atingindo 12 m e mais.

Enciclo. - Possui propriedades medicinais. É muito usado em ritos destinados a modificar o carácter ou a ideia de alguém.

T. quimb. de *kubilula:* virar.

Mucasso, s. m. Risca profilática de pós especiais, quer na cabeça, quer na linha dos sobrolhos, quer na nuca, quer na cintura, com o fim de proteger contra um dano sobrenatural. (V. *Inongo.)*

T. quimb. de *kukasumuna:* desimpedir. Alusão à anulação do mal.

Múcua, s. f. Fruto do embondeiro.

As sementes, de propriedades laxativas, são envolvidas por uma massa branca, feculenta, estando contidas num invólucro duro, comprido e ovóide. Embora secas, usam-se em refrigerante, bem agradável ao paladar. Com a farinha, também se prepara quifufutila e matete.

Segundo o povo, não se deve chupar muita múcua, senão as bochechas ficam empapuçadas. Assim, quando alguém possui as faces volumosas, comenta em seus característicos desdéns: "Olha para as bochechas dele, estão empapuçadas como as do chupador de múcua!" E o casco, pela sua boa concavidade, é aproveitado como recipiente para dicossos, bem como pás para a torragem da farinha de mandioca, e em certas emergências campestres, até pratos para iguarias.

T. quimb. de *kukuua:* evacuar. Alusão ao efeito laxativo.

Muculo, s. m. Alma que espontaneamente se manifesta em possessão. A sua actuação pode efectuar-se, ou logo que se liberte da matéria, ou

após um curto espaço de tempo. Mesmo um ou dois anos. Ao contrário das demais entidades espirituais, não precisa de ser convocado em dissaquela. Vem espontaneamente, movido por um desejo: ou para revelar um segredo; ou para legar o seu saber e a sua corte de espíritos (tratando-se de quimbanda), e somente a corte de espíritos (tratando-se de xinguilador); ou, ainda, a sua acção (tratando-se de uma criatura vulgar).

T. quimb. de *ku-di-kula:* desobrigar-se. Alusão à prescindência dos recursos evocatórios.

Muene-Kongo *(ênê)*, s. f. Espírito feminino que, por infundamento ou quebra volúvel de protestos, administra a justiça. Entidade espiritual dos protestos.

Foi rainha do Congo e tia do espírito Hônji. Chama-se D. Maria Kumeketa kua Mâji maNgûba (D. Maria Reluzente de Óleo de Jinguba). É única e actua pelo ramo materno. Sua punição manifesta-se através do tétano.

T. quimb.

Muhamba, s. f. Artefacto para condução de mercadorias. Grade de cana de bambu. Cesto de hastes de palmeira.

Este utensílo é interiormente revestido de folhagem de bananeira. Constitui o receptáculo da preferência das populações sertanejas masculinas, quando em deslocação, quer das lavras com a recolha para casa, quer da casa com a permuta para a loja de comércio. Ao inverso das mulheres, que transportam à cabeça ou às costas, respectivamente as suas quindas e quicumbas, os varões carregam as suas muhambas aos ombros, amparando-as à frente com a mão, que segura o vértice de duas hastes, presas obliquamente a todo o fundo do recipiente, e com a outra, segurando uma vara, assente no ombro contrário, sobre a qual se firma o outro extremo da muhamba.

T. quimb. de *kukambana:* estar sobreposto. Alusão às hastes inferiores de segurança.

Muhanda*, s. f. Grande árvore do género Ficus, muito parecida com a mulemba.

Encicl. - A fibra da entrecasca aplica-se na confecção de certos paramentos rituais. E quando se extrai a casca, oblata-se primeiro com uma moeda, que se atira para o chão, a sereia existente nessa área. Mas proferindo-se uma súplica.

Dada a semelhança com a mulemba, supre esta árvore o seu emprego em umbanda. "Na falta de handa, a mulemba toma o seu nome." - Pondera uma sentença popular.

T. quimb.

Muhefo (é ou **ê)**, (Piper guineense Schumach.), s. m. Planta vivaz com caule semilenhoso até 3 cm de grossura, sarmentoso e muito ramificado, segurando-se nos troncos das árvores, pelas numerosas raízes curtas, adventícias; fruto globoso, mucronado, de 4 mm de grossura com um pedicelo de 6 mm de comprimento, de cor vermelha na maturação.

Encicl. - Portuguesmente, esta planta é designada por *cubebeira. Hefo* é o nome do fruto.

T. quimb.

Muhengue, s. m. Coroa de xinguilador. Paramento de médium.

É constituído de um aro de pele dorsal de palanca, pacassa ou sefo, rematado em ponta alongada. Aos lados e atrás, prendem-se verticalmente três pedaços dos extremos das caudas dos referidos antílopes. A saliência da tira funciona de pega. O paramento é usado em possessão de Mutakalombo.

T. quimb.

Muíji, s. m. Geração. Família.

T. quimb. de *kuijila*: proceder.

Muisso, s. m. Pilão (não em sent. reg). Mão de gral. Pau para pilar. Bras. Induá-mena.

T. quimb. de *kusula*: malhar.

Mukita a Suku (Suco), l. s. f. Espírito de mulher nova da Quissama. Entidade espiritual feminina da demência. (V. *Kûku Mukita a Suku.)*

Caracteriza-se por uma tontura em quem deseja fazer seu instrumento de mediunidade, ficando a paciente a abanar a cabeça.

T. quimb.

Múkua-mbâmba (cuambâ), s. m. e f. Fiscal dos feiticeiros. O mesmo que *homem-do-chicote* e *mulher-do-chicote.*

T. quimb.

Múkua-Kituxi (Quitúxi), s. m. Alma de vítima de crime.

Esta entidade, em vida, foi vitimada, ou por assassínio, ou por enfeitiçamento, por um antepassado do xinguilador. Difere do Nzûmbi ia Ngana, simplesmente pelo tempo decorrido após o crime: numa época mais distante, o Múkua-Kituxi; e mais recentemente, o Nzûmbi ia Ngana.

Em possessão, surge dorido, patenteando o modo como morreu - coxo, manco, com tosse, etc. Não tanto como o Nzûmbi ia Ngana, mostra-se, na primeira possessão, terrível, ameaçador. Mas, indemnizado de seus danos, isto é, de quanto levava na ocasião do crime - vestuário, amuletos, mercadoria - integra-se na família, passando a assumir a sua tutela, participando-lhe depois os tutelados, para efeito de sua permissão, os actos concernentes a tratamentos rituais.

Afora a diferença já enunciada, a denominação de Múkua-Kituxi é mais usual em Luanda, ao passo que a de Nzûmbi ia Ngana o é no interior, sobretudo na região do Cuanza.

T. quimb.

Mulemba (Ficus Welwitschii Warb.), s. f. Árvore de seiva leitosa atingindo 25 m: copa volumosa, hemisférica, muito ramificada.

Enciclo. - Em umbanda, os galhos utilizam-se como hissope do dicosso.

T. quimb. de *kulemba:* escurecer. Alusão à densidade da sombra.

Mulembuiji (Gynura scandens Q. Hoffm.), s. m. Planta vivaz, carnuda: caules prostados ou ascendentes, persistentes, por vezes gregários, de 1 m e mais de comprimento; folhas suculentas, dum cheiro desagradável; flores cor de laranja.

Encícl. - Esta planta é muito utilizada em umbanda, sobretudo nos rituais consagrados a gémeos. Representa, juntamente com a mussêquenha, com que muito se assemelha, a sua roupa sagrada.

Na terapêutica regional, emprega-se em clisteres a crianças, para a segregação de espinhas, como diz o vulgo, e cuja formação se atribui ao facto de a mulher, em estado de gravidez, comer frequentemente cabeças de peixe. Para a medicamentação, desfazem-se em água algumas folhas, que depois se coa e amorna.

T. quimb. de *kulembuesa:* evitar. Alusão ao adoecimento dos gémeos, ocasionado por falta dessa e outra ramagem, nos rituais que lhes dizem respeito.

Mulher-de-calundu, s. f. Médium. Xinguilador(a). O mesmo que *mulher-de-escravidão.* Esta qualificação abrange qualquer dos sexos.

Adap. do quimb. *mukâji-ua-kilundu.*

Mulher-de-escravidão, s. f. Médium. Xinguilador(a). O mesmo que *mulher-de-calundu.* Esta qualificação abrange qualquer dos sexos.

Adap. do quimb. *mukâji-ua-ubika.*

Mulher-do-chicote, s. f. Fiscal dos feiticeiros. (V. *Homem-do-chicote.)*

Adap. do quimb. *mukua-mbâmba.*

Mulôji, s. m. e f. Indivíduo que só se dedica à prática do mal. Feiticeiro. Bruxo. Bras. Cumba. Na iniciação, para aguçamento do sortilégio, terá que enfeitiçar um parente íntimo (como pai, mãe, o primeiro filho), qualificando-se a vítima de *pito.* "O feiticeiro começa em sua própria casa." - Diz um adágio angolano.

T. quimb. de *kuloua:* enfeitiçar.

Mundele (ê), s. m. e 1. Indivíduo de raça branca. P. ext. Indivíduo civilizado de cor. Todo aquele que, qualquer que seja a cor de sua epiderme, se traja à europeia. Pl. híbr.: mindeles.

T. quimb. de *mu,* abrev. de *múkua* (relativo *a) + ndele* (alma). Alusão à inicial ideia, aquando do primeiro encontro com os primeiros homens dessa raça.

Muondona *(õ),* s. f. Espírito tutelar. Pl. híbr.: miondonas.

A muondona nasce connosco e transmite-se pela via paterna. Contudo, outras há que, vivendo fora de nós, também interferem na nossa gestação e bem-estar.

Possui cada um de nós a sua muondona. Tal como a alma, que se fixa no corpo, também o mesmo sucede à muondona. Mas por desprendimento de uma partícula da muondona do pai. Portanto, alma e muondona coexistem no mesmo indivíduo.

Constitui a muondona o nosso anjo-da-guarda. Por isso, jamais desampara a alma, sempre a assistindo com sua vigilância e ardor. Nas digressões que a alma efectua em sonho, a muondona não deixa de a acompanhar.

Defende-nos do mal, chegando mesmo a lutar com almas ofensivamente movidas por feiticeiro, por ela recusar suas aliciantes ofertas de alimentos. Em vista desse risco, quando sentimos pertinaz desejo de comer qualquer iguaria, devemos satisfazer o apetite, pois é a muondona que no-la pede, em consequência do assédio do feiticeiro com suas tentações. E a voz íntima que, por vezes, ouvimos dentro de nós, mais não é que um aviso seu, ordinariamente nos inquietando contra a prática de determinado desejo.

Dada a sua natureza espiritual, a muondona, após a morte, liberta-se da matéria, logo a seguir à alma.

T. quimb. de *kukondona:* limpar. Alusão à protecção do mal.

Musseque (é ou ê), s. m. Terreno arenoso, mas agricultável, situado fora da orla marítima, em planície de altitude. P. ext. Quinta, xítaca (estabelecidas nesse local). Pl. Fig. Aldeolas. Confins. Berças. Bras. Chácara.

T. quimb. de *mu* (onde) + seke (areia).

Mussêquenha ou **Mussequenha***, s. f. Planta vivaz, de caules prostrados ou ascendentes.

Encicl. - Possui larga aplicação em umbanda, designadamente nos rituais consagrados a gémeos. Representa, juntamente com o mulembuiji, com que muito se assemelha, a sua roupa sagrada.

Terapeuticamente, emprega-se na cura de: conjuntivite, ou, popularmente, doença de olhos, pelo que se banham os mesmos, duas ou três vezes ao dia, com água, coada, em que se desfizeram algumas folhas; prisão de ventre e cólicas, pelo que se aplica um clister de idêntico preparado, apenas amornado; sarna e comichão, pelo que se fricciona, nas partes afectadas, com folhas molhadas em água. E no uso doméstico, para o branqueamento da roupa, lava-se com a folha.

Mas todas essas aplicações, em consequência das inovações europeias, estão decaindo estrondosamente. Portanto, já pouco se adoptando. E com isso, outras coisas mais.

T. quimb. de *kuseka* (conspirar) + kukenya (desdenhar). Alusão aos maus sentimentos que os gémeos, durante a gestação, ordinariamente nutrem pelos pais. Assim, para anular tal aversão, se emprega a dita planta.

Mussesse (ê), s. m. Joeira ritual de cauda de antílope. Bras. Ixã. Pl. hibr.: missesses. Conforme a zona de influência do animal, pode ser de palanca, de gnu, ou, mesmo, de uma outra congénere. Serve para o quimbanda, quando em operação divinatória, desobstruir, com sua agitação no ar, qualquer embaraço sobrenatural. Em determinadas possessões, também é utilizado por xinguiladoras, outrossim ocorrendo em danças rituais de algumas etnias.

T. quimb. de *kusesela:* joeirar por. Alusão ao referido efeito.

Musunda Nganga (Mussundanganga), 1. s. f. Espírito feminino de procedência conguesa. Entidade espiritual da pacificação.

Em possessão, estira-se no chão, contorcendo-se e gemendo. Sua função consiste em restituir a saúde e a paz, para o que besunta o corpo do paciente com terra molhada. Para o efeito, verte-se água junto da entidade, esfregando ela aí as mãos.

T. reg.

Mutakalombo, s. m. Espírito que superintende na esfera dos animais aquáticos. Entidade espiritual da fauna aquática.

Foi cónego. Saiu de Portugal e andou por muitas localidades. Morreu velho - razão por que assim é invocado nos seus cânticos. Finou-se num montículo de salalé, num musseque das imediações de Luanda. É único com esse nome, passado a adoptar nas actuações. Seu cão é o jacaré, de que se serve para punir uma falta grave.

T. quimb.

Mutanjinji, s. f. Espírito feminino que superintende na esfera dos animais terrestres. Entidade espiritual da fauna terrestre.

T. quimb.

Muxacato, s. m. Instrumento de adivinhação material.

Compõe-se de um pedaço de aduela de uns 20 cm de comprimento, com um sulco longitudinal ao centro, onde, por atrito, se faz correr, em toda a extensão, um pauzinho denominado *filho.* Em rigor, a aduela é aproveitada das ancoretas que se quebram em determinados rituais. Entretanto, também se pode empregar diferente qualidade de madeira.

T. quimb. de *kuxakata:* arrastar os pés. Alusão ao friccionamento.

Muxoxar (ô), v. intr. Dar muxoxo. Manifestar desprezo através de muxoxos.

De *muxóxo*.

Muxoxo (ô), s. m. Chio de boca manifestando desprezo, produzido por compressão do ar nas bochechas. Xoxo. Bras. Tunco.

T. quimb. de *kuxoxa:* escarnecer.

Muzambo, s. m. Adivinhação de ocultista.

T. quimb. de *kuzambula:* adivinhar.

Muzua, s. f. Armadilha de pesca. Nassa. O mesmo que *sesse*. Pl. híbr.: mizuas. É de formato cónico, constituída de maravalhas de bordão ou de palmeira.

Deturp. do quimb. *muzuua,* result. de *kuzuua* (escorrer). Alusão à penetração do pescado.

N

Nâmbua, s. f. Magia denunciadora da infidelidade das consortes de caçadores e pescadores. Fica enterrada no chão, junto à porta de entrada. Em caso de perfídia, ela, dias após, derrama sangue pelo sexo, podendo morrer se não confessar o delito. Se a mulher, por efeito de viuvez, novamente pretender consorciar-se, deverá submeter-se a um tratamento ritual, para anular a acção do sortilégio *(kusenga o nâmbua,* como se diz em quimbundo).

T. quimb.

Nongonar (gô), v. tr. Despojar (a pessoa viva ou morta) pêlos, unhas, partes do vestuário e grãos de areia do lugar em que se pisou ou se cuspiu, para fins de magia defensiva ou ofensiva. Obter, para efeito ritual, indícios do que intimamente pertence ou pertenceu a alguém.

Aport. do quimb. *kunongona.*

O

Óbito, s. m. Falecimento, casa onde se realiza um funeral, bem como os subsequentes rituais.

Adap. do quimb. *tambi.*

P

Pacassa, s. f. Bovídeo selvagem. Espécie de búfalo.

Este animal possui chifres curtos e grossos, em curvatura para trás, tornando-se paralelos nas extremidades. Existem duas espécies: *pacassa preta* (Syncerus caffer) e *pacassa vermelha* (Syncerus nanus).

T. multirreg. Vernács.: *pakasa* e *mpakasa.*

Pai-de-umbanda, s. m. Qualificação que o quimbanda assume, quando tratando alguém ou dirigindo um ritual. Bras. Pai-de-santo ou pai-de-terreiro.

Representa um tratamento afectivo. Quer dizer: na subordinação do acto, o paciente contrai um laço moral para com o seu mentor. Portanto, quimbanda é o indivíduo físico, estranho a qualquer influência psíquica.

Adap. do quimb. *tâta-ia-umbanda.*

Pai-de-viuvez, s. m. Qualificação que o quimbanda assume, ou mesmo qualquer viúvo com os poderes sobrenaturais convenientes, quando celebrando um rito de viuvez.

Adap. do quimb. *tâta-ia-utûdi.*

Palanca, s. f. Antílope da corpulência de um cavalo, com chifres compridos, em curvatura para trás, medindo cerca de l m, sendo a cauda curta.

Existem duas espécies: *palanca preta do Sudeste* (Hippotragus niger niger - só machos), e *palanca vermelha* ou *palanca vulgar* (Hippotragus equinus

- só machos). Da palanca preta, reparte-se uma subespécie: a *palanca preta gigante* (Hippotragus niger variani).

Deturp. do quimb. *palanca*.

Panela-dos-calundus, *s. f.* Panela de barro simbolicamente ornamentada e recheada com diversos produtos, usada no ritual de evocação de espíritos.

Assenta sobre um pau triforcado, espetado no chão. Em precisão vocabular, exprime: *panela-dos-espíritos*.

Adap. do quimb. *imbia-ia-ilundu*.

Panela-dos-maculos, s. f. Panela de barro simbolicamente ornamentada e recheada com diversos produtos, usada no ritual de evocação de espíritos de antepassados.

Em precisão vocabular, exprime: *panela-dos-antepassados*.

Adap. do quimb. *imbia-ia-makûlu*.

Patacanha, s. f. Duplo anel de cordas unidas opostamente em dois pontos. P. ext. Cordão de folhagem especial.

Usa-se a tiracolo. É feita de fibra de embondeiro ou de mabela. Se o paramento é consagrado a espíritos, é besuntado, de quando em quando, com uma mistura de serradura de tacula e azeite de palma, pelo que apresenta uma cor encarniçada. Mas se constitui objecto de luto, é tingido de preto, formando, juntamente com a corda sacramental *(mukôlo ua kinganga)* e a domba, a tríade denominada *cordas-da-morte (mikôlo-ia-kalunga)*. A patacanha de folhagem destina-se a ritos de gémeos.

T. quimb. de *kutakana*: estabelecer contacto. Alusão à junção.

Pedir a dua, l. v. Pedir (o ocultista), por meio de rito apropriado, que o cadáver de médium que, na iniciação, sorveu o sangue dos sacrifícios, segregue um pouco de sangue pelo nariz, simbolicamente restituindo o ingerido.

Para tal, outros médiuns, em colaboração simultânea, sofrem várias induções.

Adap. do quimb. *kubinga o ndua.*

Pedra, s. f. Grupo de espíritos subordinados a determinada entidade, por cujo nome se designa a classe. Bras. Falange.

Cada espírito, ou, regionalmente, calundu, possui o seu nome. Mas esse mesmo nome não respeita somente a um, mas a uma multidão. Conquanto uma pedra disponha de um número limitado de entidades cam o seu nome particular, abrange, em decorrência dessa multiplicidade, uma infinidade de espíritos. Singularmente correspondendo ao nome, poucas são as entidades.

Adap. do quimb. *ditadi.*

Pedro Mazârti *(Mazârti),*1. s. m. Espírito de antigo fidalgo do Congo. Entidade espiritual da classe dos Kapitas.

Vulgarmente, é designado por *Petelu.* Foi marido de Muene-Kongo.

Pela (é ou **ê),** s. f. Povoação residencial do soba. Moradia do soba. Palácio régio gentílico. Embala. Banza.

T. quimb., us. na Quissama.

Pelo (ê), s. m. Reagente da possessão. Prova da mediunidade.

Varia conforme a entidade actuante.

T. quimb. de *Kubelula:* fazer guinar. Alusão ao efeito comprovativo.

Pemba, s. f. Calcário margoso. Caulim. Espécie de gesso. Variedade de caracterizador ritual. O mesmo que *xiquela,* em linguagem de formação umbundo.

Possui largo emprego em umbanda e destina-se a atrair a graça divina. Juntamente com o ucusso ou outros pós específicos, serve para as caracterizações que obrigatoriamente se executam nos lugares concernentes à liturgia, a fim de se *abrirem os caminhos,* ou seja, para destruírem qualquer malefício. No traçado da cruz, figura na constituição da linha vertical.

T. quimb. de *kubembula:* apartar. Alusão à referida eliminação.

Pemba-de-ngola-kiluanji-kia-samba(pemba-degola-quiluânji-quia--samba), s. f. Designação da cinza, quando aplicada em umbanda. A cinza, ritualmente funcionando como pemba.

Adap. do quimb. *pemba-ia-ngola-kiluanji-kia-samba.*

Pembele (bê), s. m. Invocação aos espíritos ou almas dos extintos, bem ainda aos mestres vivos, proferida no início de um trabalho ou negócio, a fim de se obter bom êxito. Súplica. Graça. Felicitação. Congratulação. Loc. *Pedir os - s:* rogar a protecção sobrenatural.

T. quimb. tv. de *pemba ia ndele* (pemba de alma).

Alusão ao poder sobrenatural.

Pepe (é ou ê), s. m. Fruto do mupepe.

A semente, do tamanho de feijoca, possui propriedades medicinais. De entre outros males, emprega-se no debelamento de cólicas e belidas. Em cólicas, mastiga-se um ou dois grãos, apenas se ingerindo o suco. E em beidas, aplica-se como defumadouro. Contudo, o seu óleo, extraído sob a forma de muamba - água oleosa específica - também se utiliza na condimentação culinária.

T. quimb.

Petelu *(Pêtêlo),* s. m. *Relig.* Designação abreviada da entidade espiritual Pedro Mazârti, cuja existência decorreu no antigo reino do Congo.

Aquimb. do port. *Pedro.*

Pilão, s. m. Almofariz de madeira rija, feito de caule escavado. O gral, e não a mão. Quino (em designativo quimbundo). Bras. Induá. Unguá.

Há-os de diversos tamanhos, desde os pequeninos, sobretudo para a trituração de drogas medicamentosas, e os médios e grandes, para o descasque e farinação de cereais (como o milho, a massambala, o massango, etc.). Tal como no Brasil, onde designação e funções se identificam, constituem os pilões os moinhos populares.

São as mulheres que executam a tarefa dos pilões. Entre as camadas rurais, quando o labor exige maior esforço, duas mulheres socam alternadamente no mesmo pilão, numa cadência de batidas. Mas entoando cantigas adequadas.

T. port.

Pilão-de-muene-kongo, s. m. Pilão simbolicamente ornamentado e recheado com diversos produtos, usado no ritual de anulação de protestos. O mesmo que *pilão-dos-protestos.*

Adap. do quimb. *kinu-kia-muene-kongo.*

Pilão-dos-protestos, s. m. Pilão simbolicamente ornamentado e recheado com diversos produtos, usado no ritual de anulação de protestos. O mesmo que *pilão-de-muene-kongo.*

Adap. do quimb. *kinu-kia-umboko.*

Pito, s. m. Primeira vítima de um feiticeiro, efectuada na pessoa de um parente próximo (como pai, mãe, o primeiro filho), a fim de refinar o seu poder mágico.

Se o malefício se destina a provocar a morte, é por enfeitiçamento de morte que obtém tal vítima. Mas se o malefício for para dominar no amor, é pelo incesto que deverá iniciar-se.

T. quimb. de *kubitula:* levar consigo na passagem por um lugar. Alusão à obrigatoriedade do dano.

Pôr as conversas no chão, 1. v. Expor minuciosamente um assunto, para averiguação da verdade. Relatar as circunstâncias em que decorreu um episódio, para apuramento de responsabilidades.

Adap. do quimb. *kuta mâka boxi.*

Prato-das-almas, s. m. Prato contendo diversos produtos, usado no ritual de evocação de almas.

Adap. do quimb. *dilonga-dia nzûmbi* ou *ndele.*

Prato-de-muene-kongo, s. m. Prato de conteúdo lustral, usado no ritual de anulação de protestos. Depois de assinalado com uma cruz a pemba e ucusso, contém água, vinho, quitoto-e-maluvo e laços de mateba.

Adap. do quimb. *dilonga-dia-muene-kongo.*

Q

Quarto de cuozar (o), l. s. m. Quarto de clausura ritual. Camarinha de propiciação. O mesmo que *quarto do "kuoza".*

Num quarto vulgar, apenas interdito condicionalmente, permanecerá a paciente, durante oito dias, em manipulação de bolinhas de serradura de tacula, de quicongo e de quissécua, especificamente denominadas *filhos-dos-calundus.* Para tal, friccionará, num tijolo ou pedra, um pedaço de cada uma das referidas madeiras. O sacrifício e as bolinhas visam a reverenciar os espíritos.

Em precisão vocabular, exprime: *quarto de ralar.*

Adap. do quimb. *inzo ia kuoza.*

Quarto do "kuoza" (o), l. s. m. Forma popular de *quarto de cuozar.*

Adap. do quimb. *inzo ia kuoza.*

Quebrar o calundu, l. v. Iniciar alguém no exercício da possessão de calundus. Aptificar, através de ritual adequado, na prática da mediunidade. Exercitar como xinguilador.

Adap. do quimb. *kubûla o kilundu.*

Quiabeiro (Hibiscus esculentus *L.),* s. m. Erva anual, erecta, de 1,5 m de altura.

Encicl. - As folhas e frutos são muitos utilizados na culinária angolana.

De *quiabo.*

Quiabo, s. m. Fruto do quiabeiro. Nafé.

É de forma de uma cápsula cónica, verde, peluda, interiormente de

consistência viscosa. Possui larga aplicação na culinária angolana, especialmente quimbundo. Constitui um alimento, ou, antes, condimento, de propriedades peitorais.

F. quimb. de *kuuabesa:* tornar bom. Alusão ao sabor culinário.

Quianda, s. f. Entidade sobrenatural das águas. Sereia. P. ext. Criatura fisicamente anormal. Bras. Iemanjá.

As quiandas vivem na água, quer no mar, quer em rio, quer em lagoa, mesmo em qualquer sítio onde haja pequena porção de água permanente, podendo mostrar-se sob qualquer aspecto - pessoa, peixe, coisa. Em forma humana, podem apresentar-se como indivíduos do sexo masculino ou feminino, em diversificação das raças existentes.

As aparições das quiandas representam bom ou mau indício. Por efeito de simpatia, influem na gestação, originando indivíduos anormais, como os deformados fisicamente. A influência da quianda, entretanto, também pode ser exercida após o nascimento, pelo que motiva perturbações na saúde da criança. O mal, verificado por adivinhação, sana-se com uma oblata à sereia, realizando-se o festim, não em qualquer local, mas no previsto divinatoriamente.

T. quimb. de *kuanda:* sonhar. Alusão ao modo de sua revelação.

Quibando, s. m. Espécie de bandeja de mateba, rasa ou com um pequeno rebordo. Loc. *Pôr o -* : efectuar, em lugares movimentados, um peditório para remuneração de ocultista que trata de assunto grave de interesse geral. *Passar o -* : percurso, na via pública, das pessoas que angariam tais fundos.

O quibando raso, usual no interior de Luanda, emprega-se através de impulso giratório para os lados, ou vibratório para cima, na penetração e limpeza de cereais, bem como na secagem de produtos vários. E o recurvado, adoptado em Luanda, utiliza-se como depósito de géneros, também alimentares.

T. quimb. de *kubandulula:* socorrer. Alusão ao préstimo.

Quicongo (Tarchouanthus camphoratus L.), s. m. Arbusto densamente ramificado desde a base, atingindo 4 m a 6 m. A sua madeira densa, de cor cinzenta, aproveitada no fabrico de objectos gentílicos, é bastante resistente e pouco alterável quando exposta ao tempo. É, além disso, aromática, tendo um cheiro pronunciado a cânfora, sendo o seu pó encontrado nos mercados indígenas e medicinalmente empregado.

Encicl. - Em umbanda, a sua serradura, bem como a de tacula e de quissécua, obtida por friccionamento numa pedra ou tijolo, pelo que se vai ministrando uma pinguinha de água, emprega-se, mas separadamente, quer na manipulação de bolinhas, denominadas *filhos-dos-calundus*, quer no besuntamento do corpo e roupas, com o objectivo de se reverenciarem os espíritos - ritual este observado em clausura, assumindo então o quarto a qualificação de *quarto de cuozar*, ou, popularmente, *quarto do "kuoza"*.

T. quimb. e nhan.

Quicuanga, s. f. Espécie de queijo de mandioca, *Bras.* Beiju.

Acompanha peixe frito ou assado. Com jinguba torrada ou mel, constitui merenda.

T. quimb. de *kuangala:* ficar baço. Alusão à cor que toma.

Quifufutila, s. f. Moedura de farinha de mandioca, jinguba, açúcar e canela. *Bras.* Fufu (us. no masc., em Ilhéus). Paçoca (Amazónia).

Constitui petisqueira, sendo uma das mais delicadas guloseimas regionais. Sua cor e sabor semelham os da farinha Nestlé.

T. quimb. de *kufufutila:* reduzir a pó.

Quijila, s. f. Regime. Dieta. Abstinência. Privação da prática de certos actos. Proibição de iguarias ou práticas (imposta pela religião, tradição ou lei consuetudinária). Aversão. Asco.

T. quimb. de *kujila:* guardar abstinência.

Quijinga, s. f. Barrete honorífico de soba. Coroa gentílica. P. ext. Barrete ritual.

O distintivo de soberania é feito de mabela ou fio de pesca, simbolicamente guarnecido, como manifestação de poderio espiritual e temporal, de: à frente, atrás, lados e topo, quatro jimbambas em cruz, em cada lugar; aplicadas a esses buziozinhos, igualmente dispostas em cruz, crinas de elefante; e nos intervalos desses conjuntos, em idêntica disposição, dentes e unhas de possantes feras, como o leão, a onça, bem como penas e esporões de grandes aves, como a águia, o corujão. E o distintivo ritual, apenas guarnecido de jimbambas, para uso em determinadas enfermidades.

T. quimb. de *kujinga:* glorificar. Alusão ao simbolismo dos acessórios.

Quilamba, s. m. e f. Intérprete das sereias. Sacerdote do culto de tais entidades. Procedente de quituta, nasce fadado a comunicar-se com semelhantes seres. Possui o privilégio de tratar todos os males ocasionados por eles, como: doenças, cóleras do mar, estiagens, infestações de feras. Em caso de cólera, obtém a calmaria: de estiagem, a chuva; de infestação, a expulsão.

A predestinação carateriza-se por uma anomalia: ou uma depressão no alto da cabeça, ou um recurvamento dos pés, ou uma inacção das mãos. O que, no entanto, não apresentando nenhuma dessas características, revela-se através de renitente enfermidade. Por adivinhação de quimbanda, aclara-se então o mistério.

T. quimb. de *kulambula:* besuntar. Alusão ao besuntamento de lama que pratica no paciente.

Quilau, s. m. Incesto. União sexual entre parentes próximos.

T. quimb. de *kulauka:* lançar-se em desgraça.

Quilulo, s. m. Alma-penada. Alma que, por expiação de culpas, vagueia pelo mundo.

T. quimb. de *kululuta:* vaguear.

Quimbanda, s. m. e f. Curandeiro-adivinho. Necromante. Exorcista. Mago. P. ext. Médico. Benzedeiro. Todo aquele que busca a anunciação e interpretação dos factos, através dos mais variados processos.

O quimbanda trata as enfermidades, diagnosticando por adivinhação; debela os azares; restabelece a harmonia conjugal ou provoca a inimizade; concede poderes para o domínio no amor ou para a anulação de demandas. Embora não seja esse o seu verdadeiro mister, também pode causar a morte.

Nas matas ou campos, aonde vai em busca de plantas medicinais, oferenda, antes da colheita, à região e ao solo, isto é, aos seres sobrenaturais que habitam esses lugares, ou uma moeda, ou vinho, ou quitoto-e-maluvo, dizendo: "Antepassados, tributei-vos, vim desvendar remédios." Se não reverenciar essas entidades, ou não vê o que procura, ainda que abertamente exposto, ou o produto se lhe torna ineficaz.

T. quimb. de *kubânda:* desvendar.

Quimbandismo, s. m. Ciência de quimbanda. Exercício dessa profissão.

De *quimbanda.*

Quimbundo, s. m. Membro do grupo étnico dos Quimbundos, disseminados, na quase totalidade, ao norte do rio Cuanza. Língua falada nes- sa região. P. ext. Qualquer língua africana. Pl. Povos bantos, demograficamente constituindo o 2º agrupamento angolano, compreendendo 21 tribos principais. Adj. unif. Relativo a esse grupo. Loc. De - : regional.

T. reg.

Quimbundomente, *adv.* Conforme a língua quimbundo. À maneira do povo quimbundo.

De *quimbundo.*

Quinda, s. f. Espécie de cesta. Cesta regional angolana.

T. quimb. de *kuinda:* manufacturar em espiral.

Quinjita, s. f. Torcida de retalhos de baeta encarnada e azul, de pano-cru e de fios de mabela, enodada com nove nós.

Usa-se, em jeito de pulseira, no pulso esquerdo e tornozelo direito, e por acanhamento, presa a uma peça de roupa interior. Destina-se, por morte de marido ou pais, a impedir graves perturbações.

T. quimb. de *ki* (grandeza) + *njita* (cordão ritual).

Quissama, s. m. e f. Natural da Quissama, ao norte do rio Cuanza. s. m. Dialecto falado nessa região. Pl. População dessa área, pertencente ao grupo étnico dos Quimbundos. Adj. unif! Relativo a essa população.

T. reg.

Quissécua ou **Quissêcua** (Millettia aromatica *Dunn),* s. f. Arbusto ou árvore que habita a floresta cafeeira do Cuanza-Norte.

Encicl. - Sua madeira, resistente e aromática, possui propriedades medicinais, quer em debelamento de dores de cabeça, quer de afecções pulmonares. Para o efeito, fricciona-se um taco numa pedra ou tijolo, pelo que se vai ministrando uma pinguinha de água. Em dores de cabeça, esfrega-se a raladura na testa, fontes, pavilhão auricular e fossas nasais. E em afecções pulmonares, toma-se em beberagem. Tratando-se de crianças de colo, ministra-se o pó ao leite materno.

Em umbanda, a sua serradura, bem como a de tacula e de quicongo, emprega-se, mas separadamente, quer na manipulação de bolinhas, denominadas *filhos-dos-calundus,* quer no besuntamento do corpo e roupas, com o objectivo de se reverenciarem os espíritos - ritual este observado em clausura, assumindo então o quarto a qualificação de *quarto de cuazar,* ou, popularmente, *quarto do "kuoza".*

T. quimb. de *kusêka:* ralar. Alusão ao processo de aplicação.

Quitaba, s. f. Massa, ou pasta, de jinguba ou gergelim. Irón. Sujidade acastanhada dos dentes, proveniente da falta de higiene.

Come-se desfeita em farinha com açúcar, com batata-doce, mandioca - ambos os tubérculos cozidos ou assados - quicuanga, bombó, pão. Constitui petisqueira de merenda.

T. quimb. de *kutaba:* estar peganhento como o lodo. Alusão ao estado do amendoim ou do gergelim, por efeito da trituração.

Quitanda, s. f. Mercado. Feira. Praça. Posto de venda de géneros frescos. Pequena loja ou barraca de negócio. O que, em maleta, tabuleiro, quinda, se vende pelas ruas. Loc. *Fazer - :* negociar em determinado local.

T. quimb. de *kutanda:* ir para longe. Alusão à deslocação.

Quitande, s. m. Guisado de puré de feijão.

Pode ser temperado com azeite de palma ou banha. Ordinariamente, come-se com fúnji de milho. No entanto, também se faz acompanhar de farinha de mandioca, quicuanga, bombó, mandioca cozida, batata-doce cozida ou assada.

T. quimb. de *kutandula:* rasgar. Alusão ao descascamento.

Quitandeiro, s. m. O que vende na quitanda. Pequeno negociante. Vendedor ambulante. De *quitanda.*

Quitoto (ô), s. m. Variedade de cerveja de milho.

O quitoto constitui a bebida típica das populações de Luanda. Acompanha, de manhã, o tradicional reconstituinte de cola e gengibre. No beberete das missas de sufrágio, toma lugar de honra de entre os vários vinhos europeus - vinho-abafado, branco e do Porto.

T. quimb. de *kutotoka:* ficar fragmentado. Alusão ao processo de aplicação do milho.

Quitoto-e-maluvo, s. m. Resíduos de bebida fermentada de milho. São eles utilizados na preparação de dicossos.

Adap. do quimb. *kitoto-ni-maluvu.*

Quituta, s. f. Génio. Ninfa. Ser espiritual terrestre.

As quitutas vivem em toda a parte, como: matas, rios, cacimbas, montes, rochas. Encarnam, ou por simpatia, ou por reabilitação, e podem provir da via paterna ou materna: da paterna, quando o pai, em suas deambulações, trouxe consigo um desses seres; e da materna, quando um antepassado assassinou uma mulher grávida em cujo ventre se formava um indivíduo dessa espécie, ou, ainda, se a vítima era assim. No primeiro caso, denomina-se de *simpatia;* e no segundo, de *geração.* Qualquer que seja a procedência, tais filhos inspiram idolatria aos pais.

T. quimb. de *kutata:* transportar. Alusão ao modo de encarnação.

Quizembe, s. m. Alpendre mortuário. Recinto com toldo, para exposição ritual de cadáveres. Fig. Óbito.

Destina-se às entidades que receberam poderes espirituais, como sobas. Caçadores, quimbandas, a fim de lhes serem prestadas determinadas formalidades. Para o efeito, é o cadáver assentado numa cadeira ou armação similar.

T. quimb. de *kuzembesa:* fazer desgostar. Alusão à contrariedade que a alma experimenta, molestando os familiares, se o corpo permanecer no quarto onde se produziu a morte.

R

Rasgar o fogo, l. v. Traçar cruzes a pemba e ucusso, no momento em que se vão cozinhar as iguarias destinadas a um festim ritual, nos sítios onde se dispõem as trempes de pedra, quimbundomente denominadas *massuícas,* bem como no exterior das panelas.

Adap. do quimb. *kutandula o dijiku.*

Rato-de-palmeira, s. m. Género de mamíferos roedores arborícolas, ordinariamente vivendo em palmeiras, sendo o pêlo, em geral, ruço, e a cau-

da, tufada. Esquilo. O mesmo que *xinjanguele*.

T. port.

S

Sacussaco (Cymbopogon densiflorus Stapf), s. m. Erva aromática, anual, raras vezes persistente.

Enciclo. - Usado em doenças peitorais, hemorragias, lavagens puerperais, dores de cabeça.

T. quimb. de *kusakula:* curar. Alusão ao efeito medicinal.

Salalé ou **Salalé**, ou, ainda, **Sualalé** ou **Sualalê**, s. m. Formiga-branca. Térmite. Bras. Cupim.

Aport. do quimb. *sualala*.

Samba (a), s. m. Espírito protector dos caçadores. s. m. e f. Nome dado ao indivíduo que, após o tratamento espiritual de qualquer dos pais através dos calundus, nasce em ambiente afortunado. *Samba ia Uenji* (Pasta do Negócio) seria, no entanto, o seu nome completo.

T. quimb.

Samba (b), s. f. Saca ou cesta de ocultista, para depósito de seus utensílios. O mesmo que *gonga* (a). P. ext. Qualquer dos objectos utilizados domesticamente, quer para arrecadação de drogas medicinais, quer para outras coisas quaisquer.

Relativamente a quimbandas, os homens usam, de preferência, a saca, feita de pele ou de mateba; e as mulheres, a cesta, tecida de mateba. Por efeito do não pagamento de seus honorários, expõem eles tal utensílio ao sol, e em lamentações batem-lhe várias vezes, intimando-o a ir cobrar o dinheiro em dívida.

T. quimb. de *kusâmba:* celebrar. Alusão à serventia.

Santo, s. m. Entidade espiritual procedente da raça branca.

Conforme se manifestam - através de alguém ou isoladamente - qualificam-se em *santos de kazola* e *santos de malunga*. Foi por influência do catolicismo que se incorporou o termo à religião tradicional.

F. port.

Santo de Kazola (ó ou ô), l. s. m. Entidade principal de um agrupamento ou falange de espíritos tutelares. Chefe dos guias espirituais da afeição.

Pertenceu à raça branca. Seu agrupamento, além de incluir espíritos que também foram dessa raça, engloba outros que procederam da raça negra. À excepção destes, os demais manifestam-se em português.

Para sofrer a sua incorporação, o médium, normalmente mulher, traja-se de branco, ostentando, até abaixo do peito, um crucifixo de tamanho variável, consoante a determinação da entidade habitual. E conforme ainda seu desejo, assim a cor da fita de onde pende o crucifixo.

T. hibr. de port. e quimb.

Sanzala, s. f. Povoado. Bairro indígena. Deprec. Casa ou lugar em que vive ou se acha muita gente despropositada, sobretudo falando alto e simultaneamente. O mesmo que *quimbo,* entre os Umbundos.

T. quimb. de *kusânza* (tornar habitável) + kukâ/a (residir).

Sefo (ê), (***Taurotragus oryx*** - só machos), s. m. Antílope de grande corpulência, com chifres direitos, centralmente torcidos em espiral. O mesmo que *gunga* e *elande cinzento.*

Quando adulto, pesa entre 800 quilos a 1000 quilos. Constitui o maior dos antílopes. Não investe.

Dada a sua corpulência, é pouco veloz na corrida. Por isso, sua caça pode ser feita a cavalo, a ponto de o caçador, com uma faca comprida, cortar-lhe os tendões das pernas traseiras. É tão dócil que, mesmo depois de ferido, se desfaz em lágrimas. Abunda sobretudo na zona do Sul.

T. quimb.

Sereia, s. f. Ser sobrenatural das águas. P. ext. Criatura fisicamente anormal ou de extraordinário poder espiritual. Loc. *Nascer -:* nascer com grande deformação ou outra anomalia. O mesmo que *quianda*, entre os povos de língua quimbundo. Bras. Iemanjá.

Ao contrário da sereia europeia, a sereia africana não se revela metade gente e metade peixe. Sob outros diversos aspectos, pode ela mostrar-se.

T. port.

Só, adv. À toa. Em vão. Irreflectidamente. Somente. Sozinho.

Como partícula sentimental, exprime veemência ou intensidade emotiva.

Adap. do vernác.

Soba, s. m. Autoridade suprema de uma tribo africana. Régulo. Irón. Indivíduo de maior preponderância num meio. Chefe de família. O que possui muitas mulheres. Adj. unif. fig. O maior, o principal (animal de uma manada). Real.

O soba por direito de sucessão, além do poder temporal, ainda reúne o espiritual, pelo que, no acto da investidura, se submete a determinadas práticas. Nalgumas áreas do interior de Luanda, o sucessor, no momento oportuno do ritual fúnebre, sorve-lhe a secreção nasal, denominada *ndua*. Antes, porém, era espancado pelo povo, em testemunho da imparcialidade da justiça a fazer a todos.

T. quimb.

Sobongo* (**sô**), s. m. Arbusto de fruto medicinal.

Encicl. - Na medicina tradicional, o sobongo emprega-se no tratamento de vários males: em cólicas, mastiga-se uma semente, apenas se engolindo a saliva, bebendo-se em seguida um trago de aguardente ou de água morna, e com os resíduos, fomenta-se o ventre; em ardor de garganta, procede-se analogamente, mas dispensando-se a bebida; em dores de cabeça, esfregam-se as fontes com o seu pó, obtido por friccionamento numa pedra, e o qual

é misturado com uma pinga de vinagre, ou mesmo água. O seu cozimento, de mistura com mais outros produtos, ainda se utiliza em semicúpio, em infecções vaginais.

T. quimb.

Solongongo *(sô)*, s. m. Abrev. de *Dijila de Solongongo.*

Subir, v. tr. Transpor um plano inclinado. V. intr. Aumentar. Sair das profundezas do globo (para efeito de possessão). Ser colocado sobre. Trepar.

Adap. do quimb. *Kubanda.*

Suku, s. m. Deus. O mesmo que *Nzâmbi*, entre os povos de língua quimbundo.

T. umb. e do Sud.

T

Tacula (Pterocarpus tinctorius Welw.), s. f. Árvore bastante elevada que se encontra nas ravinas de Icolo e Bengo, florestas do Cuanza-Norte e Cuanza-Sul, bem conhecida dos colonos; a sua madeira é vermelha ou esbranquiçada com veios vermelhos, sendo muito procurada para trabalhos de marcenaria.

Encicl. - A madeira, pesada e resistente, dificilmente é atacada pela broca. Em umbanda, a sua serradura, bem como a de quicongo e de quissécua, obtida por friccionamento num tijolo ou pedra, pelo que se vai ministrando uma pinguinha de água, emprega-se, mas separadamente, quer na manipulação de bolinhas, denominadas *filhos-dos-calundus*, quer no besuntamento do corpo e roupas, com o objectivo de se reverenciarem os espíritos - ritual este observado em clausura, assumindo então o quarto a qualificação de *quarto de cuozar*, ou, popularmente, *quarto do "kuoza"*.

F. quimb. de *kuta* (pôr) + *kula* (um dos ts. vernács. da árvore). Alusão ao emprego de sua serradura, em besuntamento do corpo e roupas.

Tanga, s. f. Vestimenta. Tudo o que, em jeito de avental duplo, pendendo da cintura para as coxas, vela as nádegas e os órgãos sexuais. Pano que, cingindo o ventre, descai em idêntica velatura. Des. Antigo pano do traje regional feminino, constituído de certo tecido grosso de duas faces, então denominado *pano-da-costa,* o qual, juntamente com mais dois iguais aos do vestuário, se usava na época do frio, em função de xaile-manto. Bras. Tacanhoba.

T. quimb. de *kutangama:* entroncar.

U

Uanga, s. m. e f. Ciência de feiticeiro. Feitiço. Bruxaria. Malefício. Veneno ou droga nociva, propinados por ocultista.

T. multirreg., tb. sd. deturp. de *ouanga.*

Ucusso, s. m. Ocre vermelho. Variedade de caracterizador ritual.

Possui largo emprego em umbanda e destina-se a atrair a graça dos espíritos. Juntamente com a pemba ou outros pós específicos, serve para as caracterizações que obrigatoriamente se executam nos lugares concernentes à liturgia, a fim de se *abrirem os caminhos,* ou seja, para destruírem qualquer malefício. No traçado da cruz, figura na constituição da linha horizontal.

T. quimb. de *kukûsa:* atemorizar. Alusão à referida eliminação.

Ulombo, s. m. Pó preto de folhas vegetais. Variedade de caracterizador ritual.

Secas e carbonizadas determinadas folhas, são elas esmagadas. O ulombo emprega-se em umbanda e destina-se a atrair a graça dos espíritos. Figura na participação da pemba e do ucusso.

T. quimb. de *kulomba:* toldar. Alusão à destruição de qualquer malefício.

Umbanda, s. f. Ciência de quimbanda. Medicina. Arte de curar. Tratamento preceituado por quimbanda. Cerimónia ou prática ritual (efectuadas por quimbanda). Ritual. Magia. Bras. Seita (ou, mesmo, religião) originada do sincretismo do catolicismo, culto africano e de candomblé, ocultismo e espiritismo, fundamentalmente assentando na existência de Deus e na crença da reencarnação, podendo, pela sua plasticidade, incorporar elementos de outras religiões.

T. multirreg. tb. sd. deturp. de *oumbanda.*

Undo, s. m. Ocre vermelho-escuro. Variedade de caracterizador ritual.

É particularmente usado em umbanda, quer em caracterizações, quer, na falta de ucusso, para satisfazer o apetite de certos espíritos, manifestados em possessão de xinguilador.

T. quimb. de *kuunda:* purificar.

V

Vestir, v. tr. Aplicar ao corpo uma peça de vestuário ou um ornato: - *uma camisa, - sapatos, - anéis.* Guarnecer com retalhos adequados, e noutros casos, também com fibra de embondeiro, certos utensílios empregues em determinados rituais: - *o pilão, - a panela.* V. intr. Cobrir-se de penas (a ave), ou de folhas (a planta): *A galinha e a árvore já estão a -* . Adaps. do vernác.

Vunji *(Vúnji),* s. f. Espírito feminino que administra a justiça. Entidade espiritual da justiça. É única e saiu de uma lagoa. Pode manifestar-se no ventre materno pela ausência do sataménio, desde o último filho ao referente ao fenómeno. Isto é: a mulher alcança sem o aparecimento do mesmo.

Em punição, a sua justiça revela-se através de qualquer das seguintes enfermidades: anemia - o que acontece mais vulgarmente - enfraquecimento da vista, tosse seca, hidropisia.

T. quimb.

Vunjindade, s. f. influência exercida pelo espírito Nvunji.

De *Nvunji.*

Nvunji ia Kazola (Vúnji ia Cazola), l. s. f. Nvunji da Afeição. Denominação que o espírito Nvunji toma, quando manifestado por afeição.

T. quimb.

Nvunji ia Kituxi (Vúnji ia Quitúxi), l. s. f. Nvunji do Crime. Denominação que o espírito Nvunji toma, quando manifestado por um crime, outrora praticado por um antepassado do paciente, na pessoa de fiel a essa entidade.

T. quimb.

Nvunji ia Muiji *(Vúnji ia Muiji)*, l. s. f. Nvunji da Geração. Denominação que o espírito Nvunji toma, quando manifestado por hereditariedade.

T. quimb.

X

Xico, s. m. Magia para segurar ou preservar pessoa, coisa ou ritual.

Conforme a pretensão, assim se enterra: ou o primeiro ovo de uma galinha, ou o apodrecido no choco, ou o ovo de uma galinha-do-mato, ou uma pedra, ou um corninho. O enterramento, efectuado com mais alguns preparos, é completado com uma invocação ao fim desejado.

Os xicos de pedra e de ovo podre constituem magia ofensiva.

T. quimb. de *kuxikuka:* parar. Alusão ao impedimento do mal.

Xinguilador (ô), s. m. Médium (em relação aos viventes). Pessoa que, por faculdade de condições, serve de intermediário entre os espíritos e os vivos. O mesmo que dumbe, *mulher-de-calundu* e *mulher-de-escravidão.* Bras. Filho-de-santo ou cavalo-de-santo. Opõe-se a *catulo,* que o é em relação ao espírito actuante.

Aport. do quimb. *xingile,* result. de *kuxingila.*

Xinguilamento, s. m. Actuação de um ser espiritual. Incorporação. Transe mediúnico. Bras. Estado de santo.

De *xinguilar.*

Xinguilar, v. intr. Sofrer a incorporação de seres espirituais. Cair em transe. V. tr. Servir de instrumento mediúnico a determinadas entidades. Bras. Cair no santo.

Aport. do quimb. *kuxingila.*

Xi-ni-mâvu, s. m. Designação genérica das entidades espirituais e sobrenaturais existentes nas profundezas do globo.

Segundo a crença tradicional, é lá que se acha o Além-Túmulo e a mansão de tais seres. Em vista disso, o solo, quando tomado como lugar sagrado, inspira profunda veneração. Deste modo, para que muitos rituais surtam efeito, o celebrante homenageia os ditos seres, vertendo, no chão, uma porçãozinha de uma bebida ou uma mistura delas. Mas este testemunho de reverência não se estende apenas aos ocultistas: outras criaturas, em acção de graças de um notável acontecimento, procedem identicamente.

Para se rogar justiça, basta bater com as mãos no chão, invocando o nome da entidade justiceira. O simples toque do dedo no solo, efectuado por pessoa qualificada, depois aplicado em assinalamento no interessado, transmite o prodígio de suas virtudes. E com a lama resultante do derramamento do vinho, igualmente aplicada em assinalamento no corpo, em quantos e quantos tratamentos a não empregam!

Literalmente, significa: *região-e-solo.* Por efeito de simplificação, omitiu-se o termo *entidades ou* outro equivalente. Portanto, a designação seria: *entidades da região e do solo.*

T. quimb., sd. *xi,* abrev. de *ixi.*

Z

Nzâmbi, s. m. Deus. Criador. Autor da existência e de suas características dominantes - o bem e o mal.

Conquanto seja o Ente Supremo, não rege directamente os destinos do Universo. No tocante ao nosso planeta, serve-se de intermediários - as entidades espirituais. Em face das atribuições de que se revestem, assumem o carácter de semideuses. Por efeito desse privilégio, é a elas, pois, a quem os crentes se dirigem em suas emergências. Decorrentemente, a quem prestam culto.

Enquanto as entidades espirituais permanecem nas profundezas do globo, Nzâmbi paira em toda a parte, sem lugar determinado. Pelo alheamento a que votou os problemas mundanos, só é invocado em última instância. Tal como noutros povos, também existem sinónimos para o designar: Kalunga, Lumbi lua Suku, etc.

Kalungangombe, o juiz dos mortos, tem o poder de suprimir a existência. Mas se Nzâmbi não concordar com sua decisão, o mortal continuará subsistindo. Portanto, intervém quando necessário.

T. multirreg.

Zemba, s. f. Cinta ritual fechada, contendo, segundo a entidade a que se consagra, ingredientes vários ou aparas de cadáver.

As zembas são envergadas a tiracolo, mas formando x, mesmo sobre as vestes. Usam-se de quando em quando, durante oito dias, e simbolicamente, nos rituais de iniciação e de morte de xinguilador, ou, proteccionalmente, em longa viagem pedestre.

Deturp. do quimb. *nzêmba*, result. de *kuzêmba* (desgostar). Alusão à fúria dos espíritos, no caso de o xinguilador não cumprir a observância.

Zuarte, s. m. Tecido de algodão azul-escuro. Ganga.

Em umbanda, figura em diversas aplicações.

T. port.

Nzûmbi, s. m. Alma de pessoa falecida numa época não secular. Alma do outro mundo. Duende. Fantasma.

Este vocábulo - sinónimo de *ndele* - é mais usado no interior de Luanda. Segundo a crença, as almas, quando saem do seu mundo subterrâneo, caminham no ar, a uns 60 cm do solo. Quando pretendem qualquer coisa, manifestam-se em sonhos ou em rebelde enfermidade. Para as tranquilizar ou aplacar sua ira, os familiares propiciam-lhes festins, variáveis segundo as circunstâncias. E sobre esses entes, tal como se observa universalmente, circulam as mais fantásticas narrativas.

T. quimb., result. de *kuzumbika* (importunar, perseguir). Alusão às perturbações que origina em seus desejos ou vinganças.

Nzûmbi ia Ngana (**Zúmbi iã Gana**), I. s. m. Alma de Senhor.

Esta entidade, em vida, foi vitimada, ou por assassínio, ou por enfeitiçamento, por um antepassado do xinguilador. Difere do Múkua-Kituxi pelo tempo decorrido após o crime: numa época mais distante, o *Mùkua-Kituxi;* e mais recentemente, o Nzûmbi ia Ngana.

Em possessão, surge dorido, patenteando o modo como morreu: coxo, manco, com tosse, etc. Mais que o Múkua-Kituxi, o Nzûmbi ia Ngana, na primeira incorporação, mostra-se terrível, ameaçador. Mas, indemnizado de seus danos, isto é, de quanto levava na ocasião do crime - vestuário, amuletos, mercadoria - integra-se na família, passando a assumir a sua tutela, participando-lhe depois os tutelados, para efeito de sua permissão, os actos mais importantes da vida, até mesmo a celebração de festas.

Afora a diferença já enunciada, a denominação de Nzûmbi ia Ngana é mais usual no interior de Luanda, sobretudo na região do Cuanza, ao passo que a de Múkua-Kituxi o é em Luanda.

T. quimb.

Zunzo (Sida rigida (Don) D. Dietr.), s. m. Subarbusto atingindo 1 m, com ramificação erecta e rija.

Encicl. - É usado no tratamento de biliosas, tanto em beberagem, como em clister. Em umbanda, é utilizado pelos ocultistas, a fim de, com mais outros apetrechos, promover o levantamento das almas de dentro de suas sepulturas.

Deturp. do quimb. *nzunzu*, result. de *kunzunzumuna* (esvaziar). Alusão ao poder de sua acção.

F. de Alcoitão (Portugal), 19 de Março de 1987

ÍNDICE

	Pág.
ESCLARECENDO	5
INTRODUÇÃO	15
ENTES SOBRENATURAIS	23
MINISTROS DO CULTO	35
INICIAÇÃO DO XINGUILADOR	51
CERIMONIALISMO DO XINGUILADOR	111
ADIVINHAÇÃO	117
RITOS DIVERSOS	125
ELUCIDÁRIO	163

Óscar Bento Ribas (1909 - 2004) nasceu em Luanda, a 17 de Agosto de 1909.

Fez os estudos primários e secundários em Luanda, passando pelo "Seminário-Liceu" desta cidade. Iniciou os estudos em Luanda mas foi em Portugal que os terminou. Foi aí que estudou Aritmética Comercial e, quando regressou a Angola, começou a trabalhar na Direcção dos Serviços de Fazenda e Contabilidade. Residiu nas cidades de Nova Lisboa, hoje Huambo, Benguela, Moçâmedes e Sá da Bandeira.

Os primeiros sintomas de vocação manifestaram-se-lhe aos 22 anos quando vivia em Benguela e, aos 36 anos, a sua vocação era definitiva. No entanto, nunca deixou de "escrever" os seus livros, fazendo-o através do punho de um seu irmão a quem dizia aquilo que a inspiração e o conhecimento lhe sugeriam.

Óscar Ribas é considerado um dos fundadores da moderna ficção literária angolana. Iniciou a sua actividade literária ainda nos tempos de liceu. Numa primeira fase, publicou "NUVENS QUE PASSAM", em 1929 e "RESGATE DE UMA FALTA", em 1934. Numa segunda fase, e após 20 anos sem publicar, Óscar Ribas surpreendeu os seus leitores com a publicação de "FLORES E ESPINHOS", em 1948, "UANGA", em 1950 e "OLOS DA MINHA TERRA", em 1952, tendo sido galardoado no mesmo ano com o Prémio Margaret Wrong, do International Committee on Christian Literature for Africa. Publicou ainda:

ILUNDO - Espíritos e Ritos Angolanos (1958).
Prémio de Etnografia 1957, do Instituto de Angola.
MISSOSSO - volumes I, II e III (1961, 1962, 1964),
sendo o III volume distinguido com o Prémio Monsenhor Alves da Cunha 1964,
da Associação de Estudantes dos Antigos Alunos de Coimbra em Angola.
ALIMENTAÇÃO REGIONAL ANGOLANA (1965).
IZOMBA - Associativismo e Recreio (1965).
SUNGULANDO - Contos Tradicionais Angolanos (1967).
TUDO ISTO ACONTECEU - Romance autobiográfico (1975).
TEMAS DA VIDA ANGOLANA E SUAS INCIDÊNCIAS - Ensaios (1987).
CULTUANDO AS MUSAS - Poesia (1992).
DICIONÁRIO DE REGIONALISMOS ANGOLANOS.

Além dos prémios que distinguiram as suas obras, Óscar Ribas foi também agraciado com diversos títulos honoríficos: Membro Titular da Sociedade Brasileira de Folk-lore (1954); Oficial da Ordem do Infante, de Portugal (1962); Medalha Gonçalves Dias, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1968); Diploma de Mérito da Secretaria de Estado da Cultura, de Angola (1985). Em 2000, o escritor foi galardoado com o Prémio Nacional de Cultura e Artes, nas categorias de Literatura e Investigação em Ciências Sociais e Humanas, outorgado pelo Governo Angolano.

Dotado de qualidades inatas de investigador, o seu espírito enciclopédico e a abrangência da sua obra nos vários campos do saber estão bem patentes na sua multifacetada obra, a qual constitui um valioso contributo para o conhecimento e enriquecimento da realidade angolana.

Óscar Ribas é uma das mais ilustres personalidades angolanas, digna de todo o respeito e admiração, pela obra monumental que nos legou e que já foi muitos anos ultrapassou as fronteiras do nosso País, para se projectar em outros espaços geográficos onde é estudada em várias instituições superiores e universidades. A abrangência da sua obra nos vários campos do saber, foi e é fundamental, enquanto um dos pioneiros no estudo, pesquisa e divulgação das distintas áreas das Ciências Humanas, Sociais e Literárias angolanas.

GOVERNO DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA CULTURA

www.mgabooks.com
128667